



Programa de
Pós-Graduação em
Linguística

**OS MECANISMOS ENUNCIATIVOS DE PESSOA-ESPAÇO-TEMPO NO
TEXTO BIOGRAFIA NA PERSPECTIVA DA TEORIA DAS OPERAÇÕES
ENUNCIATIVAS (TOE)**

LIDIANY PEREIRA DOS SANTOS

SÃO CARLOS

2020



Universidade Federal de São Carlos

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS

**OS MECANISMOS ENUNCIATIVOS DE PESSOA-ESPAÇO-TEMPO
NO TEXTO BIOGRAFIA NA PERSPECTIVA DA TEORIA DAS
OPERAÇÕES ENUNCIATIVAS (TOE)**

LIDIANY PEREIRA DOS SANTOS

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de São Carlos, como parte dos requisitos para a obtenção do Título de Doutora em Linguística.

Orientadora: Prof(a). Dr(a). MARÍLIA
BLUNDI ONOFRE

São Carlos – São Paulo – Brasil

2020

PEREIRA DOS SANTOS, LIDIANY

OS MECANISMOS ENUNCIATIVOS DE PESSOA-ESPAÇO-TEMPO
NO TEXTO BIOGRAFIA NA PERSPECTIVA DA TEORIA DAS
OPERAÇÕES ENUNCIATIVAS (TOE) / LIDIANY PEREIRA DOS
SANTOS. -- 2020.

154 f. : 30 cm.

Tese (doutorado)-Universidade Federal de São Carlos, campus São Carlos,
São Carlos

Orientador: MARÍLIA BLUNDI ONOFRE

Banca examinadora: MARIA AUXILIADORA FERREIRA LIMA,
MÁRCIA CRISTINA ROMERO LOPES, LUZMARA CURCINO
FERREIRA, MARLENE APARECIDA VISCARDI MANTOVANI

Bibliografia

1. ATIVIDADE DE LINGUAGEM. 2. ENUNCIÇÃO. 3. PRODUÇÃO
TEXTUAL. I. Orientador. II. Universidade Federal de São Carlos. III. Título.

Ficha catalográfica elaborada pelo Programa de Geração Automática da Secretaria Geral de Informática (SIn).

DADOS FORNECIDOS PELO(A) AUTOR(A)

Bibliotecário(a) Responsável: Ronildo Santos Prado – CRB/8 7325



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

Centro de Educação e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Linguística

Folha de Aprovação

Assinaturas dos membros da comissão examinadora que avaliou e aprovou a Defesa de Tese de Doutorado da candidata Lidiany Pereira dos Santos, realizada em 18/03/2020:

Prof. Dra. Marília Blundi Onofre
UFSCar

Prof. Dra. Luzmara Curcino Ferreira
UFSCar

Prof. Dra. Marlene Aparecida Viscardi Mantovani
UFSCar

Prof. Dra. Maria Auxiliadora Ferreira Lima
UFPI

Prof. Dra. Márcia Cristina Romero-Lopes
UNIFESP

Certifico que a defesa realizou-se com a participação à distância do(s) membro(s) Maria Auxiliadora Ferreira Lima, Márcia Cristina Romero-Lopes e, depois das arguições e deliberações realizadas, o(s) participante(s) à distância está(ão) de acordo com o conteúdo do parecer da banca examinadora redigido neste relatório de defesa.

Prof. Dra. Marília Blundi Onofre

Dedico à minha Família, em especial, ao novo membro, o meu sobrinho João Vinícius, à minha vovó Laura, à amiga Vânia Luísa (in memoriam), à minha cachorrinha Kila (in memoriam) e aos meus ex- e atuais alunos, pois vocês me incentivaram a concluir mais esta empreitada

AGRADECIMENTOS

Quero, primeiramente, agradecer ao Nosso Onipotente por ter me dado força, fé, perseverança, humildade, inteligência e saúde para conquistar mais este presente. Agradeço, em segundo lugar, à minha Família (meus pais Adalberto e Marly e minha irmã Letícia) que sempre foi o meu alicerce e dividiu comigo todas as angústias, alegrias e dificuldades para a realização de mais um sonho. Agradeço também, de modo especial, à minha prima Naira Danielle que sempre esteve comigo nos momentos de tribulação emocional e financeira.

Agradeço, carinhosamente, à Profa. Dra. Marília Blundi Onofre, por ter aceitado ser minha orientadora e por ter sido bastante paciente nos momentos em que fui impaciente. Aos Professores do Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFSCar e também à Secretaria do PPGL, representada pelo Júnior Aparecido e pela Vanessa Rodrigues.

Agradeço também às Professoras que participaram da minha Banca de Qualificação: Profa. Dra. Cássia Sossolote (UNESP) e Profa. Dra. Márcia Romero (UNIFESP) e as que participaram da minha Banca de Defesa: Profa. Dra. Maria Auxiliadora (UFPI), Profa. Dra. Márcia Romero (UNIFESP), Profa. Dra. Luzmara Curcino Ferreira (UFSCar) e Profa. Dra. Marlene Aparecida Viscardi Mantovani (UFSCar – Pós-Doutorado). Obrigada a todas vocês pelas excelentes sugestões!!!

Agradeço, ainda, às Professoras Doutoras: Letícia Marcondes Rezende (UNESP) pela atenção, carinho e contribuição sobre a TOE durante às reuniões do Grupo Enunciar na UFSCar, entre os anos de 2016 e 2018; Helena Topa Valentim (Universidade Nova de Lisboa) e Janete dos Santos Bessa Neves (PUC – RJ) pelo carinho, sugestões e discussões no que diz respeito à TOE desde o meu Mestrado.

Agradeço aos amigos da UFSCar com quem dividi angústias e com quem também tive os melhores aprendizados: Jackson, Roger, Roana, Larissa, Jorge, Ednei, Wilquer, Rosângela, Duane, Stéfano, Daniel, Leonildes, Betânia e Simone (Departamento de Letras). De modo especial, agradeço aos amigos que foram os meus alicerces em São Carlos (cidade que Amooo muito!!!). Solange (a nossa Sol), Carla, Misael Júnior, Dona Maria Thereza, Dona Cris, Dona Márcia, Dona Soninha e aos casais queridos Elizete e Marco Aurélio (meus anjos na minha chegada em Sanca) e Marlene e Ângelo (meus anjos na minha despedida de Sanca.) Ma, você foi peça fundamental nessa reta final, se não fosse você, a minha defesa não teria deslanchado! Mais uma vez, meu muito obrigada!! Nossa!! Sou muito e muito grata a cada um de vocês por tudo que fizeram por mim !!! Eterna Gratidão!!!

Agradeço também, de modo carinhoso, ao amigo João Batista que mesmo tão ocupado com o seu trabalho, conseguiu um tempo para me auxiliar nas traduções dos textos em francês e, dessa forma, abraçou a minha causa e muitas vezes teve que sacrificar seus finais de semana para me ajudar. João, meu muito obrigada!!

Agradeço à Secretaria Municipal de Educação (SEMEC) da Prefeitura de Teresina, em especial, o Prof. Dr. Luiz Carlos Sales e as Professoras Mestras Irene Nunes Lustosa e Luiza pela força, atenção e carinho na liberação do meu afastamento em 2016 para eu cursar o primeiro ano de Doutorado. Aos amigos da Escola Municipal São Sebastião: Luís Carlos Batista, Célia, Clotilde, Elisângela, Juju, Albertina, Ney, Francisca Medeiros, Prof. Raimundo e Prof. Paulo. Sou muita grata a todos vocês!

Aos meus mestres e amigos que também contribuíram com palavras de incentivo, de ânimo e/ou com livros para que eu continuasse motivada a estudar e produzisse os meus artigos: Prof. Dra. Samantha Maranhão (UFPI), Prof. Me. Raimundo Isídio (UESPI), Prof. Me. Ivo Sodré (IFPI), Profa. Dra. Nize Paraguassu (UESPI), Profa. Dra. Bárbara Melo (UESPI), Prof. Dr. Franklin Oliveira (UESPI), Profa. Dra. Mônica Maria Gentil (UESPI). De modo carinhoso, à Prof. Dra. Maria Auxiliadora Ferreira Lima (UFPI), pois foi minha professora na Graduação, minha orientadora no Mestrado e foi quem me apresentou a Teoria das Operações Enunciativas (TOE) de Culioli e, dessa forma, me impulsionou para que eu continuasse os estudos nessa teoria no Doutorado.

Agradeço à Universidade Federal do Piauí (UFPI) pelo incentivo e pelo afastamento em 2018 para que continuasse os estudos do Doutorado, em especial, o Prof. Dr. Welter Cantanhêde, Prof. Dr. Gleison Monteiro, Prof. Me. José Lins e os técnico-administrativos Dandara, Jean, Josivan e Shyara,

E agradeço também, aos demais amigos de Teresina: Dona Raimunda, Dona Inês, Dona Regina, Dona Mundica, Dona Maria Luiza, Dona Eliane, Dona Isabel, Lara Andrea, Dayanne Lises, Mazé, Beth, Geórgia, Isabelle, Diana e Lúcia Vaz. Aos amigos de Picos: Sr. Zacarias, Dona Ivonete, Dona Isonilda e Dona Ana Coutinho. Todos vocês tiraram um tempinho de suas vidas para me confortar com orações, palavras de motivação e abraços fraternos!

A todos vocês meu muito OBRIGADA!!!

[...] Muitos que agora são os primeiros, serão os últimos. E muitos que agora são os últimos, serão os primeiros.” (Mt 19, 30)

SANTOS, Lidiany Pereira dos. **Os Mecanismos Enunciativos de pessoa-espaço-tempo no texto Biografia na perspectiva da Teoria das Operações Enunciativas (TOE)**. (Tese de Doutorado em Linguística). Universidade Federal de São Carlos – UFSCar, São Carlos (SP), 2020.

RESUMO

O presente trabalho de pesquisa situa-se na articulação entre a linguística e o ensino-aprendizagem de línguas e fundamenta-se nas reflexões enunciativas, em especial, no quadro da Teoria das Operações Enunciativas (TOE) proposta pelo pesquisador francês Antoine Culioli (1990) que entende que a Linguística tem como objeto de estudo “a atividade de linguagem apreendida através da diversidade das línguas naturais”, isto é, a tarefa do linguista é estudar o funcionamento da linguagem enquanto atividade significante de representação, ou melhor, enquanto atividade de produção e reconhecimento de formas linguísticas. A análise que propomos, pauta-se pela observação de ocorrências linguísticas presentes em textos de alunos do Ensino Fundamental II, que se caracterizam por apresentar mecanismos enunciativos deslocados em relação ao gênero em causa. Esses deslocamentos podem ou não comprometer o texto em maior ou menor grau, e essa questão coloca-se como uma problemática a ser considerada no ensino-aprendizagem de língua, no tocante à produção textual, e ao respeito às marcas características da instância enunciativa instaurada em um determinado gênero discursivo. Embora muitos desdobramentos ocorram nesta reflexão, nossa pesquisa limita-se à identificação desses casos de deslocamentos enunciativos e na constatação de que o jogo entre a estabilidade e plasticidade linguística pode constituir-se em um indício para o trabalho a ser desenvolvido no exercício de produção textual. Como explica Franckel (1989), uma das propriedades essenciais da linguagem é comportar o traço das operações que a constitui. Dessa forma, a organização dos operandos (marcadores) permite reconstruir o encadeamento das operações (de localização enunciativa, de predicação e de determinação, de modalização, de aspectualidade, etc.) que estão na origem dos textos. Os marcadores referem-se às operações e não a valores estáveis, ou seja, as operações têm um estatuto puramente teórico, na medida em que são uma representação do agenciamento de marcadores, que por sua vez, são a marca de operações mentais realizadas na situação de enunciação pelos sujeitos enunciadores (enunciador origem e coenunciador). O nosso corpus de pesquisa compõe-se pela produção escrita de textos de alunos que se caracterizam pelo texto Biografia e Autobiografia. Com relação à análise do *corpus*, considerando que o aluno produziu o texto Biografia a partir do diálogo com o texto Entrevista, pudemos observar que o texto apresentado busca se configurar numa Biografia, mas, há problemas em relação ao que se espera de fato de um texto biográfico. Além disso, o aluno reconhece os jogos enunciativos instaurados entre os dois textos e os reproduz, embora parte destes jogos seja recuperada pelo discurso direto do entrevistado.

Palavras-chave: Atividade de Linguagem. Produção Textual. Operações.

SANTOS, Lidiany Pereira dos. **Os Mecanismos Enunciativos de pessoa-espaço-tempo no texto Biografia na perspectiva da Teoria das Operações Enunciativas (TOE)**. (Tese de Doutorado em Linguística). Universidade Federal de São Carlos – UFSCar, São Carlos (SP), 2020.

ABSTRACT

The present research work is based on the articulation between linguistics and the teaching-learning of languages and is based on the enunciative reflections, especially in the framework of the Theory of Enunciative Operations (TOE) proposed by the French researcher Antoine Culioli (1990) who understands that Linguistics has as object of study "the activity of language apprehended through the diversity of natural languages", that is, the linguist's task is to study the functioning of language as a significant activity of representation, or rather, as a production activity and recognition of linguistic forms. The analysis we propose, is based on the observation of linguistic occurrences present in texts of elementary school students, which are characterized by presenting enunciative mechanisms displaced in relation to the genre in question. These displacements may or may not compromise the text to a greater or lesser degree, and this question becomes a problem to be considered in the teaching-learning of language, regarding textual production, and respect for the characteristic marks of the enunciative instance established in a given discursive genre. Although many developments occur in this reflection, our research is limited to the identification of these cases of enunciative displacements and the confirmation that the game between stability and linguistic plasticity can constitute an indication for the work to be developed in the textual production exercise. As Franckel (1989) explains, one of the essential properties of language is to carry the traces of the operations that constitute it. In this way, the organization of the markers allows to reconstruct the chain of operations (of enunciative location, predication and determination, modalization, aspectuality, etc.) that are the origin of texts. The markers refer to operations rather than to stable values, that is, operations have a purely theoretical status, in that they are a representation of the agency of markers, which in turn, are the hallmark of mental operations performed in the situation of enunciation by enunciating subjects (origin enunciator and co-enunciator). Our corpus of research is composed by the written production of texts of students that are characterized by the text Biography. Regarding the analysis of the corpus, considering that the student produced the text Biography from the dialogue with the text Interview, we could observe that the text presented seeks to configure itself in a Biography, but, there are problems in relation to what is expected in fact of a biographical text. In addition, the student recognizes the enunciative games established between the two texts and reproduces them, although part of these games is recovered by the direct speech of the interviewee.

Keywords: Language Activity. Text production. Operations

LISTA DE ABREVIATURAS, SIGLAS E SÍMBOLOS

BNCC – Base Nacional Curricular Comum

LT – Linguística textual

TOE – Teoria das Operações Enunciativas

PCNs – Parâmetros Curriculares Nacionais

PNLD – Plano Nacional do Livro Didático

S0 – Sujeito origem

S1 – Sujeito 1

S2 – Sujeito 2

T0 – Tempo origem

T1 – Tempo 1

T2 – Tempo 2

ϵ épsilon (localizador)

a termo de partida

b termo de chegada

= identificação

\neq diferenciação

ω ruptura

< > relação predicativa ou noção

λ lexis

π predicado

0 primeiro argumento

1 segundo argumento

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Texto biográfico produzido pela aluna.....	29
Quadro 2 – Uso dos advérbios de tempo segundo Fiorin (2007).....	53
Quadro 3 – Texto biográfico produzido pela aluna.....	78
Quadro 4 – Etapas de atividade textual para a coleta do <i>corpus</i>	86
Quadro 5 – Explicação da primeira etapa de análise.....	97
Quadro 6 – Explicação da segunda etapa de análise.....	106

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	1
CAPÍTULO 1: A LINGUAGEM NO ENSINO DE LÍNGUA MATERNA.....	5
1.1. Considerações Iniciais	5
1.2. A Linguagem no ensino da língua: expressão do pensamento, instrumento de comunicação ou forma de interação?.....	6
1.3. Concepção de Linguagem na Linguística Textual	10
1.4. Concepção de Linguagem na perspectiva dialógica de Bakhtin.....	12
1.4.1. A concepção bakhtiniana da linguagem nos documentos oficiais de ensino	15
1.4.2. Os gêneros Biografia e Autobiografia na visão de Bakhtin.....	17
1.5. O ensino do Gênero Biografia no Livro Didático	21
1.6. Concepção de Linguagem nos moldes de Benveniste e Culioli	22
1.6.1. A Linguagem em Benveniste	22
1.6.2. A Atividade de Linguagem em Culioli	25
1.7. Síntese Conclusiva	30
CAPÍTULO 2: O QUADRO FORMAL DA TEORIA DAS OPERAÇÕES ENUNCIATIVAS (TOE) 32	32
2.1. A Abordagem Construtivista de Culioli.....	32
2.2. Atividade de Linguagem	35
2.2.1. Atividade de Representação.....	37
2.2.2. Atividade de Referenciação.....	38
2.2.3. Atividade de Regulação	39
2.3. As etapas de construção de um enunciado.....	41
2.3.1. Relação primitiva e a lexis.....	41
2.3.2. Relação Predicativa	43
2.3.3. Relação enunciativa	44
2.4. Noção e Domínio Nocional	45
2.5. Síntese Conclusiva	47
CAPÍTULO 3: DAS CATEGORIAS DE PESSOA E TEMPO AOS PLANOS ENUNCIATIVOS.....	48
3.1. Pessoa e Tempo: algumas considerações.....	48
3.2. Aparelho Formal da Língua em Benveniste	59
3.3. Sujeito e Tempo no viés Culioliano.....	63
3.3.1. Enunciador e Coenunciador.....	63
3.3.2. A Temporalidade	69
3.4. Planos Enunciativos em Benveniste	74
3.5. Planos Enunciativos em Culioli	76
3.6. Síntese Conclusiva	79
CAPÍTULO 4: METODOLOGIA E ANÁLISES DOS DADOS.....	81
4.1. Caráter Metodológico da TOE.....	81
4.2. Contexto de pesquisa	83
4.3. Descrição do <i>corpus</i>	85
4.4. Análise do <i>corpus</i>	86
4.5. Síntese Conclusiva das Análises.....	106
CONSIDERAÇÕES.....	108
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	111
ANEXOS	115
APÊNDICE.....	138

INTRODUÇÃO

O presente trabalho de pesquisa desenvolveu-se a partir das nossas reflexões linguísticas fundamentadas pelos princípios da Teoria das Operações Enunciativas (TOE), de autoria de Antoine Culioli (1985), que nos levaram a questionar o ensino da produção textual fortemente pautado pela reprodução dos gêneros discursivos. Desde que o ensino adotou como parâmetro a perspectiva **comunicativa**¹, com o objetivo de apresentar ao aluno a funcionalidade da linguagem, deu-se especial atenção à relação forma textual – função social, que vem caracterizar os gêneros discursivos, que, por sua vez, passam a ser exemplares no ensino.

O que nos intriga nesse quadro predominante no ensino é a via de mão única que tal prática implica dado que não há, nessa proposta, espaço para se explanarem as ocorrências linguísticas produzidas pelo aluno, fruto da sua **criatividade linguística**², resultantes do exercício de produção-interpretação de texto, por meio de qual o aluno pode aproximar-se mais ou menos do modelo do gênero proposto. Referimo-nos às ocorrências linguísticas que se localizam em um lugar “intergêneros”; explicitando a atividade de linguagem do sujeito que se faz no jogo entre a estabilidade e a plasticidade de um dado gênero discursivo.

Nossas observações referenciam-se na TOE, teoria que estabelece um princípio gerador das variações linguísticas. A variação no viés da TOE diferencia-se do viés da Sociolinguística, pois para Culioli há uma variação que é própria da atividade de linguagem, e é por meio dessa variação que há também uma invariância, a qual permite ter o diálogo intralingua e interlingua anterior às estabilidades linguísticas. Entendemos, a partir desse princípio, que há um lugar gerador dos gêneros discursivos, a partir do qual se observam a identidade e a alteridade de tais modelos discursivos.

A problematização dessas questões no ensino, em especial, sobre a reprodução de parâmetros enunciativos estabelecidos a priori no trabalho com gêneros no contexto escolar, torna-se uma discussão importante à medida que nossas reflexões põem em confronto diferentes

¹ Segundo Rezende (2009), a concepção de Linguagem como instrumento de comunicação é um conceito muito presente no ensino e que coloca como foco o processo de transmissão de mensagens por meio de procedimentos de codificação e decodificação, instaurando emissor e receptor tão idênticos e tão simétricos que os interlocutores não existem, ou seja, trata-se de uma concepção fragmentada, pois não há o diálogo entre o todo (a linguagem pensada como um fenômeno complexo, psicossociológico, interdisciplinar) e a parte (a situação prática de interação verbal).

² Entendemos por criatividade linguística, conforme Franchi (1988), não uma produção genial, diferenciada, mas como uma atividade de linguagem natural fruto da articulação entre a linguagem e as línguas.

concepções de linguagem/línguas a serem consideradas no ensino, que implicam diferentes atitudes do professor em seu trabalho com a produção textual. Dentre tais concepções, defendemos a perspectiva interacional pautada nos princípios construtivistas com os quais o nosso referencial teórico dialoga.

Segundo Culioli (1990), o objeto da Linguística é o estudo da atividade de linguagem em sua relação com as línguas naturais. Tal atividade faz-se pelos sujeitos em interação inter-intrasubjetiva, resultante de operações de representação mental, referenciação linguística e regulação intersubjetiva.³ Essa proposta caracteriza-se por abordar as atividades epilinguísticas, linguísticas e metalinguísticas, a partir das quais se realizam, respectivamente, a atividade geradora da produção linguística, a enunciação linguística (materialidade enunciativa), e a atividade reflexiva sobre a enunciação. Dessa forma, o sujeito é visto em atividade de linguagem atuando, ao mesmo tempo, como produtor e analista, à medida que constrói sua enunciação.

Sustentando-nos nesse contexto da TOE, investigamos nossos dados de pesquisa que se constituem pela produção textual do gênero Biografia, em sua relação com os gêneros Autobiografia e Entrevista, conteúdo do 7º Ano do Ensino Fundamental II, com o qual trabalhamos e em que pautamos nossa Tese.

Na nossa pesquisa observamos a produção textual de alunos em que o exercício se fez a partir do estudo dos gêneros Biografia e Autobiografia, realizado com base nas diretrizes propostas pelo Livro Didático adotado pela escola onde desenvolvemos nosso trabalho. Segundo tais diretrizes, a Biografia é definida como relato oral, escrito ou visual de fatos relacionados a diferentes fases da vida de uma pessoa e apresenta como marcas gramaticais a 3ª pessoa do singular ou plural e a predominância dos verbos no passado.

Já a Autobiografia é definida como relato da vida de uma pessoa real redigida por ela mesma e apresenta como marcas gramaticais a 1ª pessoa do singular e os verbos, de preferência, também ficam no tempo passado.

³ Esses conceitos serão mais detalhados no capítulo que trata do Quadro Formal da Teoria. Mas, de modo breve, podemos dizer que, segundo a TOE, essas operações são nomeadas de tripla relação em que a representação mental é a forma de apreensão do mundo pelo sujeito, onde se dá a construção da noção e é mediada por fatores físico-culturais e mentais, é de ordem psicológica. A referenciação consiste na materialidade linguística, ou seja, nas operações de localização das noções em um dado tempo e espaço, é o texto, o enunciado, ela é considerada de ordem sociológica, a sua construção é intermediada pelo sujeito. A regulação intersubjetiva é de ordem psicossociológica, pois consiste nos ajustamentos realizados pelos sujeitos na atividade linguística, portanto, há uma relação enunciativa instaurada entre sujeitos enunciadores.

Dessa forma, o primeiro ponto que questionamos foi o modelo de reprodução textual a ser seguido pelos alunos em conformidade com as características dos respectivos gêneros em pauta. O segundo ponto, em consonância com o primeiro, tem a ver com as produções textuais desenvolvidas pelos alunos em resposta ao exercício proposto.

Das produções dos nossos alunos, levantamos nosso *corpus* de pesquisa composto por ocorrências linguísticas que se caracterizam por apresentar mecanismos enunciativos deslocados em relação aos gêneros em trabalho. O que apontamos como deslocamentos enunciativos, observados na instauração de noções sejam de pessoa, de tempo ou espaço, podem ou não comprometer o texto em maior ou menor grau. O fato é que tais ocorrências não devem ser vistas como “erros”, mas como traços linguísticos resultantes da criatividade linguística dos alunos e que devem ser levantados como referenciais enunciativos a serem trabalhados em sala de aula. É sob essa perspectiva que entendemos o trabalho construtivo, à medida que usamos o texto do aluno como dado a ser explorado didaticamente. Trata-se do que Culioli (1990) chama de observáveis linguísticos, que vem a ser os dados da TOE.

A pesquisa que propusemos para o ensino tem sua relevância por apresentar uma abordagem enunciativa da produção textual que leva em conta a criatividade linguística do aluno. Tendo em vista que o papel do ensino de língua é desenvolver a capacidade discursiva do aluno, tal como propõem os PCN, acreditamos que os estudos enunciativos propostos pela TOE possam contribuir para que haja uma (re) avaliação das práticas de ensino de língua materna que têm sido adotadas pela escola e que muitas vezes voltam-se para a aplicação de modelos, sem que se faça uma reflexão sobre o entrelaçamento das marcas enunciativas responsáveis pela significação.

Apresentamos a nossa tese em 04 (quatro) capítulos.

No primeiro capítulo, **intitulado “A Linguagem no Ensino de Língua Materna”**, discutimos o conceito de texto apoiando-nos em quadros teóricos que foram incorporados ao ensino. Discutimos texto como pretexto para o ensino de gramática, apresentamos algumas considerações de Bakhtin ([1929], 2010) no que diz respeito às noções de Língua, Enunciado, Gêneros primários e secundários e os gêneros Biografia e Autobiografia; abordamos também a noção de Texto na perspectiva da Linguística Textual. Mostramos também a visão do ensino de texto preconizada nos PCNs e na BNCC, por último, trazemos algumas considerações de Texto na perspectiva enunciativa de Benveniste ([1976] 2006) e Culioli (1990).

No segundo capítulo, intitulado **“O Quadro Formal da Teoria das Operações Enunciativas (TOE)”**, discutimos o que diz respeito à Abordagem Construtivista e apresentamos os principais conceitos da TOE, dentre eles: Atividades de Linguagem (Representação, Referenciação e Regulação), Noção, Domínio Nocial, Tipo, Atrator e Ocorrência.

No terceiro capítulo, intitulado **“Das categorias de pessoa e tempo aos planos enunciativos”**, apresentamos, de modo geral, alguns estudos dessas categorias e enfatizamos na visão enunciativa de Benveniste e Culioli, com o intuito de mostrar como cada autor entende o funcionamento dessas categorias no processo de produção de enunciados. Então, dialogamos sobre “planos enunciativos” e, além disso, abordamos também sobre “alteridade”, “modalidade” e “aspecto” no viés da TOE.

No quarto capítulo, intitulado **“Metodologia e Análise dos Dados”** trazemos as nossas análises na seguinte sequência: da Entrevista para a Biografia e da Biografia para a Autobiografia; e, por último, as “Considerações” desse trabalho, colocamos entre aspas, pois sabemos que uma pesquisa acadêmica nunca, de fato, está totalmente concluída, ela se torna acabada mediante àquele espaço, tempo em que se determinou; mas, é, claro, sempre há o que se aprofundar e melhorar.

CAPÍTULO 1: A LINGUAGEM NO ENSINO DE LÍNGUA MATERNA

O presente capítulo versará sobre as Concepções de Linguagem, com ênfase no modelo interacionista, em que se apresentará o viés de Bakhtin, Benveniste e Culioli. Além disso, discutir-se-á a concepção bahktiniana presente nos documentos oficiais no que diz respeito à produção textual e mostrar-se-á a perspectiva culioliana de atividade de linguagem para a produção e interpretação textual.

1.1. Considerações Iniciais

O problema no fato de se priorizarem os modelos idealizados no ensino, a que nos reportamos aqui, diz respeito ao papel que se atribui ao aluno de mero espectador, cujas ações caracterizam-se por ser reprodutivas. Ainda que o ensino não mais se limite à normatividade linguística, reconhecendo as várias formas de uso gramatical e/ou textual, que são abordadas como variações, o que podemos observar é que houve ampliação dos contextos considerados, sem que se alterasse o papel destinado ao aluno.

Apesar da crítica aos modelos reprodutivos, já presentes nos documentos oficiais de ensino, que reforçam a relevância de se formar um aluno criativo nos moldes do que propõe o Construtivismo, não queremos negar as formas discursivas estabilizadas, validadas socialmente. A nossa questão se volta para acentuar que os modelos propostos aos alunos favorecem os mesmos a quebrarem a estabilidade desses modelos e isso não se configura em erro, pois para a Teoria das Operações Enunciativas (TOE) o aluno está no processo de produzir e reconhecer formas linguísticas e essas formas são para a TOE traços de operações linguísticas responsáveis pelos processos de estabilidade e plasticidade, característicos da atividade de linguagem. Pensamos que o ensino de língua tem como tarefa responder às produções dos alunos, seja nos exercícios de escrita ou de interpretação textual, que devem ser referenciais para o trabalho a ser aplicado com vistas ao desenvolvimento linguístico-cognitivo dos aprendizes.

Pautamo-nos em produções textuais dos alunos realizadas na produção-interpretação dos gêneros Biografia e Autobiografia buscando explorar o processo gerador de tais modelos, de

modo que o aluno perceba as possíveis modulações entre as marcas enunciativas responsáveis por estabilizar – desestabilizar os gêneros em causa.

A nossa reflexão consiste em considerar se as ocorrências presentes nos textos dos alunos são referenciais para o trabalho criativo proposto.

Essas considerações sobre as abordagens linguísticas presentes no ensino serão discutidas a seguir.

1.2. A Linguagem no ensino da língua: expressão do pensamento, instrumento de comunicação ou forma de interação?

É possível afirmar que o ensino de Língua Portuguesa no Brasil “trilhou” pelas 03 (três) concepções de linguagem: linguagem como expressão do pensamento; linguagem como instrumento de comunicação e linguagem como meio de interação social. Conforme Travaglia (2009), na primeira concepção, a linguagem assume a condição de mecanismo de exteriorização e materialização do pensamento, o que, por sua vez, articula pensamento e linguagem e a função do ensino era: levar ao conhecimento, talvez, apenas ao reconhecimento das normas e regras do dialeto de prestígio (ensino da gramática); o ensino da leitura e da escrita se voltava para uma perspectiva de codificação/decodificação; o aluno tinha um papel passivo que se resumia ao ato de reproduzir a escrita de autores renomados, com o propósito de alcançar o padrão linguístico de intenso prestígio social; o texto era visto como suporte didático para a realização de atividades linguísticas de identificação, localização, reconhecimento, análise e classificação de regras da gramática normativa.

A segunda concepção de Linguagem tem 02 (dois) momentos: o momento estrutural e o momento instrumental. O primeiro momento está baseado nos pressupostos teóricos do Estruturalismo de Saussure, em que a língua é concebida como um sistema de signos, ou melhor, “é um produto social da faculdade de linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos” (SAUSSURE,[1990] 2012, p.41). E a linguagem, tomada em seu todo, “é multiforme e heteróclita; o cavaleiro de diferentes domínios, ao mesmo tempo física, fisiológica e psíquica [...] a linguagem repousa numa faculdade que nos é dada pela Natureza, ao passo que a língua constitui algo adquirido e convencional” (SAUSSURE,[1990] 2012, p.41)

Saussure ([1990], 2012) por compreender que a linguagem é mais ampla e complexa, estabeleceu a dicotomia *langue* (língua) e *parole* (fala) e definiu que a língua é de caráter

homogêneo, social e, por isso, a escolheu para ser o objeto de estudo da Linguística. Enquanto que a fala, por ser de caráter heterogêneo e tratar-se da manifestação individual concreta dos falantes e por ter a característica de ser mutável, não foi incluída como objeto de estudo, mas, somente a língua. Então, ao estabelecer a *langue* como objeto de estudo, o modelo estruturalista de ensino se desenvolveu com o intuito de descrever a língua e não levou em conta o sujeito usuário dessa língua.

Nessa perspectiva, o ensino tinha como função olhar para língua como sistema autônomo. Além disso, o descritivismo passou a ser um aliado do prescritivismo, sistematizando a norma, isto é, isso se deu mais em nível de estudo gramatical, à medida que o objeto de estudo em ambas perspectivas é o nível oracional.

O segundo momento entende a língua como um código, cuja finalidade é transmitir uma mensagem de um emissor a um receptor. O ensino de texto, nessa perspectiva, estava focado em técnicas de escrita/redação e nas características estruturais dos gêneros textuais que deveriam ser reproduzidas durante o ato da escrita, independentemente da temática e da situação comunicativa. Nessa mesma perspectiva, quando a noção de comunicação ganhou visibilidade, passou-se a olhar para o texto a partir das relações forma e função, estabelecendo-se, assim, as funções da linguagem (função conativa, referencial, poética, etc.) bem como os seus fatores (mensagem, código, emissor, receptor, canal, etc.). A concepção de linguagem nessa fase já admitia uma interação, ou seja, já reconhecia a inserção do sujeito nesse processo; porém, era uma interação instrumental, em que o sujeito era visto como aquele que somente emitia e recebia mensagem e o papel dos participantes reduzido à codificação e à decodificação das informações na mensagem. Assim, o texto escrito era um simples produto da codificação de um emissor/escritor a ser decodificado pelo receptor/leitor na identificação e extração de mensagens do texto.

Franchi (2011) explica que a Linguagem não pode ser vista com base em uma concepção instrumental, que prioriza aspectos do uso linguístico, pois a função de comunicar não é a função única, nem mesmo a função essencial da linguagem dado que ela permite antes a reflexão e o pensamento. Além disso, “antes de ser para a comunicação, ela é para a elaboração, e antes de ser mensagem, a linguagem é construção do pensamento, e antes de ser veículo de sentimentos, ela é um processo criador em que organizamos e informamos as nossas experiências.” (2011, p. 55)

Contrapondo, ainda, a uma visão instrumental da Linguagem, Franchi (2011) afirma que a atividade linguística:

além de envolver a realização de funções sociais exteriores, ela realiza-se em uma multiplicidade de operações subjacentes, internas ao sujeito de que a configuração superficial das expressões é traço revelador porque não se reduz essa atividade ao ato mesmo de enunciar, em que se utiliza o sistema linguístico para a articulação de inúmeros discursos possíveis, carregando um sentido responsável pelos seus efeitos. Como observa bem Culioli (1970:3), “a atividade linguística é *significante*: é porque existem, na comunicação, operações nos seus dois polos que os enunciados ganham sentido (operações complexas, pois todo emissor é ao mesmo tempo receptor e vice-versa)”. Mas não se pode afirmar que as palavras têm um sentido sem ser levado a uma concepção instrumental da linguagem, concebida como um instrumento cuja finalidade explícita seria a comunicação de sujeitos universais que, como se sabe, participam juntos do ‘bom senso’. Ora, pode-se mostrar que a linguagem não é exterior, somente, ao sujeito, mas está em uma relação complexa de exterioridade-interioridade. (FRANCHI, 2011, p. 58)

É possível observar que as reflexões de Franchi se aproximam muito dos pressupostos de Antoine Culioli (1990) presentes na Teoria das Operações Enunciativas (TOE), teoria em que nos pautamos e que defende a concepção de Linguagem como Atividade Constitutiva. Para a TOE, a linguagem é concebida como uma atividade de representação⁴, de referenciação à medida que tal atividade resulta de operações da ordem mental (psicológica), linguística (sociológica) e dialógica (psicossociológica) e de regulação que é a relação enunciativa, a qual desempenha um papel central na atividade de linguagem, pois ativa os ajustamentos entre o sujeito enunciador e coenunciador.

A concepção da linguagem proposta por Culioli (1990), da qual Franchi comunga, será referencial para Rezende (2009) pensar o processo de ensino-aprendizagem de língua, porque as línguas naturais são os próprios arranjos textuais (escritos ou orais). Por isso, para Rezende (2009), essa proposta de articulação da linguagem com as línguas naturais traz consequências positivas para o ensino de línguas. Porque:

[...] A linguística, derivada dessa reflexão, é uma linguística de base antropológica e extremamente rica ao ensino de línguas. Como a dimensão do diálogo pode variar, pois vai desde o diálogo intra-sujeito e intersujeitos ao diálogo intralíngua e interlínguas, a questão do mesmo (identidade) e do diferente (alteridade) está na base da reflexão de Culioli destruir todo o contorno (línguas, sistemas, estruturas, subsistemas) e dizer que a visibilidade possível de algum contorno (por exemplo, o contorno de ‘língua portuguesa’) nada mais é do que condicionamento espaço-temporal das representações que tiveram a sua origem na interação verbal básica entre um sujeito e outro, ou entre o sujeito e ele mesmo. (REZENDE, 2009, p. 14)

⁴ Detalharemos essas Atividades no Capítulo sobre O Quadro Formal da TOE.

Segundo Rezende (2009, p.15), o esquema tradicional de linguagem como instrumento de comunicação não se sustenta, haja vista que, “falamos muito mais para nos equilibrar do que para comunicar”, pois tanto o **outro-outro** quanto o **eu** são igualmente importantes no processo de equilíbrio. Logo, se definirmos como sendo o objetivo do ensino de língua oferecer os mecanismos adequados para que o indivíduo saiba se relacionar com o outro e com o mundo, o estudo do processo de produção e reconhecimento de textos (orais e escritos) passa a ser o centro desse ensino-aprendizagem e possibilita uma reflexão teórica sobre línguas naturais e linguagem, uma vez que, “é preciso saber, em um nível teórico, como se liga *forma de expressão* a *conteúdos experienciais* e como que é possível permitir ao indivíduo novas formas de experiência/percepção ajudando-o a organizar cada vez mais a sua própria forma de expressão”. (REZENDE, 2006, p. 28)

Dessa forma, a linguagem não serve apenas para comunicar, ela vai além dessa função, pois ela serve, primeiramente, para organizar a inteligência para criar o diálogo, ou seja, permitir a interação. E foi nesse viés que surgiu a terceira concepção de linguagem.

A terceira concepção surge em meados dos anos 80 e a língua passa a ser vista na perspectiva pragmática-enunciativa que concede primazia à interação. O sujeito passa a ser concebido como ator e construtor social, que atribui e elabora sentido, assumindo, assim, uma postura ativa. O ensino da leitura passa a ser abordado como um processo interativo entre autor e leitor, mediado pelo texto, envolvendo conhecimentos (de mundo, de língua) por parte do leitor para que haja compreensão. A escrita, neste novo contexto paradigmático, é alçada à condição de produção de texto e ambas (leitura e escrita) trabalham articuladas em uma perspectiva de junção de fatores.

Dessa forma, como explica Suassuna (2006), surgem novos eixos para o ensino de Língua Portuguesa: Leitura (deve permitir ao aluno construir caminhos pelos quais ele atribui sentido ao dizer do outro); Produção de Texto Escrito (deve levar o aluno a expressar sua visão de mundo); Linguagem Oral (deve dar margem a que o aluno participe, enquanto cidadão do debate social) e Análise Linguística (deve contribuir para que o aluno, refletindo sobre a língua, busque e construa explicações cada vez mais sistemáticas e articuladas sobre seu funcionamento).

Assim, como explica Geraldi (1995), a produção de texto (oral ou escrito) é ponto de partida e de chegada de todo o processo de ensino/aprendizagem de língua, porque é no texto que a língua se revela em sua totalidade, quer enquanto conjunto de formas, quer enquanto discurso que remete a uma relação intersubjetiva. Então, para Geraldi (1995), o aluno passa a

ser visto como sujeito leitor e sujeito autor de seus textos e cabe ao professor ser o mediador entre o objeto de estudo que é a língua por meio do texto e a aprendizagem que vai se concretizando nas atividades de sala de aula.

Mas, mesmo por se tratar de uma concepção interacionista da linguagem, em que o Sujeito passa a “ter vez”, temos diversidades de entendimentos no viés da Enunciação, citamos aqui, em especial, Bakhtin, Benveniste e Culioli. O primeiro trabalha com o viés de interação entre os sujeitos situados historicamente por meio dos gêneros discursivos, ou melhor, temos o Sujeito Ideológico; o segundo, apresenta o sujeito como processo de um jogo de interação que através do aparelho formal de enunciação permite a passagem de locutor a sujeito num processo de apropriação da língua e, o último, que é o cerne da nossa base teórica, analisa o sujeito através dos vestígios de operações deixados nos enunciados, ou seja, trata-se de um modelo linguístico-cognitivo que defende como objeto de estudo da Linguística a articulação entre língua/linguagem.

Diante o exposto, observamos que há várias perspectivas presentes no ensino advindas de quadros linguísticos que, embora se sustentem na concepção interacional diferem entre si pelo modo que compreendem esse conceito de Linguagem. Entre esses quadros optamos por discutir, inicialmente, aqueles que tiveram forte influência no ensino como a Linguística Textual, seguida pela proposta enunciativa de Bakhtin. Discutimos, ainda, Benveniste, por suas contribuições em relação às marcas de pessoa, espaço e tempo; em continuidade a essa discussão, apresentamos os princípios enunciativos de Antoine Culioli, ressaltando as suas possíveis contribuições para o ensino. Vejamos.

1.3. Concepção de Linguagem na Linguística Textual

A Linguística Textual já não trata a língua como sistema autônomo, mas observa o seu funcionamento nos processos comunicativos de uma sociedade, porque passa a ter o interesse em estudar os “textos-em-funções”, ou seja, o texto deixa de ser visto como produto acabado em que deve ser analisado sintática ou semanticamente e passa a ser considerado como elemento constitutivo de uma atividade complexa, como instrumento de realização de intenções comunicativas e sociais do falante. Assim, passou-se a investigar os meios e as regras implicadas na produção e recepção de “textos-em-função” e o encaminhamento de um projeto para um modelo de comunicação linguística em que se tem um sistema coordenado de hipóteses relativas ao jogo de atuação comunicativa. Como explica Schmidt (1973):

A linguagem... já não é considerada primariamente um sistema de signos, denotativo, mas um sistema de atividades ou de operações, cuja estrutura consiste em realizar, com a ajuda de um número aberto de variáveis e um repertório fechado de regras, determinadas operações ordenadas, a fim de conseguir dado objetivo que é a informação, comunicação...
(SCHMIDT 1973 apud KOCH, 2009, p. 16)

Essa perspectiva foi difundida pelos seus principais representantes aqui no Brasil, os quais estruturaram a Linguística Textual (doravante LT), em especial: Marcuschi (1983, 2001, 2008, 2010) e Koch (1989, 1997, 2000, 2009, 2011).

Para Marcuschi ([1983], 2012), a Alemanha (no período posterior à década de 1960) pode ser considerada o berço da LT e 03 (três) grandes momentos podem ser observados: 1º) a pesquisa atém-se aos estudos das relações interfrasais e transfrasais; 2º) surge a gramática textual demonstrando que o falante é dotado de uma competência linguística que lhe possibilita reconhecer e produzir textos coerentes; 3º) surge a linguística do texto, propriamente dita, preocupada com os fatores de produção, recepção e interpretação de textos.

Conforme Marcuschi (2008, p. 73), a LT pode ser definida como “o estudo das operações linguísticas, discursivas e cognitivas reguladoras e controladoras da produção, construção e processamento de textos escritos ou orais em contextos naturais de uso.” Dessa forma, a LT entende que a língua não funciona e nem se dá em unidades isoladas, mas sim, em unidades de sentido chamada “texto”, sejam textos orais ou escritos. E por isso que Marcuschi (2008) adota a noção de texto trazida por Beaugrande (1997 apud MARCUSCHI 2008, p. 72): “o texto é um evento comunicativo em que convergem ações linguísticas, sociais e cognitivas.”

Ainda para Marcuschi (2008, p. 75-76), o que se postula na LT “é que a língua não tem autonomia sintática, semântica e cognitiva, pois o texto não é simplesmente um artefato linguístico, mas um evento que ocorre na forma de linguagem inserida em contextos comunicativos.” Ou seja, a LT busca ver o funcionamento efetivo da língua nos textos e dessa forma ela analisa os critérios de textualidade. Como explica Marcuschi (2008), os critérios foram definidos por Beaugrande e Dressler (1981 apud MARCUSCHI 2008) partindo da noção de texto elaborada por eles e devem ser vistos com algumas ressalvas, como: 1º) não se pode dividir os aspectos da textualidade de forma tão estanque e categórica; 2º) não se deve concentrar a visão de texto na primazia do código e nem da forma; 3º) os critérios não podem ser vistos como princípios de boa formação textual.

Tanto Marcuschi (2008) quanto Koch (2009) defendem a mesma linha de pensamento quanto à textualidade e, para eles, a textualidade possui 03 (três) grandes pilares: produtor (autor

do texto); leitor (receptor) e o texto (o evento) e 07 (sete) critérios⁵ (coesão, coerência, aceitabilidade, informatividade, situacionalidade, intertextualidade e intencionalidade), os quais não constituem princípios de boa formação textual e, sim, critérios de acesso à produção de sentido. Assim, conforme Beaugrande e Dressler (1997 apud MARCUSCHI 2008, p. 97): “Considerando o texto como uma atividade sistemática de atualização discursiva da língua na forma de um gênero, os sete critérios da textualização mostram quão rico é um texto em seu potencial para conectar atividades sociais, conhecimentos linguísticos e conhecimentos de mundo.”

Dessa forma, o ensino da leitura passa a ser abordado como um processo interativo entre autor e leitor, mediado pelo texto, envolvendo conhecimentos (de mundo, de língua) por parte do leitor para que haja compreensão. Além disso, o produtor do texto, ao elaborá-lo, leva em conta o leitor e utiliza diversas estratégias, marcas e pistas textuais para que o leitor ao refletir sobre os recursos linguísticos utilizados durante o processo de escrita, possa produzir efeitos de sentido, chegando assim ao propósito comunicativo.

Diante do que estamos discutindo, a concepção de linguagem está atrelada à concepção de texto que é compreendido como um evento que atualiza sentidos e não uma entidade que porta sentidos independente dos seus leitores, ou seja, o texto não é mais visto como produto, e sim, como um processo que envolve produtor e leitor para a construção de sentido. Além disso, para essa perspectiva, ensinar lidar com textos é mais do que ensinar usos linguísticos visto que se ensinam operações discursivas de produção de sentidos dentro de uma dada cultura com determinados gêneros como formas de ação linguística.

Vejam a seguir, a concepção de linguagem no viés bakhtiniano.

1.4. Concepção de Linguagem na perspectiva dialógica de Bakhtin

Bakhtin ([1929], 2010) considera a língua como enunciação, ou seja, como algo dinâmico decorrente das ações do homem nas suas interações sociais. Porque, para ele, “a língua vive e evolui historicamente na comunicação verbal concreta, não no sistema linguístico abstrato das formas da língua, nem no psiquismo individual dos falantes”. (BAKHTIN [1929], 2010, p.128).

Por serem dinâmicas as ações do homem, Bakhtin (2011) diz que elas refletem as condições específicas e as finalidades de cada campo da atividade humana, não só pelo seu

⁵ Não iremos nos aprofundar nesses critérios, pois não faz parte do foco do nosso trabalho, apenas estamos citando para poder explicar melhor o entendimento da LT quanto ao funcionamento do texto.

conteúdo e estilo da linguagem, mas, principalmente, por sua construção composicional. Assim, “cada enunciado particular é individual, mas cada campo de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciado, os quais denominamos gêneros do discurso”. (BAKHTIN, 2011, p. 262)

Ele considerou os gêneros do discurso relativamente estáveis, porque observou o enunciado como o próprio ato de interação, por se tratar de um fenômeno sociocultural e, por conseguinte, passivo de inovação.

Bakhtin([1929], 2010) classificou os gêneros em primários e secundários; os primeiros tratam da interação verbal simples (diálogo oral, por exemplo) e os segundos estão inseridos numa comunicação cultural mais complexa como a forma escrita, ou seja, os secundários surgem a partir da transformação dos primários, porque para ele, os gêneros secundários são enunciados institucionais e ideológicos, como exemplo, as pesquisas científicas.

Para Bakhtin (2011, p. 294) “o enunciado não é uma unidade convencional, mas uma unidade real, estritamente delimitada pela alternância dos sujeitos falantes”. Ele chama os enunciados dos locutores de “réplicas” e explica que cada réplica possui um acabamento específico, o qual mostra a posição do locutor, sendo possível responder, ou melhor, ter uma posição responsiva.

A essa questão ele explica que é através do “querer dizer” que se mede o acabamento do enunciado e, por conseguinte, essa atitude responsiva determina também a escolha de um gênero do discurso. Assim, para ele, “todos os nossos enunciados dispõem de uma forma padrão e relativamente estável de estruturação de um todo” (BAKHTIN,2011, p.301). Segundo Bakhtin (2011):

[...] Aprender a falar é aprender a estruturar enunciados (porque falamos por enunciados e não por orações isoladas...). As formas do gênero as quais modelamos nossa fala(...) são mais maleáveis, mais plásticas e mais livres do que as formas da língua. (BAKHTIN,2011, p.302)

Dessa forma, para Bakhtin ([1929], 2010) é por meio dos gêneros do discurso que organizamos nossa comunicação verbal, é através deles que agimos e interpretamos o mundo, pois se não existissem e nem dominássemos os gêneros, a comunicação verbal seria praticamente impossível. Além disso, compreendemos que sejam as Relações Dialógicas representadas nos gêneros discursivos que deveriam ser exploradas no ensino dos gêneros nas salas de aula, e não somente a parte estrutural, pois como explicam Flores e Teixeira (2009,

p.150): “[...] **por trás de todo texto encontra-se um sistema compreensível para todos, a língua, que se mantém como potencialidade a ser concretizada no interior de uma enunciação.**” [grifo nosso]

A enunciação para o autor é o produto da interação de dois indivíduos socialmente organizados e, mesmo que não haja um interlocutor real, este pode ser substituído pelo representante médio do grupo social ao qual pertence o locutor. A palavra é um signo social realizado na enunciação concreta e este é determinado pelas relações sociais. Assim, citamos Bakhtin ([1929], 2010):

[...] a verdadeira substância da Língua não é constituída por um sistema abstrato de formas linguísticas, nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da interação verbal realizada através da enunciação ou das enunciações. A interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua. (BAKHTIN,[1929], 2010, p. 127)

Conforme Rodrigues (2005), para Bakhtin ([1929], 2010), a interação verbal social constitui a realidade fundamental da língua e seu modo de existência encontra-se na comunicação discursiva concreta (concernente à vida cotidiana) e, por sua vez, vincula-se à situação social imediata e ampla. Dessa forma, a língua é entendida em sua integridade concreta e viva, e não a língua como objeto da Linguística, ou seja, a língua passa a ser vista como discurso e não pode ser dissociada de seus falantes e de seus atos, das esferas sociais, dos valores ideológicos.

Assim, Bakhtin ([1929], 2010) considera o **enunciado** como integrante das relações dialógicas, ou seja, vê o enunciado como unidade da comunicação discursiva. Como explica Rodrigues (2005, p.157): a concepção de enunciado de Bakhtin não pode ser a de frase enunciada, que se constituiria em partes textuais enunciadas, “mas de uma unidade mais complexa que ‘transcende’ os limites do próprio texto, quando este é abordado apenas do ponto de vista da língua e da sua organização textual.”

Dessa forma, a palavra **enunciado** para Bakhtin não corresponde à da Linguística Textual e nem à da Semântica Argumentativa, pois para a primeira, **enunciado** está ligado à definição de texto que é a sequência coerente de enunciados; para a segunda, **enunciado** está ligado ao conceito de frase que é vista como uma entidade linguística abstrata, do domínio da gramática e, por consequência, o **enunciado** é visto como uma ocorrência particular, ou seja, a realização *hic et nunc* de uma frase.

Nessa perspectiva bakhtiniana, dois aspectos determinam um texto como enunciado: o projeto discursivo e a realização do projeto discursivo. Conforme Rodrigues (2005):

[...] o seu projeto discursivo [o autor e o seu querer dizer] e a realização desse projeto [a produção do enunciado vinculada às condições/coerções da situação de interação e a sua relação com os outros enunciados; o dado da situação social de interação, da língua, do gênero, etc.], sendo que a inter-relação dinâmica entre esses aspectos determina o caráter do texto. **O texto visto como enunciado tem uma função ideológica particular, autor e destinatário, mantém relações dialógicas com outros textos (textos enunciados) etc., isto é, tem as mesmas características do enunciado, pois é concebido como tal.** (RODRIGUES, 2005, p. 158) [grifo nosso]

Assim, na visão bakhtiniana, o texto é visto como um enunciado que está vinculado a uma função social, ideológica com outros textos, pois, diferentemente de Benveniste e de Culioli que se preocuparam em analisar o enunciado e formalizá-lo (no caso, Culioli) para explicar melhor o funcionamento da língua; Bakhtin, digamos assim, centralizou o enunciado no viés de classe social, isto é, no caráter ideológico da língua. Dessa forma, a concepção de linguagem para Bakhtin, é a interação humana em que os sujeitos situados historicamente se constituem e dialogam com o outro por meio da relação constitutiva com a situação social e por meio da relação constitutiva com a ideologia. Analisaremos a seguir como a concepção bakhtiniana da linguagem se apresenta nos documentos oficiais de ensino.

1.4.1. A concepção bakhtiniana da linguagem nos documentos oficiais de ensino

No que diz respeito à Língua Portuguesa como disciplina, temos dois documentos oficiais a nível nacional que instituem as “normas” para o ensino de língua nas escolas: o mais antigo que são os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) de 1998 e, mais, recentemente, em 2017, o Ministério da Educação (MEC) lançou a Base Nacional Curricular Comum (BNCC). Ambos documentos se estruturam a partir da vertente teórico-epistemológica sócio-histórica, ainda que não contenham remissões explícitas a teóricos de modo particular. Mas, como se sabe, tanto os PCN como a BNCC têm como base teórica os pressupostos de Bakhtin quanto à concepção de linguagem.

Nos PCN de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental (6º ao 9º ano) abordam a concepção de linguagem como instrumento de mediação simbólica que institui relações sociais:

Linguagem aqui se entende, no fundamental, como ação interindividual orientada por uma finalidade específica, um processo interacional que se realiza nas práticas sociais existentes nos diferentes grupos de uma sociedade, nos distintos momentos de sua história. Os homens e as mulheres interagem pela linguagem, tanto numa conversa informal entre amigos, ou na redação de uma carta pessoal, quanto na produção de uma crônica, uma novela, um poema, um relatório profissional. (PCN, 1998, p. 20)

Então, a partir de uma concepção de linguagem como objeto social, os PCN entendem que a interação por meio da linguagem implica a realização de uma atividade discursiva, o que norteia o gênero no qual o discurso se realiza, estando, portanto, implicadas a escolha dos procedimentos de estruturação e a seleção dos recursos linguísticos. Ou seja:

O discurso, quando produzido, manifesta-se linguisticamente por meio de textos. O produto da atividade discursiva oral ou escrita que forma um todo significativo, qualquer que seja sua extensão, é o texto, uma sequência verbal constituída por um conjunto de relações que se estabelecem por meio da coesão e da coerência. Em outras palavras, um texto é só um texto quando compreendido como unidade significativa global. (PCN, 1998, p. 20)

Os PCN (1998) abordam que a unidade básica de ensino é o texto e não palavras, sintagmas e frases descontextualizadas. Explicam ainda que:

Os textos se organizam dentro de certas restrições de natureza temática, composicional e estilística que os caracterizam como pertencentes a este ou aquele gênero. Desse modo, a noção de gênero, constitutiva do texto, precisa ser tomada como objeto de ensino. Nessa perspectiva, necessário contemplar, nas atividades de ensino, a diversidade de textos e gêneros, e não apenas em função de sua relevância social, mas também pelo fato de que textos pertencentes a diferentes gêneros são organizados de diferentes formas. [...] é preciso que as situações escolares de ensino de Língua Portuguesa priorizem os textos que caracterizam os usos públicos da linguagem [por usos públicos da linguagem entendem-se aqueles que implicam interlocutores desconhecidos que nem sempre compartilham sistemas de referência, em que as interações normalmente ocorrem à distância (no tempo e no espaço) e em que há o privilégio da modalidade escrita da linguagem]. (PCN, 1998, p. 23-24)

Na visão mais recente da BNCC (2017):

[...] tal proposta assume a centralidade do texto como unidade de trabalho e as perspectivas enunciativo-discursivas na abordagem, de forma a sempre relacionar os textos a seus contextos de produção e o desenvolvimento de habilidades ao uso significativo da linguagem em atividades de leitura, escuta e produção de textos em várias mídias e semioses.
(BNCC, 2017, p. 65)

Percebemos que a BNCC já menciona as “perspectivas enunciativo-discursivas”; porém, ao ler todo o material, observamos que em nenhum momento há de fato explicações quanto a um trabalho envolvendo uma Teoria Enunciativa, como a de Benveniste ou de Culioli, há, ainda, a ênfase na Teoria Dialógica de Bakhtin e na Teoria da Linguística Textual.

Então, partindo para aspectos pontuais no que diz respeito à produção de textos escritos⁶, os PCN e a BNCC elencam várias condições, nós apontamos algumas, dentre elas: finalidade e especificidade do gênero; lugares preferenciais de circulação; utilização de mecanismos discursivos e linguísticos de coerência e coesão textuais (repetição, retomadas, anáforas, conectivos), conforme o gênero e o propósito do texto. Ou seja, o aluno deve saber utilizar os recursos linguísticos e discursivos conforme o gênero solicitado.

Vejamos, a seguir, o que vem a ser Biografia e Autobiografia no viés Bakhtiniano.

1.4.2. Os gêneros Biografia e Autobiografia na visão de Bakhtin

Como explica Bakhtin (2011), as formas Biografia e Autobiografia surgiram na Idade Média, durante o período do Renascimento e serviam para mostrar e/ou enaltecer as lutas, o poder e as vitórias de pessoas importantes da época. Para ele, não há uma diferença entre essas duas formas quanto ao plano da diretriz axiológica da consciência, pois há coincidência entre o autor e a personagem.

⁶ Queremos deixar claro que o objetivo da nossa pesquisa se volta para a produção de textos escritos e não para os textos orais.

Não existe um limite acentuado e de princípio entre a autobiografia e a biografia, e isso é de grande importância. Diferença existe, evidentemente, e pode ser grande, mas não se situa no plano da diretriz axiológica básica da consciência. **Nem na biografia, nem na autobiografia o eu-para-si (a relação consigo mesmo) é elemento organizador constitutivo da forma. Entendo por biografia ou autobiografia (descrição de uma vida) a forma transgrediente imediata em que posso objetivar artisticamente a mim mesmo e minha vida.** Vamos examinar a forma biografia apenas naqueles sentidos em que ela pode servir para a auto-objetivação, isto é, ser autobiografia, ou seja, do ponto de vista de uma eventual coincidência entre personagem e autor nela. [...] A coincidência pessoal “na vida” da pessoa de quem se fala com a pessoa que fala não elimina a diferença entre esses elementos no interior do todo artístico. Pode-se perguntar como eu represento a mim mesmo diferentemente da pergunta: quem sou?, do ponto de vista do caráter particular do autor em sua relação com a personagem. (BAKHTIN, 2011, p. 138-139) **[grifo nosso]**

Ainda sobre a Autobiografia, Bakhtin (2011) explica que os elementos autobiográficos podem variar muito, pois podem ter caráter: confessional, informe prático puramente objetivo sobre o ato (ato cognitivo do pensamento, ato político, etc.) e de lírica. Mas, esses elementos, conforme Bakhtin (2011, p.139): “[...] eles só podem nos interessar onde têm precisamente caráter biográfico, ou seja, realizam o valor biográfico.”

E ele, ainda, explica que entre os valores artísticos, o valor biográfico é o menos transgrediente à autoconsciência porque na biografia o autor está mais próximo do herói e os dois (herói e autor) podem trocar de lugar e, por isso, é possível a coincidência pessoal entre personagem e autor além dos limites do todo artístico. Ou seja: “O valor biográfico, pode organizar não só a narração sobre a vida do outro, mas também o vivenciamento da própria vida e a narração sobre a minha própria vida, pode ser forma de conscientização, visão e enunciação da minha própria vida.” (BAKHTIN, 2011, p. 139)

Como explica Bakhtin (2011), a vida flui em indissolúvel unidade axiológica com a coletividade dos outros e é assimilada, construída e organizada no plano da possível consciência alheia dessa vida, ou seja, “é percebida e construída como uma possível narração que sobre ela o outro faz para os outros (descendentes); a consciência do possível narrador e o contexto axiológico do narrador organizam o ato, o pensamento e o sentimento em que estes estão incorporados em seus valores ao mundo dos outros; cada um desses momentos da vida pode ser percebido no todo da narração.” (BAKHTIN, 2011, p.141)

Ainda na visão bakhtiniana são possíveis 02 (dois) tipos básicos de consciência biográfica axiológica: aventuresco-heróico e social-de-costumes. O primeiro tipo se baseia em 03 (três) valores biográficos: a vontade de ser herói, de ter importância no mundo dos outros; a vontade

de ser amado; a vontade de superar a fabulação da vida, a diversidade da vida interior e exterior. Segundo o autor, esses três valores são individualistas, mas não estão dissociados do mundo dos outros, estão familiarizados com a existência da alteridade, pois necessita dessa alteridade, pois não há contraposição do *meu eu-para-mim* solitário ao *outro* como tal.

Para ele, no contexto desses valores que levam à aspiração da glória, o futuro tem importância organizadora para o indivíduo que se vê axiologicamente no futuro, mas este não é um futuro absoluto do sentido, e sim, um futuro temporal, histórico (o amanhã); não é um futuro do *eu-para-mim*, mas dos *outros* (descendentes), ou seja, “quando o futuro meramente semântico é guiado pelo indivíduo, todos os elementos estéticos da vida desaparecem para o próprio indivíduo, perdem sua significação; logo, o valor biográfico também deixa de existir para ele.” (BAKHTIN, 2011, p. 143).

O segundo tipo de consciência biográfica axiológica que é a social-de-costumes envolve a humanidade dos heróis vivos (os atualmente vivos) e não a humanidade dos mortos e dos descendentes que irão viver. Nesse tipo biográfico não há o elemento aventuresco, pois predomina o elemento descritivo, ou seja, descreve-se o apego às coisas e às pessoas comuns, o amor à vida é o amor à permanência prolongada das pessoas amadas, dos objetos, posições e relações, “não se trata de estar no mundo e ter importância nele mas de estar com o mundo, observá-lo, vivê-lo e revivê-lo reiteradas vezes.” (BAKHTIN, 2011, p.148)

Nesse tipo de biografia, costuma-se ter mais individualizada a maneira de narrar, porém, a personagem-narradora se limita a amar e a observar, “vive ‘cada dia’ e gasta seu ativismo observando e narrando.” (BAKHTIN, 2011, p. 148). Para o autor nesse tipo de consciência biográfica, podemos distinguir constantemente 02 (dois) planos: 1º) o próprio herói-narrador e 2º) as outras personagens. Vejamos:

- 1) O próprio herói-narrador, representado do interior na forma como vivenciamos a nós mesmos no herói dos nossos sonhos e lembranças, é fracamente identificado com os outros que o rodeiam; diferentemente destes, ele está desolado para o plano interior, embora não se costume perceber acentuadamente a diferença de planos; ele parece situar-se na fronteira da narração, ora entrando nela como personagem biográfica, ora começando a procurar coincidir com o autor – o portador da forma, ora aproximando-se do sujeito do autoinforme-confissão (como acontece na Trilogia de Tolstói, *Infância, Adolescência e Juventude*); 2) as outras personagens, em sua representação há muitos traços transgredientes, elas podem ser não só caracteres mas até mesmo tipos (esses elementos, transgredientes a essas personagens, são dados na consciência da personagem principal-narrador, do herói propriamente biográfico, aproximando-o do autor). Sua vida pode ter

constantemente um enredo acabado, desde que não esteja excessivamente entrelaçada com a vida do herói biográfico – narrador. (BAKHTIN, 2011, p. 148-149)

Assim, o herói biográfico se torna apenas aquele que ele vê, que ama e que não vive; as outras personagens, que a ele (herói) se contrapõem, começam a se distanciar dele axiologicamente, revestem-se de uma forma transgrediente no essencial. E esses são, conforme Bakhtin, os dois tipos basilares de valor biográfico.

Em relação à personagem e autor na Biografia, Bakhtin (2011) explica que, ao criar a personagem e sua vida, o autor se orienta pelos mesmos valores com que a personagem vive a sua vida; em sua criação, o autor apenas dá continuidade ao que já está alicerçado na própria vida das personagens. Portanto não há contraposição de princípio do ponto de vista estético ao ponto de vista da vida, não há diferenciação, pois a Biografia é sincrética e é produto orgânico de épocas orgânicas. Além disso, ele considera que o autor não é um artista puro, assim como a personagem não é sujeito ético puro. Ou seja:

Na biografia, o autor é ingênuo, está ligado à personagem por relação de parentesco, os dois podem trocar de lugar (daí a possibilidade de coincidência pessoal na vida, isto é, a possibilidade autobiográfica). É claro que o autor, como elemento constitutivo da obra de arte, nunca coincide com a personagem: eles *são dois*, mas entre eles não há contraposição de princípio, seus contextos axiológicos são congêneres, o portador de unidade da vida – a personagem – e o portador da unidade da forma – o autor – pertencem ambos ao mesmo universo de valores. [...] Ambos – personagem e autor – são os outros e pertencem ao mesmo mundo de valores e autoridade dos *outros*. (BAKHTIN, 2011, p. 151)

Assim, para Bakhtin (2011), a biografia está diretamente integrada ao mundo imediato que faz parte a personagem e o autor e que envolve Estado, família, cultura, etc., ou seja, esse mundo imediato é o mundo da alteridade e é um tanto condensado em termos de valores e também, um tanto isolado, uma vez que a biografia não é uma obra, e sim, um ato estetizado orgânico e ingênuo, praticado em um mundo imediato investido de autoridade semântica e organicamente autossuficiente.

Dessa forma, considerando todas essas explicações quanto aos gêneros Biografia e Autobiografia no viés bakhtiniano, iremos comentar, a seguir, um pouco como o gênero Biografia é abordado nos livros didáticos.

1.5. O ensino do Gênero Biografia no Livro Didático⁷

Como se sabe, o Livro Didático é o principal material de trabalho do professor no Brasil, assim, conforme o Programa do Plano Nacional do Livro Didático (PNLD), de três em três anos, os professores da rede pública de ensino selecionam o livro que será utilizado para cada triênio. Então, às vezes, poucas mudanças ocorrem nesses livros quanto aos aspectos de como os gêneros são abordados. Em relação ao gênero Biografia, geralmente eles (Livros Didáticos) trazem a explicação da palavra Biografia em comparação com a palavra Autobiografia, pois a diferença está situada nos prefixos “bio” (significa vida) e “auto” (significa falar de si, voltar pra si), ou seja, o primeiro é escrever sobre a vida de alguém e o segundo é escrever sobre si próprio.

Então, os Livros Didáticos trazem um texto biográfico e/ou um autobiográfico e pedem para o aluno analisar os dois e depois responder a uma série de perguntas que se refere às semelhanças e/ou diferenças entre os dois gêneros, em seguida, trazem um quadro explicativo com os principais elementos que caracterizam esses textos, como: finalidade, tempos e modos verbais, principais pronomes utilizados, expressões que indicam tempo e lugar, etc., isto é, mostra uma forma estrutural que deve ser seguida pelo aluno para produzir esse modelo de texto.

Essa “forma estrutural” é justificada como já apresentamos, anteriormente, em decorrência da influência da Linguística Textual (critérios de textualidade) e dos conceitos bakhtinianos no que diz respeito ao conteúdo, estilo e construção composicional que são mencionados nos PCN e ainda pelo caráter sócio-histórico e cultural dos gêneros defendidos por Miller (1984) e Bazerman (2011)⁸ no que se refere à função social dos gêneros, função essa abordada nos livros didáticos nos últimos 10 (dez) anos, pois são posicionamentos que foram estudados e implantados nos livros didáticos por autores que se encontram mais na vertente do sintagma “gêneros discursivos” em vez de “gêneros textuais”.

⁷ Como não é nossa proposta analisar materiais didáticos, trazemos uma apresentação muito próxima das propostas presentes nos materiais didáticos, com o objetivo de comprovar o que afirmamos sobre o trabalho de produção textual no ensino. Por isso, optamos por omitir as referências bibliográficas.

⁸ Conforme Rojo (2005), os gêneros se diferem em 02 (duas) vertentes metateoricamente diferentes: 1ª) Teoria dos Gêneros do Discurso que se centrava nos estudos das situações de produção dos enunciados ou textos em seus aspectos sócio-históricos e cultural, dentre os teóricos, destacam-se John M. Swales (1990), Carolyn Miller (1984) e Charles Bazerman (2011); 2ª) Teoria dos Gêneros de textos que se delimitou na descrição da composição e da materialidade linguística dos textos no gênero, dentre os estudiosos, temos J-P Bronckart (1997) e Jean Michel Adam (1992).

Diante do que apresentamos, fica evidente que no contexto de ensino e produção textual, trabalhar com modelos linguísticos estabilizados não é suficiente, pois ao expor o aluno a modelos discursivos que têm circulação social, enfatizando as marcas que os caracterizam, temos um engessamento quanto à produção textual, uma vez que não se considera a relação léxico-gramatical dos elementos linguísticos que é constitutiva enunciativamente na produção e reconhecimento dos textos.

Há a ausência de um trabalho com os mecanismos enunciativos e discursivos que se constroem por meio das relações léxico-gramaticais para configurarem os sentidos. Na visão da TOE, linguisticamente, não se tem uma estabilidade entre uma forma e uma função, e sim, o constante embate entre a estabilidade e a instabilidade linguística. E é nesse viés enunciativo entre a estabilidade e a instabilidade que segue as nossas discussões. Vejamos.

1.6. Concepção de Linguagem nos moldes de Benveniste e Culioli

Nossa discussão relaciona Benveniste ([1976] 2006) e Culioli (1990, 1999) aos conceitos de Enunciação, Língua, Linguagem e Planos de Enunciação.

1.6.1. A Linguagem em Benveniste

Conforme Flores e Teixeira (2009), há em Benveniste ([1976] 2006) um encadeamento de conceitos que sustentam o seu posicionamento em envolver o seu estudo com a Língua e com a Linguagem. Dessa forma, segundo Flores e Teixeira (2009):

[...] a ideia de língua no axioma **O homem está na língua** evoca as noções de linguagem e línguas, por outro lado, a ideia de homem no mesmo axioma remete às noções de **locutor** e **sujeito** que por consequência, a duas outras noções não menos importantes na teoria benvenistiana: **subjetividade** e **intersubjetividade**. (FLORES; TEIXEIRA, 2009, p.158) **[grifo nosso]**

Então, Benveniste ([1976] 2006) considerou o enunciado como resultado de um ato de enunciação individual amparado num “aqui” e num “agora”. Ele concebeu a enunciação como um ato individual de apropriação da língua produzindo um enunciado. Para ele, o que lhe interessa é o ato mesmo de produzir enunciado e não o texto do enunciado; e é a relação do locutor com a língua que determina os caracteres linguísticos da enunciação; esses caracteres formam o que ele chamou de “aparelho formal da enunciação”, o qual é composto pelas categorias de pessoa, tempo e espaço, ou seja, o *ego* (eu), *hic* (aqui) e *nunc* (agora).

Apesar de Benveniste ser bastante discutido no meio acadêmico, ainda se tem uma visão “equivocada” de que ele não se dedicou à análise dos discursos e dos enunciados; que ele apenas se interessou ao que ele chamou de Aparelho Formal da Enunciação que é constituído de marcadores e de formas sintáticas. Por conseguinte, isso não se sustenta, pois, como explica Flores (2017), os estudos de Benveniste tratam de inúmeros aspectos da linguagem (envolvem morfologia, sintaxe, léxico, enunciação, etc.) e, além disso, estão relacionados com outras áreas de conhecimento, como a Filosofia, Antropologia, História, etc. Através desse olhar, paralelamente aos estudos do Aparelho Formal, foi que ele elaborou as observações que conhecemos sobre o léxico, palavras isoladas ou sessões inteiras de vocabulário. Benveniste ([1976], 2006, p.97) explicou que a língua é ao mesmo tempo imanente ao indivíduo e transcendente à sociedade, ou seja, “[...] em primeiro lugar, a língua é o interpretante da sociedade; em segundo, a língua contém a sociedade.”

Assim, o teórico compreende que a língua é investida de propriedades semânticas e produz sentido por conta da sua própria estrutura, ou seja, para Benveniste ([1976] 2006) por meio do ato da enunciação envolve o emprego das formas e o emprego da língua. Como explica Dias (2007):

[...] Se o emprego das formas é algo relativo unicamente à constituição orgânica da língua, o emprego da língua é algo constituído na relação entre o locutor e a língua. Essa relação no entender de Benveniste produz marcas linguísticas que ele denominou “caracteres linguísticos da enunciação”. Os pronomes pessoais e demonstrativos, os advérbios de tempo e lugar e os tempos verbais adquirem o estatuto de “indivíduos linguísticos”, pois nascem de uma enunciação, isto é, são engendrados de novo cada vez que uma enunciação é proferida e cada vez eles designam algo novo.
(DIAS, 2007, p.55)

Além disso, compartilhamos da explicação de Flores (2013) ao dizer que para Benveniste, **o sentido** deve ser entendido como a possibilidade de referência ao nível superior, o que ele chamou de integração; e o elemento que representa esse nível superior é a frase, ou melhor, “A frase realiza-se em palavras, mas as palavras não são simplesmente os seus segmentos. Uma frase constitui um todo, que não se reduz à soma das suas partes; **o sentido inerente a esse todo é repartido entre o conjunto dos constituintes.**” (BENVENISTE, [1976] 2006, p.132) **[grifo nosso]**

Assim, para Benveniste ([1976] 2006), a frase é um todo constituído por palavras e essas palavras ao se integrarem permitem predicar, ou seja:

[...] podemos segmentar a frase, não podemos empregá-la para integrar. Não há função proposicional que uma proposição possa executar. Uma frase não pode, pois, servir de integrante a outro tipo de unidade. Isso se prende antes de tudo ao caráter distintivo entre todos, inerente à frase, de ser um predicado. Todos os outros caracteres que se podem reconhecer-lhe são secundários com relação a esse. (BENVENISTE, [1976] 2006, p. 137)

E dessa forma, Flores (2013) explica que para Benveniste, a frase tem um sentido formal, pois ela não é integrante; mas, é o nível superior da análise e caracteriza-se pela predicação, ou melhor, **o sentido** de uma unidade linguística é estabelecido pela sua capacidade de integrar uma unidade de nível superior, que é a frase. Assim, Benveniste ([1976] 2006) explica que a frase é a própria vida da linguagem em ação, ou melhor, é o próprio **discurso (a enunciação)**, porque:

[...] a frase é uma unidade completa que traz ao mesmo tempo sentido e referência: sentido porque é enformada de significação, e referência porque se refere a uma determinada situação. Os que se comunicam têm justamente isto em comum: uma certa referência de situação, sem a qual a comunicação como tal não se opera, sendo inteligível o “sentido”, mas permanecendo desconhecida a “referência”. (BENVENISTE, [1976] 2006, p. 139-140) **[grifo nosso]**

É nessa perspectiva de frase, sentido e emprego das formas, que Benveniste ([1976] 2006) traz à discussão o emprego das categorias de pessoa e tempo nos 02 (dois) Planos de Enunciação: Enunciação Histórica e a Enunciação no Plano do Discurso. O primeiro tipo de enunciação trata-se:

[...] da apresentação dos fatos sobrevividos a um certo momento do tempo, sem nenhuma intervenção do locutor na narrativa [...]. Definiremos a narrativa histórica como o modo de enunciação que exclui toda forma linguística “autobiográfica”. O historiador não dirá jamais *eu* nem *tu* nem *aqui* nem *agora*, porque não tomará jamais o aparelho formal do discurso que consiste em primeiro lugar na relação de pessoa eu: tu. **Assim, na narrativa histórica estritamente desenvolvida, só se verificarão formas de terceira pessoa.** (BENVENISTE, [1976] 2006, p. 262) **[grifo nosso]**

O segundo tipo de Enunciação:

É preciso entender discurso na sua mais ampla extensão: toda enunciação que suponha um locutor e um ouvinte e, no primeiro, a intenção de influenciar, de algum modo, o outro. É em primeiro lugar a diversidade dos discursos orais

de qualquer natureza [...] e é também a massa dos escritos que reproduzem discursos orais... enfim todos os gêneros nos quais alguém se dirige a alguém, se enuncia como locutor e organiza aquilo que diz na categoria da pessoa. A distinção que fazemos entre narrativa histórica e discurso não coincide, portanto, absolutamente, com a distinção entre língua escrita e língua falada [...]. Na prática, passa-se de um ao outro instantaneamente. Cada vez que no seio de uma narrativa histórica aparece um discurso, quando o historiador, por exemplo, reproduz as palavras de uma personagem ou intervém, ele próprio, para julgar os acontecimentos referidos, se passa a outro sistema temporal, o do discurso. O próprio da linguagem consiste em permitir essas transferências instantâneas. (BENVENISTE, [1976] 2006, p. 267)

Dessa forma, compreendemos que para Benveniste ([1976] 2006) o plano do discurso seria marcado explicitamente pelas marcas formais de subjetividade, enquanto que no plano da história, não. No plano da narrativa histórica é como se o locutor se afastasse da cena enunciativa, apagando-se enquanto eu-locutor e deixasse que apenas os fatos em 3ª (terceira) pessoa se relatassem por eles mesmos. Voltaremos a discutir esse assunto no Capítulo 3.

1.6.2. *A Atividade de Linguagem em Culioli*

Para Culioli (1990), a enunciação não está vinculada diretamente ao sujeito que se enuncia, ela não é um ato, e sim, um processo de construção, ajustamento de formas em que o enunciado é o resultado desse processo. Em consonância com essa linha de pensamento, Culioli (1990) assume uma Abordagem Construtivista da Linguagem, ao defender que a linguagem é apreendida através das línguas naturais. “Linguagem, é atividade representacional significativa, é somente acessível através de sequências de textos, que é, através de padrões de marcadores que são eles mesmos traços de operações subjacentes.” (CULIOLI, 1990, p. 179)⁹

Para essa abordagem o que interessa é o material verbal, isto é, o sentido só existe desde que seja construído pela linguagem, por meio das unidades lexicais e das marcas gramaticais, pois o enunciado é constituído de léxico e gramática. As formas e os textos são construtores de significação, ou seja, a análise dos fenômenos linguísticos não se reduz diretamente a um raciocínio acerca do mundo ou dos processos cognitivos porque o sentido é construído por meio de unidades que integram o todo formando o enunciado.

E seguindo os pressupostos da TOE, abordamos o que trazem os PCN (1998), ao afirmarem que a atividade mais importante é a de criar situações em que os alunos possam

⁹ *Language, which is meaningful representational activity, is only accessible through text sequences, that is through patterns of markers which are themselves traces of underlying operations.*

operar sobre a própria linguagem construindo ao longo dos anos de escolaridade, observações quanto a similaridades, regularidades e diferenças de formas e de usos linguísticos, levantando hipóteses sobre as condições contextuais e estruturais em que se dão. E por meio da construção dessas hipóteses, o aluno é guiado a realizar um trabalho epilinguístico sobre os textos que produz, escuta ou lê; realizando ainda, uma atividade metalinguística. Ou seja:

Por atividade epilinguística se entendem processos e operações que o sujeito faz sobre a própria linguagem (em uma complexa relação de exterioridade e interioridade). A atividade epilinguística está fortemente inserida no processo mesmo da aquisição e desenvolvimento da linguagem. Ela se observa muito cedo na aquisição, como primeira manifestação de um trabalho sobre a língua e sobre suas propriedades (fonológicas, morfológicas, lexicais, sintáticas, semânticas) relativamente independente do espelhamento na linguagem do adulto. [...] Por atividade metalinguística se entendem aquelas que se relacionam à análise e reflexão voltada para a descrição, por meio da categorização e sistematização dos conhecimentos, formulando um quadro nocional intuitivo que pode ser remetido a construções de especialistas. (PCN, 1998, p. 28)

Compreendemos que ambas atividades se referem aos conhecimentos gramaticais. Passando a impressão de que aquele ensino normativo não será (ou ao menos, não deve ser) reproduzido na sala de aula. Mas, como é sabido, mesmo com todas essas instruções, o ensino normativo e sistemático se perpetuou, de modo pontual, no ensino de produção textual. A TOE aborda também sobre as atividades epilinguística e metalinguística, defende que são atividades importantíssimas para a construção do conhecimento em sala de aula; porém, não aborda nesse viés dos PCN, e sim, pelo viés da articulação entre Língua/Linguagem quando da instauração de uma enunciação. Conforme Rezende (2008):

[...] trazer a atividade epilinguística para a sala de aula é extremamente importante, e a escola passa a ter o seu papel que é ensinar o aluno a pensar o seu pensar, atividade esta que traz em seu bojo processos simultâneos de centralização (identidade e auto-conhecimento) e descentralização (alteridade ou conhecimento do outro). Esta última atividade, com certeza, o ambiente natural não faz. A atividade epilinguística, por meio de mecanismos de parafrazação e desambiguação, permite que textos sejam transformados em busca de uma adequação precisa a um cenário psicossociológico. (REZENDE, 2008, p. 96-97)

Para a TOE, segundo Rezende (2008), dentre a ordem do verbal e do linguístico, temos a atividade epilinguística que é concebida como a atividade (meta) linguística não consciente

manifestada pelos sujeitos no momento em que busca pelo seu repertório linguístico-cognitivo para uma possível melhor organização linguística no processo de produção e interpretação de texto¹⁰. E, dessa forma, defendemos que essa concepção de linguagem não se sustenta quanto à produção e interpretação textual, pois existe um jogo complexo de operações cognitivas que serão detalhadas no próximo capítulo. Por enquanto, apenas queremos deixar claro o nosso posicionamento em relação às atividades epilinguísticas e metalinguísticas.

Por isso, Culioli (1999) estuda o conjunto Língua/Linguagem e defende que os sistemas variam de língua para língua e os discursos de locutor para locutor porque não toma como objeto de análise uma língua como sistema estruturado, e sim, os enunciados em uma língua, isto é, o enunciado em sua materialidade formal. Dessa maneira, ele busca analisar os valores interpretativos que esses enunciados constroem, procura entender o porquê do enunciado ter a forma que tem. Segundo ele¹¹:

[...] o objetivo não é construir uma gramática universal, mas reconstruir, por um processo teórico e formal, as noções primitivas, operações elementares, regras e esquemas que generalizam categorias gramaticais e padrões específicos de cada língua. Em resumo, o objetivo é encontrar variantes que fundem e regulem a atividade de linguagem, em toda sua riqueza e complexidade. (CULIOLI, 1990, p. 179)¹²

Dessa maneira, como explica Onofre (2003), as abordagens clássicas separam léxico e sintaxe, ou seja, palavras nocionais e palavras gramaticais e a TOE não faz essa separação, por justamente apresentar que o objeto da Linguística é a atividade de linguagem e, que por isso, há uma relação léxico-gramatical:

Separam-se léxico e sintaxe, como se o primeiro fosse responsável pelo conteúdo, enquanto a segunda pela forma. É essa concepção que leva à conceituação de “palavras nocionais”, como aquelas que têm significação e que diferem de “palavras gramaticais”, como aquelas vazias de significação, cuja função é sintática, e que diferem, ainda, de “palavras dêiticas”, que se constituem em referência à pessoa, ao espaço e ao tempo do discurso. (ONOFRE, 2003, p. 64)

¹⁰ Voltaremos a falar disso no capítulo sobre O Quadro Formal da TOE. Por enquanto, só queremos explicar essa diferença de concepção entre o nosso pressuposto teórico e os PCN.

¹¹ As traduções são de nossa inteira responsabilidade.

¹² *The goal is not to construct a universal grammar, but to re-construct, by theoretical and formal process, the primitive notions, elementary operations, rules and schemata which generate grammatical categories and patterns specific to each language. In short, the goal is to find the invariants which found and regulate language activity, in all its richness and complexity.*

Dessa forma, a TOE não separa léxico e sintaxe, ela defende o estudo das unidades léxico-gramaticais nos enunciados para o processo de constituição de significação porque há uma relação intrínseca entre forma e significação, ou seja, entre Língua e Linguagem, por isso a TOE entende que a Linguagem é uma atividade, ou melhor, um processo que se caracteriza por ser ao mesmo tempo estável e instável. Estável porque há a regularidade das formas linguísticas e instável porque há também as variações quanto aos usos dessas formas linguísticas.

E é nessa perspectiva de estabilidade e instabilidade que defendemos os Planos de Enunciação na visão de Culioli. Como explica Onofre (2003):

[...] a reflexão sobre os planos de enunciação instala-se nesse jogo entre a estabilidade e a instabilidade linguística, quando uma dada organização léxico-gramatical caracteriza-se por representar determinadas situações enunciativas. Temos, assim, uma relação entre gramática e produção/interpretação de texto que pode ser previsível, ou, ainda, imprevisível. [...] Quer se trate de modelos padronizados ou subvertidos, é sobre os processos de produção de significação subjacentes a essas construções linguísticas que uma análise linguística, que se quer enunciativa, deve operar. **Assim**, a interação que apontamos entre as marcas gramaticais e a enunciação, que caracteriza a atividade de linguagem e que pode ser identificada na relação entre a enunciação e enunciado, relaciona-se ao que chamamos de “planos de enunciação.” (ONOFRE, 2003, p.65) [**grifo nosso**]

Portanto, justificamos que nossa análise em relação à produção do texto Biografia versará sobre a interação entre as marcas gramaticais de pessoa-espaco-tempo na perspectiva enunciativa, com o intuito de entender por que o texto tem a forma que tem, às vezes, seguindo o modelo padronizado, ou, às vezes, subvertendo tal modelo. Ressaltamos, que nossa perspectiva se preocupa com o processo gerador da produção textual e não com os modelos já estabelecidos de gêneros.

Assim, conforme apresentamos sobre Bakhtin (2011), no tópico anterior, ele mesmo justifica que nem na Biografia e nem na Autobiografia o “eu-para-si” é o elemento constitutivo da forma, pois entendemos que há mais elementos, ou melhor, defendendo aqui a nossa perspectiva teórica da TOE, há operações subjacentes (operações de representação, referenciação e regulação) de relações léxico-gramaticais (categorias de pessoa, tempo, aspecto, modalidade) construídas numa cena enunciativa que configuram a estrutura do texto para se justificar como um texto biográfico ou um texto autobiográfico, ou ainda, as duas coisas, como por exemplo, esse texto produzido por uma aluna do 7º ano de uma escola pública:

ELIZETE CALIXTO DE FREITAS¹³

Nascida em Castelo do Piauí no dia 02 de fevereiro de 1978. Elizete era muito feliz e alegre gostava de conviver com sua família. Ela se divertia muito viajando com seus parentes. O lugar preferido era na casa de seu tio José porque tinha uma cachoeira com bastante flores ao redor.

Eu sinto muita falta desse lugar, gostaria muito de voltar. Disse Elizete com os olhos marejados de lágrimas. Afinal, a vida é feita de amigos e família.

Elizete é feliz e sonhava de ter sua própria casa. **Hoje ela é alegre** com os seus filhos porque eles são bons estudantes.

Eu casei em Altos no dia 17 de março de 1996. Eu estudei em três escolas boas. **A minha adolescência** foi bastante legal. **Hoje mim sinto** muito feliz de ter minha própria casa e com os meus filhos.

Quadro 1 – Texto biográfico produzido pela aluna.
Fonte: Elaboração nossa.

Diante do texto apresentado, a aluna realiza deslocamentos de pessoa e tempo, ou seja, há uma alternância de 3ª pessoa para 1ª pessoa e do tempo passado para o tempo presente, como podemos observar em:

< **Ela nasceu**, Ela era feliz, **Ela se divertia** >

< **Eu sinto** muita falta, **Eu casei**, **Eu estudei** >

< **Ela se divertia** muito viajando com seus parentes >

< O lugar preferido era na casa de seu tio José >

< Hoje **ela é** alegre > < Hoje **mim sinto** muito feliz >

Seguindo os pressuposto da TOE, o texto apresenta 02 (duas) Situações de Enunciação: a Entrevista e a Biografia, respectivamente: [Sit 1] e [Sit 2].

[Sit 1]: < Eu sinto muita falta, Eu casei, Eu estudei >

[Sit 2]: < Ela nasceu, Ela era feliz, Ela se divertia >

Observamos que o sujeito enunciador (o aluno) ora traz o “Eu” e ora traz o “Ela” e ambos se referem ao sujeito biografado e dessa maneira as diretrizes para a avaliação deste

¹³ O presente texto foi produzido por uma aluna de 7º ano em 2015, na aula de Produção Textual, quando eu era a Professora Titular da turma na rede municipal de ensino em Teresina. Esta Biografia serviu de base para a produção do meu projeto de Doutorado, pois foi a partir dele que comecei a questionar o modelo engessado sugerido pelo Livro Didático e surgiu o interesse em estudar o ensino enunciativo da produção da Biografia no viés da TOE.

texto no viés bakhtiniano são estabelecidas com base em marcas enunciativas que caracterizam o gênero biografia, conforme citamos em 1.3.2, e, nessa abordagem não se encontram respostas para as questões acerca dos deslocamentos enunciativos apresentados pela aluna, como exemplificamos acima.

A nossa observação consiste em demonstrar que mais relevante do que responder sobre o emprego mais ou menos adequado das marcas características de um gênero, é reconhecer a existência de um lugar híbrido, um lugar intergêneros, que é explicitado nas produções dos alunos. Na perspectiva da TOE, os deslocamentos enunciativos presentes nos textos dos alunos não são um problema, pois os alunos estão apropriando-se das variações linguísticas, que permitem esses movimentos de instanciações enunciativas que dizem muito sobre a criatividade do aluno e podem ser empregados como dados a partir dos quais o professor pode explorar os mecanismos enunciativos mais ou menos adequados à significação pretendida.

Segundo os princípios da TOE, há um lugar gerador dos gêneros onde os diferentes tipos se aproximam, antes das reconhecidas estabilizações entre uma forma e sua função, porque temos lugares discursivos que se constroem por uma dada singularidade, ou subversidade e que contribuem para o refinamento da competência discursiva do aluno. Dessa forma, o texto da aluna exemplifica bem o ensino instrumental da produção textual; pois, percebemos que na prática, ainda que o ensino induza o aluno a empregar uma dada estrutura/modelo para um determinado gênero (no caso, a Biografia), levando-o à reprodução estrutural, questões de deslocamentos como as que apresentamos, às quais o ensino precisa responder, não encontram lugar nesta abordagem.

E a nossa perspectiva vai de encontro a essa proposta, tendo em vista que, apoiando-nos na TOE, defendemos que o ensino de produção textual deva explorar a atividade de linguagem do discente, levando-o a refinar os processos linguísticos.

No próximo capítulo, abordaremos sobre os principais conceitos da TOE.

1.7. Síntese Conclusiva

Como discutimos, o ensino de Língua Portuguesa tem sido motivo de discussão entre os estudiosos, acerca da necessidade de melhorar a qualidade, pois os alunos na década de 70 iam para a escola, mas ainda assim continuavam deficitários no aspecto da leitura e escrita de textos. Já em meados dos anos 80 e anos 90, o ensino de Língua Portuguesa passou a ser

repensado e assumiu um perfil reflexivo sobre a finalidade e os conteúdos do ensino de língua materna. Dessa maneira, passou-se a desconsiderar o uso do texto como pretexto para o tratamento de aspectos gramaticais e a excessiva valorização da gramática normativa com o conseqüente preconceito contra as formas de oralidade e as variedades não-padrão.

Discutimos a concepção de linguagem e assumimos o nosso estudo dentre os quadros linguísticos identificados na academia como enunciativos ou dialógicos. No entanto, o programa que nos apoiamos contrapõe-se não só aos modelos prescritivistas e descritivistas, que se voltam predominantemente para o estudo da língua como gramática, como também aos modelos interacionais que abordam o texto a partir de estruturas ou gêneros pré-estabelecidos. Instalamo-nos em uma perspectiva interacional; porém, buscamos olhar para as possíveis modulações linguístico-discursivas responsáveis por gerar tanto as estabilidades como as instabilidades textuais, expondo assim o movimento pelo qual se dá a construção de significação.

Diante do que apresentamos, apesar de Bakhtin abordar a questão enunciativa e dialógica no conceito de gêneros discursivos fica evidente que no contexto de ensino e produção textual, o trabalho com modelos linguísticos estabilizados não é suficiente, pois ao expor o aluno a modelos discursivos que têm circulação social, enfatizando as marcas que os caracterizam, temos um engessamento quanto à produção textual. E, por isso, a TOE defende um ensino reflexivo, em que através da atividade epilingüística o aluno busque refinar os processos linguísticos.

CAPÍTULO 2: O QUADRO FORMAL DA TEORIA DAS OPERAÇÕES ENUNCIATIVAS (TOE)

No capítulo anterior, comentamos sobre a concepção interacionista da Linguagem, dialogando com o viés de Bakhtin, Benveniste e Culioli e apresentamos a nossa perspectiva que defende como objeto da Linguística a Atividade de Linguagem numa Abordagem Construtivista, a qual entende que o sentido é construído na relação cotexto e contexto, ou seja, a linguagem é atividade representacional significativa. Dessa forma, o presente capítulo discutirá sobre as etapas de construção do Enunciado e conceitos cruciais dessa Teoria como: Noção, Domínio Nocial, Tipo, Atrator. Além disso, mostrará o porquê do enunciado ser visto como um agenciamento de operações que impulsiona para a construção de sentido, ou melhor, para construção de valores referenciais.

2.1. A Abordagem Construtivista de Culioli

Vamos nos apropriar das explanações de Franckel (2011) e De Vogüé (2000) para explicar essa Abordagem Construtivista. Franckel (2011) que é representante da Abordagem Construtivista de Culioli, ao contrapor à Abordagem Mentalista, explica que as representações mentais são apreendidas como primeiras, a linguagem como uma espécie de “tradução” do pensamento. “Por isso, essa abordagem pode ainda ser qualificada de ‘instrumental’, porque confere um estatuto ao que é ‘o pensamento’, independentemente das representações que permitem apreendê-lo...” (FRANCKEL, 2011, p.16).

Em debate com a Abordagem Aristotélica, Franckel (2011) argumenta que as relações entre pensamento, linguagem e mundo deixam-se descrever por uma tríade que serve de quadro para refletir sobre as relações entre domínios concebidos inscritos num sistema de correspondência imediata: “o polo superior representa o pensamento (em sua imaterialidade, sua pureza original e sua universalidade) e os dois polos inferiores, a linguagem, de um lado, e as coisas (o mundo, o real e o que se poderia chamar de referente), de outro.” (FRANCKEL, 2011, p. 32).

Para a abordagem Clássica, a linguagem humana nada mais é do que o pensamento representado, ou seja, a linguagem, seja como instrumento secundário ou principal, é compreendida como um “auxiliar” do pensamento. Nessa visão, como explica Franckel (FRANCKEL, 2011, p.33): “[..] a linguagem e o pensamento emergem e desenvolvem-se

simultaneamente. A linguagem é, antes, o *espelho*, o reflexo do pensamento. Existe, portanto, em teoria, uma transparência da linguagem em relação às ideias.” Dessa forma, ideias e palavras estão em consonância, cada palavra remete a uma ideia; ou seja, a linguagem seria nada mais do que a representação da representação do mundo que o sujeito constrói no seu sistema de pensamento.

Para a Abordagem Construtivista de Culioli, a linguagem é constitutiva de:

uma forma de pensamento específica que não tem as mesmas propriedades que as que correspondem a outros sistemas de representações comunicáveis (desenho, imagem) ou não (imagens mentais). Essa problemática não se inscreve numa relação linguagem-pensamento: a linguagem constitui uma forma de pensamento. (FRANCKEL, 2011, p. 16)

Assim, contrariando a Abordagem Mentalista, a Abordagem Construtivista entende que a linguagem constitui uma forma de pensamento e, por isso, o sentido é determinado e construído pelo material verbal que lhe dá corpo, ou seja, pelas unidades léxico-gramaticais da língua. Além da questão do conceito, essas duas abordagens também se diferenciam no quesito formalização, como esclarece Franckel (2011):

A abordagem construtivista executa um processo de conceitualização específico dos tipos de dados observados e constitui ela mesma uma teoria dos observáveis. *Construtivista* deve aqui ser entendido num segundo plano: esse termo significa também que os instrumentos de análise e de raciocínio são elaborados a partir desses observáveis. (FRANCKEL, 2011, p. 20)

Assim, enquanto as Abordagens Aristotélica e Clássica defendem a existência de um referente, de um pensamento e de um sentido independente da linguagem; a Abordagem Construtivista considera que são as formas e os textos que constroem a significação, ou seja, evidencia que a análise de fenômenos linguísticos não se reduz diretamente a um raciocínio acerca do mundo ou dos processos cognitivos; considera o sentido construído por meio de unidades que integram o todo formando o enunciado. Como bem diz Franckel (2011, p. 43):

O sentido das formas não é definido por aquilo a que elas remetem, em um mundo (ou uma representação do mundo) externo à língua; a significação de um termo não poderia se confundir com sua referência: ela só se constitui de uma dinâmica da construção estabelecida nos enunciados e pelos enunciados.(FRANCKEL, 2011, p.43)

E é através dessa Abordagem Construtivista que Antoine Culioli explica o porquê da TOE trabalhar com valores referenciais no que diz respeito ao referente, haja vista que, o referente aqui é entendido a partir de um sistema de referência instaurado no enunciado e não aquele referente extralinguístico do mundo apresentado por Frege na Semântica Formal. Em outras palavras: um termo linguístico sempre se encontra localizado em relação a outro termo ou a ele mesmo no enunciado, e por meio dessa localização é que atribuímos o valor referencial, o qual se instaura nesse jogo sobre o que é dito em relação a algo. Por exemplo, no Texto 25 (do nosso *corpus*) quando o aluno escreve: “[...] eu sou feliz com minha família por que eles são tudo que eu tenho...” o valor referencial de “feliz” se instaura na relação entre < com minha família > e < tudo que eu tenho >; logo, no caso desse enunciado, o valor referencial se dá em decorrência dessa relação entre o termo localizado (feliz) e os termos localizadores (< com minha família > e < tudo que eu tenho >).

Para Culioli (1990), o enunciado é entendido como um arranjo de formas a partir das quais os mecanismos enunciativos que o constituem como tal podem ser analisados, ou seja, o enunciado é visto como um encadeamento de operações do qual é rastro, pista. Franckel (2011, p.44) explica:

A justificativa pelo termo “operação” deve-se justamente à hipótese de que o valor referencial do enunciado não é um dado, mas algo construído. Isso significa que o arranjo de formas que o materializa remete, não a valores, mas às operações de constituição do valor referencial. Estudar a enunciação é, portanto, estudar as modalidades de constituição desse valor. (FRACKEL, 2011, p.44)

Como explica De Vogüé (2000, p.31), valor referencial de um enunciado é constituído a partir de "ocorrências nocionais" que são instanciações das diferentes noções, as quais se referem a itens lexicais implicados nos enunciados, porque são os itens lexicais que vão dar acesso às noções. As ocorrências são definidas pela relação com as noções que elas instanciam, ou seja, pela relação que há entre a noção evocada por uma forma linguística e suas ocorrências.

Para a TOE, a linguagem é tida como um trabalho tanto linguístico quanto subjetivo porque envolve sujeitos (que elaboram a realidade por meio de suas percepções) que realizam operações que constroem significados linguísticos com a língua, numa dada situação (espaço) e num dado momento (tempo). Assim, o que interessa para essa teoria é o funcionamento da linguagem, o modo particular de organização e agenciamento das formas, concepção essa que compreende a variação como um processo inerente à língua.

Culioli não vê a linguagem como uma cadeia interpretativa imposta sobre o mundo (semiótico), nem como uma máquina discursiva da qual os sujeitos se apropriam para investir o mundo de significação. Mas, vê a linguagem como uma semiologia das operações de constituição da significação, ou seja, a linguagem é vista como uma atividade. Para ele, os sistemas variam de língua para língua e os discursos de locutor para locutor, porque Culioli não toma como objeto de análise uma língua como sistema estruturado, e sim, os enunciados em uma língua, isto é, o enunciado em sua materialidade formal. O que lhe interessa é analisar os valores interpretativos que esses enunciados constroem, ou seja, entender o porquê do enunciado ter a forma que tem.

Dessa forma, a linguagem é uma atividade de construção de sentidos que se realiza através de operações que produzem enunciados. Assim, enunciar é criar um espaço enunciativo em que os valores referenciais são construídos.

Explicaremos melhor o porquê do enunciado ser visto como uma atividade de linguagem, através das Operações de Representação, Referenciação e Regulação. Vejamos.

2.2. Atividade de Linguagem

Como mencionamos anteriormente, Culioli (1990) defende a concepção de linguagem como atividade significativa e vê o sujeito como entidade que se constitui na origem das produções linguísticas. Então, como explica Rezende (2000), quanto mais o sujeito que produz e interpreta tiver conhecimento do contexto de enunciação, mais possibilidade ele tem de reconstruir, de modo satisfatório, o feixe de modulações possíveis, dentre as quais, a modulação pretendida será construída. Ou seja:

Quanto mais o sujeito que produz e interpreta (eu) tiver uma atitude “reflexiva”, “especular”, quer dizer, quanto maior for a capacidade de recuperar a “imagem do outro” “dentro de si próprio” e a “imagem de si próprio” “dentro do outro” tanto maior será a sua capacidade de produzir e reconhecer enunciados em situação de interação verbal.
(REZENDE, 2000, p. 61)

Logo, o significado pretendido será um intertexto resultado das constantes comparações e diferenciações entre as modulações. Para Rezende (2000), as modulações são hipóteses feitas simultaneamente à produção e interpretação dos enunciados, mas que fazem parte dos enunciados. Assim, a cada ida e volta feita pelo sujeito por meio de um diálogo interno

(atividade epilinguística), altera-se tanto o núcleo predicativo (léxis) quanto as possíveis modulações (famílias parafrásticas). Então, para que haja processo de produção e reconhecimento de significações, é indispensável a existência de um diálogo interno. Dessa forma, para a TOE, um enunciado é, portanto, um intertexto resultado de um diálogo (atividade epilinguística) efetuado sobre um paradigma textual criado no processo de produção e reconhecimento e, por isso, o enunciado é resultado de um diálogo e está apoiado em situações de discursos anteriores e posteriores.

E, dessa forma, segundo Rezende (2000), há no enunciado o ponto comum e as diferenças que, enquanto resultado do trabalho do sujeito entre os elementos de situações enunciativas diferentes, deixam marcas no enunciado, e são justamente, essas marcas que a TOE chama de observáveis e explica que o trabalho do linguista consiste em elaborar uma reflexão sobre a atividade da linguagem diante do dado linguístico; nesse caso, o dado linguístico se refere aos observáveis presentes/identificados nos textos orais ou escritos.

Esses observáveis que advêm da atividade epilinguística (aquela não consciente do usuário da língua) serão as unidades de análise do linguista através da realização da atividade metalinguística (aquela consciente e controlada) em que o analista manipulará esses dados mediante o modelo teórico. Ou seja:

Os observáveis são diálogos espontâneos ou, ainda, são textos resultantes de manipulações feitas pelo linguista. Nesse segundo caso, trata-se da criação de “glosas”, elaboradas por meio da atividade epilinguística do linguista, enquanto falante de uma língua, ou “paráfrases”, que já são resultado de uma atividade mais rígida (ou metalinguística) do linguista, enquanto conhecedor de regras formais de um modelo teórico. (REZENDE, 2000, p. 64)

Esse entendimento da TOE é super interessante, pois através dessa atividade “metalinguística” ou “epilinguística”, a qual permeia o observável, permite ao linguista recuperar um contexto linguístico imediato que oferece pistas para que se elabore modelos que simulem o processo de produção e reconhecimento de textos. E esses modelos devem se aproximar da operação cognitiva que realmente acontece quando se produz e reconhece textos em uma língua natural.

Para tanto a TOE entende as formas e sequências linguísticas como marcadores de atividade metalinguística ou traços de operações subjacentes que visam à construção de significação. Essas operações subjacentes são as atividades de Representação, Referenciação e

Regulação que, segundo Culioli (1990), são capacidades cognitivas inatas que nos auxiliam no processo de construção e reconhecimento de formas nos enunciados.

Assim, compartilhamos do pensamento de Onofre (2012) ao dizer que o processo de produção/interpretação textual é um processo complexo que envolve as atividades de representação mental, a referenciação linguística e a regulação intersubjetiva. Essas operações são nomeadas de tripla relação em que a representação mental é a forma de apreensão do mundo pelo sujeito, onde se dá a construção da noção e se constrói mediada por fatores físico-culturais e mentais. A referenciação consiste na materialidade linguística, ou seja, operações de localização das noções em um dado tempo e espaço, é o texto, o enunciado, é considerada de ordem sociológica, a sua construção é mediada pelo sujeito. A regulação intersubjetiva é de ordem psicossociológica, pois consiste nos ajustamentos realizados pelos sujeitos na atividade linguagística, portanto, para produzir ele chama o outro, então há uma relação enunciativa instaurada entre sujeitos enunciadore.

Veamos, a seguir, mais sobre essas atividades.

2.2.1. *Atividade de Representação*

Esta atividade é dividida em 03 (três) níveis: nível 1 do infra-linguístico, o nível 2 do linguístico e o nível 3 do metalinguístico.

O nível 1 (infra-linguístico) caracteriza-se por ser o das operações cognitivas, as quais não temos acesso; porém, elas podem ser apreendidas através dos traços materiais, que são os enunciados. As representações mentais são reguladas por meio de operações abstratas que permitem aos sujeitos a organização das suas experiências e da sua percepção da realidade.

O nível 2 (linguístico) é o que permite ter acesso ao nível 1 e constitui os enunciados ou sequências textuais caracterizados por arranjos léxico-gramaticais. E esses arranjos são arranjos de marcadores do nível 1, ou melhor, são vestígios.

E o nível 3 (metalinguístico) é o que, segundo Culioli, propicia ao linguista dar conta do nível 2, que ao mesmo tempo permite ter acesso ao nível 1, já que só temos acesso àquele através das representações no nível 2. Este nível 3 é do linguista e não do locutor, pois gera a formalização do sistema de representação, ou melhor, o cálculo que possibilita o vaivém entre teoria e observação, entre nível 3 e nível 2, gerando predições que o empírico põe em questão. Como explica Culioli (1990):

[...] não há relação termo a termo entre as representações de nível 1 e as representações de nível 2. [...] Se tivéssemos uma relação termo a termo, teríamos uma nomenclatura nos casos mais grosseiros e de modo mais geral, um código. O nível 3 é o nível da construção explícita de representações metalinguísticas. (CULIOLI, 1990, p. 22)¹⁴

Em síntese, o nível 3 (metalinguístico) trata de desdobrar a atividade realizada no nível 1 (atividade de linguagem) por meio da observação das representações léxico-gramaticais no nível 2 (linguístico). O interessante é que para Culioli, esses níveis são comuns a todas as línguas, o que muda/varia são os valores referenciais ligados à cultura da qual cada língua está inserida. Segundo Culioli (1990):

Minha controvérsia é que enunciados exibem *configurações* que derivam de formas complexas as quais os linguistas reconstróem através de modelos. [...] Não temos acesso aos processos que originam as formas nas quais as formas são baseadas, mas temos à nossa disposição os traços textuais que apontam tais processos. Se nós chamamos essa atividade de processo inacessível de Nível I, então os padrões dos marcadores estão no Nível II, e nós somos levados a concluir que os observáveis são os representantes dos processos do Nível I. Nós devemos por essa razão construir operações metalinguísticas no Nível III que resultarão em sequências textuais formais, equivalentes aos observáveis do Nível II. (CULIOLI, 1990, p. 178)¹⁵

Passemos agora para a Atividade de Referenciação.

2.2.2. *Atividade de Referenciação*

Essa atividade está relacionada à construção de um espaço de referência, ou seja, envolve as coordenadas intersubjetivas entre enunciador e coenunciador que constroem e reconstróem objetos discursivos, os valores referenciais. Essa atividade para Culioli é complexa e ao mesmo tempo importante porque explica que o sentido se constrói no e pelo enunciado e, ainda, pela organização das unidades da língua, ou melhor, de seus arranjos nos enunciados.

¹⁴ [...] *mais il n'y a pas relation terme à terme entre les représentations de niveau 1 et les représentations de niveau 2. Si nous avions une relation terme à terme, nous aurions une nomenclature dans le cas le plus grossier et, de façon plus générale, un codage. Le niveau 3 est le niveau de la construction explicite de représentations métalinguistiques.*

¹⁵ *My contention is that utterances display shapes that derive from complex forms which the linguist re-constructs through modelling. [...] We have no access to the processes that originate the forms on which the shapes are based, but we have at our disposal the textual traces which point to such processes. If we call this inaccessible processing activity Level I, then the patterns of markers are Level II, and we are led to conclude that Level II observables are the representatives of Level I processes. We must therefore construct metalinguistic operations at Level III which will result in formal textual sequences, equivalent to Level II observables.*

Esses valores são instáveis e nascem de jogos intersubjetivos de ajustamentos e de regulação que resultam em pontos de equilíbrios interpretados provisoriamente e localmente.

Em outras palavras, são valores que surgem do cotexto e não do contexto extralinguístico definido pela situação de locução. Porque o cotexto “é a sequência de enunciados na qual cada enunciado se insere” (VOGÜÉ, 2011, p.65) É por meio do cotexto que o acesso ao sentido é possível, através de atividades de paráfrase e de reformulação; trata-se, portanto, de uma atividade metalinguística. É por isso que Vogüé (2011, p.66) afirma: “O sentido não é função do contexto: é o contexto que é função do sentido. Ou, mais exatamente, é o cenário enunciativo, enquanto parte integrante do sentido que o enunciado produz.” E Franckel (2011, p.49) complementa: “(...) existem uma organização e uma ordem nos encadeamentos que fazem o contexto depender, por sua vez, do enunciado.”

Dessa forma, um enunciado não tem, portanto, o mesmo estatuto que uma sequência, porque uma sequência apresenta-se como um potencial interpretativo, é eventualmente compatível com vários tipos de contextualização por ela determinados. Assim, um enunciado é uma sequência estabilizada por uma contextualização definida.

Passemos agora para a Atividade de Regulação.

2.2.3. *Atividade de Regulação*

Para Culioli (1990), a atividade de regulação desempenha um papel central na atividade de linguagem, pois o sistema enunciativo é auto-regulado pela reflexão inconsciente do sujeito, como também pela consciência sobre sua própria atividade de linguagem e continuamente por um processo de transformação e deformação. Ou seja, trata-se de uma atividade de linguagem num processo constante de construção e desconstrução de representações; aos ajustamentos entre sujeitos, ou seja, diálogos externos ou intersubjetivos e uma ação que envolve processos internos de estabilização, preponderância e equilíbrio. Essa Atividade de Regulação envolve ajustamentos entre o sujeito enunciador e o coenunciador tanto no nível da representação quanto no nível da referenciação.

Essa atividade retrata, conforme Culioli (1990), a operação de *repérage* (localização), ou seja, é uma operação que busca a localização de um termo por meio de pontos de referência. Ela coloca em jogo um localizador em relação a um localizado através da relação de alteridade. Como explicam Franckel e Paillard (2011):

[...] o conjunto das operações enunciativas se resume a um operador único, o operador de orientação representado $\underline{\epsilon}$, que é um operador que “põe em relação”. Todo termo (no sentido mais amplo: sequência, frase, unidade lexical etc.) é tomado em relação a um outro termo, previamente dado, que tem, conseqüentemente, nessa relação sempre assimétrica, o estatuto de termo orientador [*repère*]. (FRANCKEL; PAILLARD, 2011, p. 91)

O operador $\underline{\epsilon}$ (épsilon) coloca em cena três valores de localização abstrata: identificação, diferenciação e ruptura, respectivamente representados pelos símbolos “=”, “ \neq ” e “ ω ”. Considerando as propriedades imanentes das unidades lexicais e a relação de alteridade, o operador $\underline{\epsilon}$ identificará entre dois termos (a e b) qual deles possui tendência em ser orientador e orientado, por exemplo, $\langle \mathbf{a} \ \underline{\epsilon} \ \mathbf{b} \rangle$ na sequência “O livro está sobre a mesa”¹⁶, livro é o termo **a** e mesa é o termo **b**. O termo **b** possui propriedades que permitem fazê-lo um termo orientador e o termo **a** propriedades que o faz ser orientado. Assim, “as propriedades dos termos não são anteriores a sua instauração nas relações; são estas que as determinam” (FRANCKE; PAILLARD, 2011, p. 91).

Ao mesmo tempo em que se identifica, ou seja, produz-se uma atividade de referência, também se produz uma atividade de diferenciação porque não existe relação direta entre o termo orientador e o termo orientado. Dessa forma, a diferenciação nada mais é do que essa capacidade de saber diferenciar qual termo será localizador e qual será localizado. Como explicam Franckel e Paillard (2011, p.92): “Um enunciado se apresenta como um emaranhado de relações dessimétricas que se sobrepõem em diferentes níveis, em que os termos podem ter um estatuto de termo orientador em um nível e de termo orientado em outro nível.”

A ruptura trata da ausência dessa relação de localizador e localizado. Como explica Culioli (1999), a ruptura é a representação linguística de um certo estado de coisas, a qual um sujeito quer se referir e para identificar tal marcador, temos que definir a sucessão ordenada dos instantes como um conjunto de pontos em que cada ponto representa um estado instantâneo, ou seja, é o olhar sobre essa sucessão ordenada dos instantes que vai delimitar um intervalo.

Construímos, então duplas de pontos sucessivos e pesquisamos se os estados (portanto, os pontos) sucessivos são qualitativamente indiscerníveis (lidamos, nesse caso, com um estado sem alteração, ou seja, sem descontinuidades), ou se existe um recorte de tal modo que a posição anterior do intervalo, ao qual pertence um dos pontos, seja qualitativamente diferente da posição posterior, a qual pertence o outro ponto da dupla. (CULIOLI, 1999, p. 165)¹⁷

¹⁶ Exemplos de Franckel e Paillard (2011, p. 91)

¹⁷ *On construit alors des couples de points successifs, et l'on recherche si les états (donc, les points) successifs sont qualitativement indiscernables (on a, dans ces cas, affaire à un état, sans altération, c'est-à-dire sans*

Para Culioli (1999), esse conceito é de suma importância no que diz respeito à temporalidade, pois quaisquer que sejam os sistemas temporais, para representarmos linguisticamente o tempo, iremos ativar 03 (três) ordens: 1ª) sucessão ordenada dos instantes; 2ª) ruptura; 3ª) consecução, concomitância e ajustamentos. No próximo capítulo, explicaremos melhor sobre essas ordens temporais.

Então, feita a explanação sobre as Atividades de Linguagem, passaremos para as Etapas de Construção de um Enunciado. Vejamos.

2.3. As etapas de construção de um enunciado

Segundo Danon-Boileau (1987), Culioli entende que enunciar é estabelecer um conteúdo de pensamento indeterminado (formar uma lexis de três elementos); é hierarquizar este conteúdo de pensamento, indicando o elemento em torno do qual vai se organizar o enunciado (este é o estado da relação predicativa) e é situar, enfim, o conteúdo de pensamento hierarquizado em relação à situação de enunciação (relação enunciativa). Dessa forma, começaremos pela Relação Primitiva e a Lexis.

2.3.1. Relação primitiva e a lexis

Conforme Danon-Boileau (1987), a *lexis* está na conjunção de uma forma e de um conteúdo. A forma é chamada **esquema de lexis**. Ela mesma é para todos os enunciados “simples”, pois ela é um tripé de lugares vazios representada por λ (lambda) ou pela forma (**0**, **1**, π). Um desses lugares vazios é preenchido por uma noção de predicado (verbo) e os outros dois são preenchidos por noções de argumentos do tipo nominal: argumento 1 (**0**) e argumento 2 (**1**).

Os lugares dos enunciados são ordenados; são definidos como **0** sendo a origem e **1** sendo o objetivo. Vejamos um exemplo: José comeu uma maçã; a *lexis* será: < José comer maçã >. Ela possui dois argumentos nominais: **0** (José) e **1** (maçã), o primeiro é chamado de origem e o segundo é chamado de objetivo; e possui um π (predicado) que é o verbo comer. O predicado é o termo que coloca em relação o argumento **0** e argumento **1**. Como explica Lima (1997):

discontinuités), ou s'il existe une coupure, telle que la position antérieure de l'intervalle à laquelle appartient l'un des points soit qualitativement différente de la position ultérieure, à laquelle appartient l'autre point du couple.

O preenchimento de cada lugar vazio por um termo do léxico resulta em uma *lexis*. O preenchimento do esquema de uma *lexis* implica uma relação primitiva de natureza semântica que se estabelece entre lexemas que possuem propriedades vinculadas a uma noção. (LIMA, 1997, p.23)

Dessa forma, os espaços vazios da *lexis* são preenchidos por termos do léxico instanciados por “noções” que são um feixe de propriedades físico-culturais apreciadas no interior das culturas. Como explica Culioli (1999), uma *lexis* resulta da instanciação de um esquema por termos eles-mesmos construídos a partir de noções. Produz-se por essa operação um agenciamento complexo que não é o produto de uma simples operação de atribuição, pela qual se substituirá as variáveis do esquema dos termos categorizados (em predicado e argumento, em verbo, em nome).

Instanciados os termos, parte-se para a orientação, a qual constitui a Relação Primitiva. Essa relação vai acontecer através das propriedades dos termos do léxico que são conforme Culioli (1999a): animado/inanimado, determinado/indeterminado, agentivo/ não agentivo, processo/estado, etc., ou seja, são essas propriedades que vão colaborar para a determinação da orientação semântica da Relação Primitiva. Vejamos este exemplo¹⁸:

< Otto artigo escrever >

Conforme Lima (1997), temos de um lado, um humano (Otto) que é capaz de realizar atos, ou seja, um agentivo em potencial; de outro, temos um elemento inanimado (artigo) que é resultante de processo. Então, “são essas propriedades que vão decidir o termo do argumento 1 de *escrever* e o termo do argumento 2.” (LIMA, 1997, p.24). Dito de outra forma, são essas propriedades que vão orientar semanticamente o que vai ser o ponto de origem e o que vai ser o ponto de chegada na Relação Primitiva.

Em suma, a *lexis* não é um enunciado, é apenas um potencial, pois para que ela venha a se tornar um enunciado, ela necessita está situada (localizada) em um espaço enunciativo referencial, ou melhor, em um sistema de coordenadas enunciativas. Ela é importante porque permite gerar uma família de enunciados relacionados, denominada conforme Culioli (1999a) de família parafrástica, por exemplo, a *lexis* < menina maçã comer > gera os seguintes enunciados¹⁹:

¹⁸ Exemplo de Lima(1997,p. 24)

¹⁹ Exemplos nossos.

- (1a) A maçã foi comida pela menina.
(1b) Quem comeu a maçã foi a menina.
(1c) A menina come maçã.

Para Culioli (1999) os enunciados acima pertencem à mesma família parafrástica e possuem a mesma *lexis*: < menina maçã comer >

Visto o primeiro momento no processo de construção do enunciado, passemos para o segundo momento, a Relação Predicativa.

2.3.2. Relação Predicativa

Segundo Danon-Boileau (1987), a Relação Predicativa é um estabelecimento da *lexis*, onde se define 2 (dois) conjuntos: um do termo de partida e o outro dos termos restantes. Em outras palavras, significa ordenar linearmente os termos da *lexis* privilegiando um termo, o qual será o termo de partida e a partir desse organizará os demais em torno dele.

Lima (1997) explica que trata de uma etapa em que os sujeitos enunciador e coenunciador organizam os elementos da *lexis*, visto que, determinam em torno de qual termo o enunciado será organizado, ou seja, escolhem o termo de partida. De acordo com Lima (1997):

A relação predicativa é, então, considerada como uma redistribuição da *lexis*, tendo em vista que a ordenação da *lexis* não determina qual termo o sujeito enunciador escolherá para ser o ponto de partida no enunciado. Não há uma correspondência entre a organização da *lexis* e a do enunciado, podendo vários enunciados possuírem a mesma *lexis*. (LIMA, 1997, p. 26)

Assim, a *lexis* < José comer maçã²⁰ > poderá gerar enunciados como: (a) José comeu uma maçã; (b) A maçã foi comida por José. Observamos que em ambas “José” é o termo-origem da relação primitiva; porém, o termo privilegiado, ou seja, o termo de partida em (a) é “José” e em (b) “A maçã”. O termo que servirá de ponto de partida não é escolhido de modo aleatório, e sim, através de operações que induzem a ordenação dos termos na Relação Predicativa. De acordo com Lima (1997, p.27): “Não se trata, assim, de uma decisão aleatória. Tal decisão

²⁰ Exemplos nossos.

acontece no âmbito da relação predicativa, pois as propriedades da *lexis* não abrangem um agenciamento por parte do sujeito enunciador / coenunciador.”

As operações que atuam na ordenação dos termos na Relação Predicativa são: localização, identificação e diferenciação. Neste ponto voltamos para o termo *repére* (localização) de Culioli, visto que, um elemento sempre está em relação a outro na construção do enunciado. Como já vimos na seção anterior a localização induz a uma identificação, ou seja, ao localizar um determinado elemento, os sujeitos enunciador e coenunciador o identificam dentre os elementos, assegurando que tal elemento possui determinada(s) propriedade(s) que serve(m) para uma construção referencial.

E a relação de diferenciação trata de propriedades distintas que diferenciam uma ocorrência de outra, por exemplo²¹: (c) A rua Joca Vieira não é um bairro, (d) José comeu uma maçã e não uma banana. Em (c) observamos que “A rua Joca Vieira” possui propriedades que as diferencia de um bairro e em (d) “maçã” também possui propriedades que se diferenciam de uma banana²².

Comentada a primeira e a segunda etapa de construção de um enunciado, vejamos a terceira etapa: Relação Enunciativa.

2.3.3. *Relação enunciativa*

A Relação Enunciativa trata de localizar uma *lexis* em relação a um sistema de coordenadas enunciativas, ou seja, significa o terceiro momento no processo de constituição de um enunciado. O que tínhamos na Relação Primitiva (relação de orientação) e na Relação Predicativa (relação de ordenação) era apenas o potencial de um enunciado, ou melhor, o pré-enunciado.

Já na Relação Enunciativa consolida-se o enunciado, pois o sujeito instaura-se como sujeito enunciador e constrói um sistema referencial através das categorias de tempo, aspecto e modalidade. É nessa etapa que se organizam os domínios nocionais para a construção dos valores referenciais. Como explica Lima (1997):

²¹ Exemplos nossos

²² Exemplos nossos

A relação enunciativa se apresenta como um "pacote de relações" (Culioli). De um lado, a relação enunciação-enunciado envolve o sujeito enunciador e o sujeito do enunciado; de outro lado, o tempo da enunciação e o tempo do enunciado. O sujeito enunciador produz o enunciado com o propósito de transmitir alguma coisa para alguém. Neste momento é acionado o esquema básico de uma situação de interação verbal: Quem enuncia? O que enuncia? A quem enuncia? No momento da produção do enunciado o sujeito enunciador dá forma ao sujeito do enunciado. (LIMA, 1997, p. 29-30)

Assim, na passagem do pré-enunciado, < José comer maçã > para o enunciado José comeu duas maçãs, observamos que o enunciado é afetado pelas categorias de modalidade, tempo e aspecto, pois há uma modalidade assertiva, o predicado traz as marcas de operações de tempo e aspecto e o argumento “maçã” sofre uma operação de determinação através de “duas”.

Compreendidas as etapas para a construção do enunciado, vejamos agora as outras operações que contribuem para a construção dos valores referenciais. Começamos com os conceitos de Noção e Domínio Nocial.

2.4. Noção e Domínio Nocial

Culioli (1999) definiu **Noção** como um feixe de propriedades físico-culturais que possui uma entidade híbrida, pois ela de um lado trata-se de uma forma de representação não linguística ligada ao estado de conhecimento e à atividade de elaboração de experiências de cada um (indivíduo); é uma representação sem materialidade, ou melhor, em que a materialidade é inacessível ao linguista. As Noções não correspondem, portanto, diretamente aos itens lexicais. E de outro lado, trata-se da 1º (primeira) etapa de uma representação metalinguística. Dessa forma, a Noção constitui-se através da ligação entre o mundo e as representações físico-culturais de um lado, e entre a língua, por outro. Ela não chega a ter um estatuto linguístico propriamente dito.

A Noção integra uma atividade simbólica, a qual envolve trabalhos metafóricos e trabalhos de ajustamentos intersubjetivos que supõe ao mesmo tempo estabilidade e deformabilidade. E as ramificações das propriedades estocadas das experiências ao se organizarem umas em relação às outras em função de fatores físicos, culturais, antropológicos, estabelecem o **Domínio Nocial**. Dessa forma, o Domínio Nocial é o domínio de ocorrências de uma noção. O que vem a ser uma Ocorrência? Culioli (1999) explica que a **Ocorrência** é a encarnação de uma Noção sob a forma de linguagem, ou seja, é a materialização

de uma representação mental através de traços que constituem os agenciamentos de formas, os quais irão estabelecer a noção por meio da expressão **ter a propriedade P**.

Como explicam Franckel e Paillard (2011), uma ocorrência não possui relação estabilizada com a Noção, pois para que ela seja determinada é necessário passar pela instauração de dois polos organizadores: Tipo e Atrator. O **Tipo** é uma ocorrência representativa/privilegiada que possibilita identificar tal ocorrência como exemplar da Noção. Como explica Culioli (1999), o Tipo é uma ocorrência representativa que pode definir uma enumeração de propriedades, ainda, que não necessariamente, porque ela pode se exprimir sob as formas a que eu chamo X, a ideia que faço de X um verdadeiro X para mim. Assim, o Tipo permite estabelecer tudo o que uma cadeira é, por exemplo. É através do Tipo que identificamos a cadeira pertencente à classe das cadeiras, isto é, “um exemplar está conforme a propriedade que ele identifica e da qual constitui uma amostra.” (FRANCKEL; PAILLARD, 2011, p. 93)

O **Atrator** é o polo organizador que permite determinar em que e em qual parâmetro uma ocorrência tem a ver com a Noção. Ele “estabelece uma dupla singularidade: a singularidade da Noção, enquanto indizível; a singularidade dos indivíduos que somente são herdeiros da noção sob este ou aquele aspecto e que a dividem.” (FRANCKEL; PAILLARD, 2011, p. 93). No Atrator uma ocorrência torna-se singularizada pelo simples fato dela marcar em relação a ela mesma, constituindo seu próprio termo de referência, ou seja, ela é absoluta, pois não possui outra referência, a não ser ela mesma. Assim, enquanto o Tipo corresponde a uma ocorrência representativa, o Atrator remete a uma representação abstrata e absoluta, isto é, estabelece um valor absoluto que conduz a uma singularidade em relação ao tipo e, portanto, nenhuma alteridade pode mais se definir. Porém, Franckel e Paillard (2011) explicam que apesar da diferença entre Tipo e Atrator, é possível a inversão entre eles, ou seja,

[...] as ocorrências de uma noção são elas próprias construídas e especificadas, por um lado, por orientação ao tipo, e por outro lado, ao atrator. Isso significa que as diferentes estruturas do domínio nocional podem ser relacionadas aos diversos efeitos do operador ϵ (épsilon). (FRANCKEL; PAILLARD, 2011, p 94)

Em suma, a Noção passa pela construção de ocorrências e o domínio nocional corresponde à diversidade dessas ocorrências em função da articulação singularidade/exemplaridade, respectivamente Atrator/Tipo. Voltaremos a abordar sobre a Noção no próximo capítulo, pois explanaremos sobre os Planos Enunciativos.

2.5. Síntese Conclusiva

Iniciamos o capítulo fazendo uma comparação entre as Abordagens Mentalista, Aristotélica, Clássica e Construtivista com o objetivo de esclarecer conforme os argumentos de Franckel (2011) que o termo “construção” situa-se no campo da Semântica no que diz respeito em analisar o papel das unidades morfolexicais na construção de sentido nos enunciados, isto é, busca analisar as representações mentais desencadeadas e apreendidas por meio da relação cotexto e contexto no enunciado. É nessa perspectiva que a TOE defende que o sentido só existe desde que seja construído pela relação língua /linguagem, ou seja, por meio do engendramento das unidades léxico-gramaticais nos enunciados, e essas unidades são para Culioli (1990) as marcas/traços de operações realizadas na construção dos enunciados.

Apresentamos também as 03 (três) principais atividades de linguagem segundo Culioli (1990): Atividade de Representação (operações de ordem psicológica), Atividade de Referenciação (operações de ordem sociológica) e Atividade de Regulação (operações da ordem psicossociológica). Mostramos as etapas de construção de um enunciado: relação primitiva e a lexis, relação predicativa e relação enunciativa. Abordamos também sobre os dois conceitos “primordiais” da TOE (Noção e Domínio Nocial), os quais, por conseguinte, envolvem mais dois conceitos: Tipo e Atrator.

CAPÍTULO 3: DAS CATEGORIAS DE PESSOA E TEMPO AOS PLANOS ENUNCIATIVOS

O tempo sempre foi algo de preocupação para o homem, pois pensá-lo significa ocupar-se da fugacidade e da efemeridade da vida e da inexorabilidade da morte.
(FIORIN, 1999, p.127)

Diante do que já abordamos no que diz respeito ao ensino da produção textual no viés “engessado dos gêneros textuais” e sobre as etapas de construção de um enunciado, mostrando a interligação entre as relações primitivas, predicativas e enunciativas, como também as atividades epiliguística e metalinguística; chegamos à discussão das categorias de Pessoa e Tempo, categorias essas que são primordiais para a construção do enunciado, haja vista, que referem a quem enuncia, para quem enuncia e quando enuncia. Além disso, envolvem outra categoria que está ligada diretamente a elas: a Modalidade. Dessa forma, neste capítulo, discutiremos sobre Pessoa e Tempo tendo como foco a visão Benvenistiana e a visão Culioliana, culminando para o entendimento dos Planos Enunciativos.

3.1. Pessoa e Tempo: algumas considerações

Nas gramáticas normativas, a categoria de Pessoa sempre vem exposta na classe dos Pronomes Pessoais, pois é nessa classe que se tem as 03 (três) pessoas gramaticais: 1ª Pessoa → Quem fala (Eu / Nós); 2ª Pessoa → Com quem se fala (Tu / Vós); 3ª Pessoa → De quem se fala (Ele(s), Ela(s)).

Conforme Cunha e Cintra ([1989], 2008), os pronomes pessoais caracterizam-se por: a) denotarem as 03 pessoas gramaticais, ou seja, por terem a capacidade de indicar no diálogo; b) poderem representar, quando na 3ª pessoa, uma forma nominal expressa, como por exemplo: Muita paz para Beatriz para que *ela* seja feliz.; c) variarem de forma, segundo a função que desempenham na oração (Sujeito ou Objeto) e a acentuação que nela recebem, ou seja, as formas tônicas e átonas.

Já para Bechara (1999), os pronomes pessoais designam as duas pessoas do discurso e a não-pessoa (não-eu, não-tu), considerada pela tradição a terceira pessoa. Explica que o plural

nós indica *eu* mais outras pessoas, e não eu + eu e que as formas eu, tu, ele, ela, nós, vós, eles, elas funcionam como Sujeitos e se dizem retas; e cada um destes pronomes corresponde um pronome pessoal oblíquo que funciona como complemento e pode apresentar-se em forma átona ou tônica, esta última exige a presença de preposição.

Como explicam Ilari et. al (1996), uma função típica dos pronomes, certamente responsável pela qualificação “pessoais”, é a de constituir expressões referenciais que representam na estrutura formal dos enunciados os interlocutores responsáveis pela enunciação. Para eles “pessoal” etimologicamente derivado de *persona* significa “máscara” e dessa forma evoca a possibilidade de alternar os papéis da interlocução, o que permite compreender a noção de “pessoa” como algo mais do que um mero tecnicismo gramatical ligado à conjugação verbal. Seguindo esse raciocínio, os pronomes se situam em dois eixos²³:

- a) O das pessoas que interagem linguisticamente, os interlocutores, os quais, na sucessão de fala, se opõem entre si nos papéis de locutor/emissor (1ª pessoa) e alocutário/receptor (2ª pessoa);
- b) O das entidades a que se refere a interlocução (3ª pessoa ou não-pessoa)

Conforme os autores:

Em outras palavras, nas duas primeiras pessoas há, ao mesmo tempo, uma pessoa implicada no discurso e um discurso sobre essa pessoa e, desse modo, os pronomes de primeira e de segunda pessoa se interpretam por um processo de autorreferência. Assim, *eu* designa a pessoa que fala e implica, ao mesmo tempo, um discurso sobre ela, a partir dela própria. Já a segunda pessoa é necessariamente referida pela primeira, e não pode ser pensada fora de uma situação proposta a partir do *eu*. Pode-se, pois perceber, no interior das pessoas que realizam a interlocução, uma oposição discursiva entre interlocutor que instaura momentaneamente o enunciado (forma subjetiva) e interlocutor de quem não parte, no momento, a fala (forma não-subjetiva). (ILARI et.al. 1996, p.89)

Dessa forma, para Ilari et. al (1996), a compreensão desse sistema de oposições deve muito a um artigo célebre de Benveniste, significativamente, intitulado “A natureza dos pronomes”. Desse artigo, podemos reter os termos *primeira pessoa* e *segunda pessoa*, para designar a oposição descrita em a) e os termos pessoa e não-pessoa para nos referirmos à oposição representada em b).

²³ Ilari et. al (1996, p. 88)

Quanto à 3ª (terceira), eles explicam:

Quanto à categoria de não-pessoa, intervém uma nova oposição, situada na dimensão semântica – a que separa a não-pessoa determinada e não-pessoa indeterminada, a qual pode ter uma expressão pronominal (como em “*como-se* bem aqui”). Se quisermos explicar o papel semântico de algumas expressões tradicionalmente enquadradas na classe dos pronomes pessoais (por exemplo, o *se* de *come-se bem aqui*) convirá portanto subcategorizar a não-pessoa. (ILARI et. al. 1996, p.89)

Já a categoria de Tempo é abordada nas gramáticas normativas no assunto Verbo, pois na grande maioria, esses compêndios associam Verbo ao Tempo e, somente algumas, incluem também uma explicação em relação ao Aspecto.

Conforme Cunha e Cintra ([1989], 2008, p.393-395), “Verbo é uma palavra variável que exprime o que passa, isto é, um acontecimento representado no tempo; Tempo é a variação que indica o momento em que se dá o fato expresso pelo verbo; Aspecto designa uma categoria gramatical que manifesta o ponto de vista do qual o locutor considera a ação expressa pelo verbo.”

Para esses autores, o Tempo possui 03 (três) tempos naturais que são o Presente, Pretérito (ou Passado) e o Futuro, os quais designam, respectivamente, a um fato ocorrido *no momento em que se fala, antes do momento em que se fala e após o momento em que se fala*. O Aspecto como refere-se à ação expressa pelo verbo, então, ela poderá ser concluída ou não concluída, ou seja, observar-se-á a ação no seu término, no seu resultado ou na sua duração, repetição.

Segundo Cunha e Cintra ([1989], 2008), além dessa distinção básica, há autores que incluem no conceito de Aspecto os valores semânticos pertinentes ao verbo ou ao contexto e nesse caso ter-se-á 03 (três) tipos de aspectos²⁴:

- 1) Aspecto Pontual/Aspecto Durativo: a oposição aspectual caracteriza-se pela menor ou maior extensão de tempo ocupada pela ação verbal.

Ex: Acabo de ler *Os Lusíadas* → Aspecto Pontual

Continuo a ler *Os Lusíadas* → Aspecto Durativo

²⁴ Classificação e exemplos de Cunha e Cintra (2008, p. 396-397)

2) Aspecto Contínuo / Aspecto Descontínuo: a oposição aspectual incide sobre o processo de desenvolvimento da ação verbal.

Ex: Vou lendo *Os Lusíadas* → Aspecto Contínuo

Voltei a ler *Os Lusíadas* → Aspecto Descontínuo

3) Aspecto Incoativo / Aspecto Conclusivo: o primeiro exprime um processo considerado em sua fase inicial e o segundo expressa um processo observado em sua fase final.

Ex: Comecei a ler *Os Lusíadas* → Aspecto Incoativo

Acabei de ler *Os Lusíadas* → Aspecto Conclusivo

Além dessas 03 (três) classificações, Cunha e Cintra ([1989], 2008) ainda mencionam duas e explicam:

A) Forma Simples / Perífrase Durativa: leio / estou lendo (ou a estou a ler);

B) Ser /Estar: ele foi ferido / ele está ferido.

A perífrase de *estar* + *gerúndio* (ou *infinitivo* precedido da preposição *a*) que designa o ‘aspecto do momento rigoroso’ estende-se a todos os modos e tempos do sistema verbal e pode ser substituída por outras perífrases, formadas com os auxiliares de movimento (andar, ir, vir, viver, etc.) ou de implicação (continuar, ficar, etc.). A oposição *ser* / *estar* corresponde a dois tipos de passividade. *Ser* forma a passiva de ação; *estar*, a passiva de estado. De um modo geral, pode-se dizer que as perífrases construídas com o Particípio exprimem o aspecto acabado, concluído; e as construídas com o Infinitivo ou o Gerúndio expressam o aspecto inacabado, não concluído. (CUNHA; CINTRA, [1989] 2008, p.397)

Há uma diferença enorme em situar um acontecimento no tempo cronológico e inseri-lo no tempo da língua, pois o tempo linguístico é diferente tanto do tempo cronológico, quanto do tempo físico. De acordo com Benveniste ([1976],2006) o tempo físico é marcado, por exemplo, pelo movimento dos astros que determina a existência de dias, anos, etc. Aquele é o tempo dos acontecimentos, o tempo do calendário.

O que o tempo linguístico tem de singular “é que ele é ligado ao exercício da fala, pois ele tem seu centro no presente da instância da fala.” (BENVENISTE, [1976], 2006, p. 83). Fiorin (1999) esclarece que, quando o falante toma a palavra, instaura um *nunc* (agora), momento da enunciação (o presente). Em contrapartida ao *agora*, cria-se um *então*. Esse *agora*

é, pois, o fundamento das oposições temporais da língua. Muitas são às vezes em que o tempo linguístico pode coincidir com o tempo da enunciação. Vejamos:

(2) *Hoje mesmo* quando estava chovendo passei por um susto.²⁵

(3) (...) a música que eu mais gosto é... *agora* não me lembro o nome dela, só o ritmo.

No exemplo (2), vimos que o advérbio hoje coincide com o dia da enunciação; já no exemplo (3), o advérbio agora coincide com o momento da enunciação. Assim, o tempo presente indica a contemporaneidade entre o evento narrado e o momento da enunciação. Em conformidade com Benveniste ([1976], 2006):

O tempo presente enquanto função do discurso, não pode ser localizado em nenhuma divisão particular do tempo cronológico, já que ele as admite todas e, ao mesmo tempo, não exige nenhuma. Com efeito, o *agora* é reinventado a cada vez que o enunciador enuncia, é a cada ato de fala um tempo novo, ainda não vivido. (BENVENISTE [1976], 2006, p. 84)

Compreendemos que a temporalidade linguística marca as relações de sucessividade entre os eventos representados no texto, ou seja, demarca uma progressão: mostra quais são as relações anteriores, as concomitantes e as posteriores. Sobre essas relações, Fiorin (2007) argumenta:

[...] que se aplica a categoria concomitância *versus* não-concomitância (anterioridade *versus* posterioridade) a cada um dos momentos de referência e, assim, obtemos um tempo que indica concomitância ao presente, anterioridade ao presente, posterioridade ao passado e assim sucessivamente. (FIORIN, 2007, p.166)

Portanto, há três momentos significativos para a determinação do tempo linguístico, são eles:²⁶

ME – Momento de enunciação;

MR – Momento de referência (presente, passado e futuro);

MA – Momento do acontecimento (concomitante, anterior e posterior a cada um dos momentos de referência).

²⁵ Exemplos nossos.

²⁶ Fonte: Fiorin (2007, p. 167)

O importante é saber que o tempo é uma categoria linguística que marca se um acontecimento é concomitante, anterior ou posterior a cada um dos momentos de referência já citados. Além disso, há na língua dois sistemas temporais: o primeiro trata-se de um sistema enunciativo, que está relacionado diretamente ao momento da enunciação; o segundo diz respeito aos momentos de referência passado ou futuro instalados no enunciado, chamado por Fiorin (2007) de sistema enuncivo.

Podemos entender o funcionamento desses sistemas por meio dos advérbios de tempo, pois são elementos dêiticos que se articulam também em um sistema enunciativo e em um sistema enuncivo. Conforme Fiorin (1999):

Aquele centra-se num momento de referência presente; este organiza-se em torno de um momento de referência pretérito ou futuro inscrito no enunciado, o que significa no que tange aos advérbios não existe um subsistema relacionado a um MR pretérito e outro, a um MR futuro. A cada um dos momentos de referência aplica-se a categoria topológica concomitância vs não-concomitância (anterioridade vs posterioridade). (FIORIN, 1999, p.162)

Visualizamos melhor o uso dos advérbios de tempo nesses sistemas através do quadro abaixo:

SISTEMAS	ANTERIOR	CONCOMITANTE	POSTERIOR
ENUNCIATIVO	há pouco; ontem; mês passado, etc	agora; logo; hoje, neste momento, etc	amanhã; daqui a pouco; no próximo dia, etc.
ENUNCIVO	na véspera; na antevéspera; mês antes, etc.	então; no mesmo dia, etc.	no dia seguinte; uma semana depois, etc.

Quadro 2 – Uso dos advérbios de tempo segundo Fiorin (2007).

Fonte: Fiorin (2007. p.174)

Não podemos nos esquecer de que a referência ao tempo no Português conta com duas categorias linguísticas para a sua expressão: o Tempo e o Aspecto. Conforme Costa (1997, p.19), “Aspecto e Tempo são, ambos, categorias temporais no sentido de que têm por base referencial o tempo físico.” Como já vimos, Benveniste (2006, p.83) considera “o tempo linguístico como algo singular que está ligado ao exercício da fala, pois ele tem seu centro presente na instância da fala.”

Já Corôa (2005, p. 27) afirma que “o tempo é a ordem das coisas não contemporâneas e todos os elementos podem ser ordenados pela relação de contemporaneidade (coexistência) ou de anterioridade/posterioridade temporal (sucessão).” Para Costa (1997, p. 17), “o Tempo é uma categoria que marca na língua, através de lexemas, morfemas, de perífrases, a posição que os fatos referidos ocupam no tempo, tomando como ponto de partida o ponto-dêitico da enunciação.”

Desse modo, entendemos que o tempo é uma categoria linguística de extrema importância para o entendimento da língua, e cada autor apresenta sua visão em relação ao mesmo. Porém, há entre os estudiosos da linguística três tipos de teorias para explicar o que é tempo: teoria do tempo absoluto, teoria do tempo relacional e teoria do tempo relativo. Corôa (2005) e Silva (1997) trabalham com essas teorias. A primeira teoria é baseada em Newton e Galileu e apresenta dois tipos de entidades temporais: momentos e eventos. Conforme Corôa (2005):

Momentos são posições temporais e não dependem de eventos para existir. Eventos são ontologicamente separados dos momentos, mas se dão necessariamente neles. Assim, as relações temporais entre eventos são derivadas dos momentos em que ocorrem: as relações primárias se dão entre os momentos. (CORÔA, 2005, p. 26)

A segunda teoria tem apenas um tipo de objeto irreduzível: eventos. “A definição clássica é tomada de Aristóteles. Tempo é número de movimento com respeito a antes e depois.” (ARISTÓTELES apud COROIA, 2005, p. 26)

Silva (1997) apresenta que:

O tempo se constitui a partir de eventos e suas relações, ou seja, existe a partir de eventos. Na primeira teoria, o evento é individualizado pelo momento; na segunda, os eventos não podem ser individualizados, porque não existem momentos individuais. (SILVA, 1997, p. 16)

Corôa (2005, p. 28) esclarece que “a principal diferença entre teorias de tempo absoluto e teorias de tempo relacional está, respectivamente, na existência ou não de um conjunto de momentos.”

A terceira teoria trata-se de uma tentativa de solucionar os problemas empíricos não resolvidos tanto pela primeira como pela segunda teoria. De acordo com Silva (1997, p.16), “Einstein reformula o esquema de Newton e resolve seus problemas empíricos, defendendo a

relatividade na percepção dos eventos: o tempo é definido em relação a um observador e não possui caráter unidirecional irreversível.”

Já Costa (1997) aborda apenas a teoria do tempo relativo através dos tempos mais-que-perfeito ou o futuro do presente composto. Segundo a autora (1997):

Um tempo relativo se caracteriza por recorrer a não apenas um ponto de referência, o ponto dêitico da enunciação, mas também por levar em consideração um outro ponto da linha de tempo que precede ou é posterior ao momento da enunciação. (COSTA, 1997, p. 17)

Ela explica que o mais-que-perfeito é um tempo relativo porque tem como pontos de referência o ponto dêitico da enunciação (o *nunc*) e um outro ponto da linha de tempo (anterior ao *nunc*). Por exemplo:

(4) Quando você *chegou* eu já *tinha terminado* a tarefa²⁷.

Nessa oração, o falante refere-se a dois pontos do passado em relação ao ponto dêitico da enunciação. Nela podemos observar dois pontos de referência temporal: o ponto dêitico (o momento da enunciação) e o ponto de referência secundário (ponto em que se situa o fato de chegar).

A categoria aspecto, segundo Corôa (2005), é definida por oposição a *tempus* como as duas fases de uma mesma natureza, pois o tempo inerente ao próprio processo é o aspecto; enquanto o tempo do processo em relação ao momento da enunciação e ao sistema fixo de referência temporal é chamado de *tempus*. Costa (1997) explica que a diferença básica entre as duas categorias é o ponto de vista semântico, **pois o tempo interno (da sentença) é o aspecto, e o tempo externo (da sentença e da enunciação) é o tempo. [grifo nosso]**

Conforme essa autora (1997):

As noções semânticas do âmbito do Tempo dizem respeito à localização do fato enunciado relativamente ao momento da enunciação; são, em linhas gerais, as noções de presente, passado e futuro e suas subdivisões. Já as noções semânticas do âmbito do Aspecto são as noções de duração, instantaneidade, começo, desenvolvimento e fim. (COSTA, 1997, p.19)

²⁷ Exemplos de Costa (1997)

Assim, entendemos que essas noções se referem à maneira como o tempo decorrido dentro dos limites do fato é tratado. Por exemplo:

(5) Estive escrevendo por muito tempo²⁸.

Nesse enunciado, o falante quer expressar não só a referência ao tempo em que a ação de escrever ocorreu em relação ao momento da fala, como também expressar o desenvolvimento dessa ação, ou melhor, a duração. Consoante Costa (1997, p. 20) “enquanto a categoria de Tempo trata o fato enquanto ponto distribuído na linha de tempo, a categoria de Aspecto trata o fato como possível de conter frações de tempo que decorrem dentro dos seus limites.”

Em síntese, para essas autoras, o tempo é uma categoria dêitica (indica o momento da enunciação), e o aspecto é uma categoria não-dêitica, pois o evento é apresentado em si mesmo, sem envolver participantes e tampouco a referência ao evento da fala. Costa (1997) apresenta uma reflexão prática que auxilia na distinção das categorias tempo e aspecto. Ela utiliza a análise da temporalidade em duas formas nominais: o gerúndio e o particípio.

Essa mesma autora (1997, p. 20) manifesta-se que “o Gerúndio expressa a cursividade, o decorrer, o escoamento do tempo; o Particípio expressa um estado (por isso, de certa forma, permanência no tempo) como decorrência de um processo anterior, portanto como resultado do escoar do tempo.” Assim, o gerúndio representaria o aspecto e o particípio representaria o tempo. Por exemplo:

(6a) O menino *está jogando* bola. (escoamento do tempo)

(6b) O menino *tem jogado* bola. (permanência no tempo)

Corôa (2005) explica que, no aspecto, os eventos se desenvolvem de um estado inicial para um final, por isso, muitas vezes é identificado com a duração. Então, ao contrário de Costa (1997), Corôa (2005) considera a oposição entre as formas nominais como aspectual e não temporal, porque o aspecto se centra nas características de limite ou completude da ação.

Seguindo o pensamento de Corôa (2005.p.73), “não é a relação momentâneo *versus* o durativo que caracteriza o aspecto, mas o conclusivo (perfectivo) *versus* o inconclusivo

²⁸ Exemplos de Costa (1997)

(imperfectivo). A duração só faz parte da distinção quando for implícita no desenvolvimento do processo.” Por exemplo²⁹:

(7a) O menino *jogou* bola. (perfectivo)

(7b) O menino *jogava* bola. (imperfectivo)

Entendemos que o gerúndio e o particípio referidos por Costa (1997) correspondem ao perfectivo e imperfectivo de Corôa (2005).

Diante o exposto, temos que Tempo associa o evento, como um todo, ao momento em que é enunciado e a um momento de referência; enquanto que Aspecto é o tempo inerente ao evento, ou seja, é o tempo necessário ao seu desenvolvimento, sem implicações com a enunciação.

Mira Mateus et. al. (1994) explicam que a categoria linguística Tempo exprime no modo de enunciação experiencial (modo de enunciação característico da interação verbal que supõe sempre um EU e um TU e uma referência espacio-temporal organizada a partir do *aqui* e do *agora* da enunciação) a ordenação do intervalo de tempo que contém o estado de coisas descrito por uma predicação relativamente ao intervalo em que ocorre a enunciação da mesma. Dessa forma, essa predicação está gramaticalizada nos tempos verbais e exprime-se igualmente através de expressões com o valor de adverbiais temporais e de conectores frásicos de valor temporal.

Seguindo a classificação de Cunha e Cintra, elas também apresentam 03 (três) tempos naturais: Presente, Pretérito (ou Passado) e o Futuro, os quais exprimem uma ordenação do intervalo de tempo que contém o estado de coisas descrito relativamente ao intervalo de tempo em que ocorre a enunciação definida, respectivamente, pela relação de simultaneidade, anterioridade e posterioridade.

Para Mira Mateus et. al (1994), o tempo linguístico Presente exprime a simultaneidade do intervalo de tempo em que ocorre o estado de coisas e este presente é expresso, em geral, pelo presente do indicativo simples (ou perifrástico por causa do valor aspectual) e, em alguns, pelo futuro do indicativo (ex: A pousada ficará a uns 4km da aldeia)³⁰; o Passado exprime a anterioridade do intervalo de tempo que contém o estado de coisas descrito e expresso pelo pretérito perfeito ou imperfeito do indicativo; o Futuro exprime a posterioridade do intervalo

²⁹ Exemplos de Corôa (2005)

³⁰ Exemplo de Mira Mateus (1994, p.76)

de tempo que contém o estado de coisas e ele é expreso presente, futuro do indicativo, futuro do conjuntivo (por exemplo, orações temporais ou condicionais), imperativo ou presente do conjuntivo (como em frases imperativas, exclamativas e declarativas).

Segundo as autoras, se no modo de enunciação experiencial o tempo é uma categoria enunciativa, visto que o Presente sempre é o termo-origem da localização temporal, o mesmo não acontece no modo de enunciação narrativo (também chamado histórico). Porque:

Neste modo de enunciação, característico de um certo tipo de discurso escrito que descreve estados de coisas tidos como efetivamente ocorridos ou testemunhados, ordenados uns relativamente aos outros num eixo cronológico, o termo-origem da ordenação temporal é o intervalo de tempo que contém um desses fatos. Tal intervalo aparece designado explicitamente através de uma **data** (ou de seu equivalente semântico). Tratando-se, neste modo de enunciação, de uma **descrição de factos** (relativos a um dado universo de referência que pode ser ficcional, por exemplo.), estes surgem sempre localizados no passado, sucedendo-se uns aos outros no discurso segundo a ordem em que ocorrem “historicamente”; os fatos “parecem contar-se a si próprios”, numa “narrativa contínua” em que os tempos verbais utilizados são o **pretérito perfeito**, o **imperfeito**, o **mais-que-perfeito** e o **condicional** (como expressão de um futuro do passado). (MIRA MATEUS et. al. 1994, p. 80)

Dessa forma, as autoras compreendem que no modo de enunciação experiencial as expressões adverbiais temporais organizam-se a partir do termo-origem “agora” e no modo de enunciação narrativa, as expressões adverbiais temporais organizam-se a partir do intervalo de tempo que contém o fato tomado como termo-origem da ordenação temporal e o “então” é o nome desse intervalo de tempo. Logo, no modo de enunciação narrativa, as expressões adverbiais temporais funcionam como referenciais e não dêiticos.

Em relação ao Aspecto, elas explicam que o Português é uma das poucas línguas em que se encontra lexicalizada a oposição *ser / estar* e que por isso esta categoria vai vir representada: (8) pelas distinções aspectuais decorrentes da própria natureza dos estados de coisas descritos; (9) pelas formas verbais que ocorrem nos enunciados; (10) pelas construções “perifrásticas” em que ocorre uma forma flexionada de uma variante aspectual de *ser* ou *estar* seguida de infinitivo (**no Português Brasileiro é o gerúndio [grifo nosso]**); (11) pelo papel de certas classes de adverbiais temporais na expressão de valores aspectuais. Vejamos alguns exemplos³¹:

³¹ Exemplos de Mira Mateus (1994, p. 89-90)

- (8) O João esteve *deitado*; A Joana *nasceu* em Fevereiro.
- (9) O Luís *estudou* até tarde; O Luís *estuda* até tarde; O Luís *tem estudado* até tarde.
- (10) Ele *começou a almoçar* às duas horas; O João *está a estudar*; O Luís *deixou de fumar*.
- (11) O João janta *sempre* às oito horas; *Já* fui ao café; *Ainda* fui ao café; *Ainda* não fui ao café.

Então, conforme as autoras, para que se defina Aspecto é necessário:

Fazer apelo à tipologia dos estados de coisas e dos predicadores, para dar conta das distinções expressas pelos enunciados (I); Recorrer ao conceito de intervalo de tempo e a operações de quantificação sobre intervalos de tempo, para dar conta da duração do estado de coisas descrito e da singularidade / pluralidade da sua ocorrência (II); Incluir a referência às fronteiras inicial e final de um intervalo de tempo, bem como a intervalos de tempo imediatamente anteriores e imediatamente posteriores ao intervalo de tempo relevante, para captar distinções... Assim chamaremos **aspecto** à categoria que exprime o modo de ser (interno) de um estado de coisas descrito através de expressões de uma língua natural, (i) por seleção de um predicador pertencente a uma dada classe; (ii) por quantificação do intervalo de tempo em que o estado de coisas descrito está localizado e / ou (iii) por referência à fronteira inicial ou final desse intervalo, ou a intervalos adjacentes.
(MIRA MATEUS et. al 1994, p.90)

Trouxemos à baila toda essa discussão para demonstrarmos que essas classificações não se sustentam no que diz respeito ao uso da língua, isto é, à enunciação, pois como Culioli (1990) defende, ao enunciar, realizamos uma atividade de linguagem e ativamos operações cognitivas que envolvem o léxico e a gramática, simultaneamente e, por isso, ele recusa a existência da divisão entre ambos, porque segundo ele, operamos com a relação léxico-gramatical para construirmos os enunciados. Dessa forma, Culioli (1990) justifica que temos o Tempo linguístico, o qual vai ser fundado mediante a uma classe ordenada de instantes, de localizadores e de intervalos de instantes e que por isso a temporalidade como categoria pura não existe.

Voltaremos a falar sobre esse assunto. Passemos, a seguir, para o entendimento do Aparelho Formal de Benveniste.

3.2. Aparelho Formal da Língua³² em Benveniste

Benveniste ([1976], 2005), no seu artigo *A natureza dos pronomes*, explica que os pronomes não constituem uma classe unitária, mas espécies diferentes segundo o modo de

³² Queremos justificar que nos apropriamos de Flores (2013) para o uso deste sintagma, pois este autor defende que seria melhor nomear Aparelho Formal da Língua em vez de Aparelho Formal da Enunciação.

linguagem do qual são os signos, pois uns pertencem à sintaxe da língua e outros são característicos do que ele chamou “instâncias do discurso”, ou seja, os atos discretos e cada vez únicos pelos quais a língua é atualizada em palavra pelo locutor. E segundo ele:

Deve considerar-se em primeiro lugar, a situação dos pronomes pessoais. Não é suficiente distingui-los dos outros pronomes por uma denominação que os separe. É preciso ver que a definição comum dos pronomes pessoais como contendo os três termos *eu, tu, ele*, abole justamente a noção de “pessoa”. Esta é própria somente de *eu/tu*, e falta em *ele*. Essa diferença natural sobressairá da análise de *eu*. (BENVENISTE, [1976], 2005, p.277-278)

Benveniste ([1976] 2005, p. 278) então, explica que, *eu* e *tu* referem-se à realidade do discurso, pois *Eu* só pode definir-se em termos de locução, não em termos de objetos, como um signo nominal. *Eu* significa “a pessoa que enuncia a presente instância de discurso que contém eu.” Além disso, ele explica que *Eu* enquanto instância de forma só tem existência linguística no ato de palavras que a profere, ou seja, *Eu* pode ser referente ou referido, pois, para o autor:

[...] *eu* é o “indivíduo que enuncia a presente instância de discurso que contém a instância linguística *eu*”. Consequentemente, introduzindo-se a situação de “alocução”, obtém-se uma definição simétrica para *tu*, como “indivíduo alocutado na presente instância de discurso contendo a instância linguística *tu*.” Essas definições visam *eu* e *tu* como uma categoria da linguagem e se relacionam com a sua posição na linguagem. (BENVENISTE, 2005, p.279)

Dessa forma, para Benveniste ([1976], 2005), quando o indivíduo se apropria da linguagem ela se torna instância de discurso e as instâncias são caracterizadas por um sistema de referência interna cuja chave é *eu*, e que define o indivíduo pela construção linguística particular de que esse indivíduo se serve quando se enuncia como locutor. Então, “eu” e “tu” não podem existir como signos virtuais, eles só existem na medida em que são atualizados na instância de discurso, em que marcam para cada uma das suas próprias instâncias o processo de apropriação pelo locutor.

Como explica Flores (2013, p.117), o locutor é sim “uma instância linguística cuja função teórica é promover a apropriação da língua, sua transformação em discurso. E é nesse ato de apropriação que se dá a subjetividade (insisto: é a subjetividade que se apresenta aqui e não o sujeito).” Porque para Flores (2013), o locutor se apresenta como sujeito, pois é este que se apropria da língua e a subjetividade é, de fato, essa passagem que se dá via apropriação.

E Benveniste ([1976], 2005) continua o seu raciocínio no artigo *Da subjetividade na linguagem*, ao explicar que *eu* e *tu* não devem ser tomados como figuras, mas sim, como formas linguísticas que indicam a “pessoa” e que “é notável o fato [...] de que entre os signos de uma língua, de qualquer tipo, época ou região que ela seja, não faltam jamais os ‘pronomes pessoais’. **Uma língua sem expressão da pessoa é inconcebível.**” (BENVENISTE, 2005, p. 287) **[grifo nosso]**

Assim, conforme Benveniste, *eu* se refere ao ato de discurso individual no qual é pronunciado, e *tu* designa um locutor; *eu* só pode ser identificado numa instância de discurso e a realidade a qual ele remete, é a realidade do discurso. “É na instância de discurso na qual *eu* designa o locutor que este se enuncia como ‘sujeito’. É, portanto, verdade ao pé da letra que o fundamento da subjetividade está no exercício da língua. [...] A linguagem está de tal forma organizada que permite a cada locutor apropriar-se da língua toda designando-se como *eu*.” (BENVENISTE, 2005, p.288),

E para ele, os pronomes pessoais são o primeiro ponto de apoio para essa revelação da subjetividade na linguagem, pois *eu* propõe outra pessoa, aquela que é o meu eco, *tu* que me diz *tu*, ou seja, a linguagem só é possível porque cada locutor se apresenta como sujeito, remetendo a ele mesmo como *eu* no seu discurso. “É ‘ego’ que diz ego. Encontramos aí o fundamento da ‘subjetividade’ que se determina pelo *status* linguístico da ‘pessoa’.” (BENVENISTE, 2005, p. 286)

Já no seu artigo *Aparelho formal da enunciação*, Benveniste ([1976], 2006) explica que a condição específica da enunciação é o ato mesmo de produzir um enunciado e não o texto do enunciado, ou seja, este ato é o fato do locutor que mobiliza a língua por sua conta e a enunciação se define em relação à língua como um processo de apropriação. “A condição mesma dessa mobilização e dessa apropriação da língua é, para o locutor, a necessidade de referir pelo discurso, e, para o outro, a possibilidade de co-referir identicamente, no consenso pragmático que faz de cada locutor um co-locutor. A referência é parte integrante da enunciação.

E explica ainda:

O ato individual de apropriação da língua introduz aquele que fala em sua fala. Este é um dado constitutivo da enunciação. A presença do locutor em sua enunciação faz com que cada instância de discurso constitua um centro de referência interno. Esta situação vai se manifestar por um jogo de formas específicas cuja função é de colocar o locutor em relação constante e necessária com sua enunciação. (BENVENISTE ([1976],2006, p.84)

Dessa forma, Benveniste ([1976], 2006) considerou o enunciado como o resultado de um ato de linguagem individual amparado num “aqui” e num “agora”. Ele concebeu a enunciação como um ato individual de apropriação da língua produzindo um enunciado. Para ele o que lhe interessa é o ato mesmo de produzir enunciado, pois neste momento a pessoa se declara locutor, assume a língua e implanta o outro diante de si. E é a relação do locutor com a língua que determina os caracteres linguísticos da enunciação. Esses caracteres formam o que se chama de “aparelho formal da enunciação de Benveniste”, o qual é composto pelas categorias de pessoa, tempo e espaço, ou seja, o *ego* (eu), *hic* (aqui) e *nunc* (agora).

Enquanto realização individual, a enunciação pode se definir, em relação à língua, como um processo de apropriação. O locutor se apropria do aparelho formal da língua e enuncia sua posição de locutor por meio de **índices específicos**, de um lado, e por meio de **procedimentos acessórios**, de outro. (BENVENISTE, ([1976], 2006), p. 84) **[grifo nosso]**

E o que seriam esses índices específicos e os procedimentos acessórios?

Conforme Flores (2013), os índices específicos da enunciação são estudados “exaustivamente” por Benveniste nos seus textos, os quais se referem às categorias de pessoa, tempo e espaço e os procedimentos acessórios referem-se à singularidade que cada análise linguística da enunciação evoca, ou seja, estão ligados à língua toda. Então, para Flores (2013):

Em linhas gerais, o quadro formal da enunciação é constituído pelo ato, no qual estão implicados locutor e alocutário, situação na qual se constitui a referência construída no discurso, e os instrumentos de realização, específicos e acessórios. [...] Logo, o dito *aparelho formal de enunciação* não é algo que esteja pronto aprioristicamente e que caberia ao locutor acessar, tomar posse, mas é algo construído a cada enunciação a partir dos recursos da língua em uma dada situação. É errado supor, então, que o locutor se apropria do *aparelho formal da enunciação*. Ele, na verdade, o constrói, a cada enunciação, a partir do *aparelho formal da língua*. (FLORES, 2013, p. 167-168)

Diante do que discutimos, entendemos que para Benveniste ([1976],2005): o Locutor trata-se de uma instância linguística, o Sujeito como instância do discurso; a Subjetividade como a capacidade do locutor se propor como sujeito nos enunciados e Categoria de Pessoa como um fundamento linguístico indispensável às línguas naturais, pois é por meio dessa categoria que o sujeito aparece no exercício da língua.

Além disso, compartilhando da explanação de Fuchs (1985), defendemos que a grande contribuição (arriscamos a afirmar isso) da Corrente Enunciativa (no sentido estrito), na qual se encontram Benveniste e Culioli, foi o processo contínuo de ampliação da análise que incide de início sobre certas categorias enunciativas e se estende a todo o enunciado e à própria noção de categoria enunciativa, ou seja, das categorias formais, é que temos as categorias nocionais, mais ou menos definidas, e cuja ligação com as marcas linguísticas tornam-se cada vez mais tênues, à medida que se passa ampliar essas categorias, por exemplo, do “aqui” do enunciador ao estudo das categorias de espaço; do “agora” do enunciador ao estudo da temporalidade, a qual envolve tempo e aspecto.

Como também, atenta-se para analisar o conjunto das operações constitutivas do enunciado, que se encontram integradas ao campo enunciativo, ou seja, busca-se compreender como o “sentido” se forma em palavras, ou ainda, como representar os processos pelos quais as formas linguísticas da enunciação diversificam-se e geram-se. Segundo Fuchs (1985):

Esse duplo processo de ampliação (das categorias formais às categorias nocionais, e das operações estritamente enunciativas ao conjunto das operações constitutivas do enunciado) leva à construção de verdadeiros “modelos enunciativos” da linguagem (como por exemplo, o de Culioli). Nesta perspectiva, tudo está subordinado à enunciação, o que quer dizer que todas as unidades e todas as relações que intervêm no enunciado tendem a ser analisadas, numa visão unificada, à luz dos parâmetros enunciativos. (FUCHS, 1985, p. 118)

Para Fuchs (1985), há um ponto comum a essa Corrente Enunciativa: é a inserção do sujeito no próprio sistema da língua que se tenta tornar operatória, da intuição da “não-transparência da linguagem”, de seu papel não (exclusivamente) instrumental. E é seguindo esse raciocínio de sistema operatório da língua que iremos discutir um pouco melhor o Sujeito e o Tempo em Culioli. Vejamos.

3.3. Sujeito e Tempo no viés Culioliano

3.3.1. Enunciador e Coenunciador

No modelo da TOE proposta por Culioli (1990), tanto o Sujeito como o Tempo são vistos como parâmetros abstratos definidores de uma situação de enunciação também abstrata. Culioli (1990) não se resume a uma teoria de sujeitos enunciadores, pois ele se ocupa das operações

abstratas subjacentes à constituição do enunciado e não ao ato de enunciar em si. Como explica Sousa (2007):

[...] Este não é considerado como resultado de um acto individual de linguagem produzido num aqui e agora por um enunciador, mas é entendido como o resultado de um encadeamento de operações que podem ser analisadas no quadro de um sistema de representação formalizável. (SOUSA, 2007, p. 25)

Para a TOE, a linguagem é tida como um trabalho tanto linguístico quanto subjetivo porque envolve sujeitos (que elaboram a realidade por meio de suas percepções) que realizam operações que constroem significados linguísticos com a língua, numa dada situação (espaço) e num dado momento (tempo). Assim, o que interessa para essa teoria é o funcionamento da atividade de linguagem, o modo particular de organização e agenciamento das formas, concepção essa que compreende a variação como um processo inerente à língua. A linguagem é entendida como atividade simbólica que implica uma relação entre representação mental, processos referenciais e regulação. Conforme Campos (1997):

É tarefa do linguista estudar o funcionamento da linguagem enquanto atividade significante de representação, isto é, enquanto atividade de produção e reconhecimento de formas linguísticas. A atividade de linguagem é, assim, encarada como tendo lugar num espaço intersubjectivo em que dois sujeitos enunciadore – enunciador origem e coenunciador – são condição constitutiva da própria enunciação. (CAMPOS, 1997, p. 167)

Campos (1997) explica, ainda, que os dois sujeitos enunciadore (enunciador origem e coenunciador) são termos primitivos sem os quais não há enunciação. Destes parâmetros enunciativos, o enunciador origem produz ou constrói significação que o coenunciador reconhece ou reconstrói. Ou seja:

Construir significação é construir determinação. Por outras palavras, a significação de um enunciado resulta de uma cadeia de operações de localização abstrata, pelas quais um termo menos determinado ganha determinação ao ser localizado em relação a um termo mais determinado, que é o localizador. Nessa cadeia de operações, o localizador último é o parâmetro enunciativo situação origem Sit (S0, T0) ou Sit0, definida pelos parâmetros enunciativos enunciador origem S0 e tempo da enunciação origem T0. (CAMPOS, 1997, p. 168)

Como já apresentamos no capítulo anterior, para Culioli (1990), Noção é um sistema complexo de representação estruturante de propriedades físico-culturais de ordem cognitiva (noções ditas lexicais, noções gramaticais, etc.). Ele explica, ainda, que uma Noção é anterior à categorização em substantivo, em verbo, etc.; pois, ela é definida em intensão e não é quantificável e por isso fala-se em “noção predicativa”, que nada mais é do que colocar um termo linguístico a ser predicável, por exemplo, “casa ser casa” e o Domínio nocional trata-se de uma representação cognitiva de ordem qualitativa, constitutiva da atividade de linguagem. Já a Ocorrência, é na verdade, a “ocorrência da Noção” e define-se como a passagem da Noção a uma materialidade acessível ao linguista, com a indissociável localização construída num sistema referencial estabelecido pelos parâmetros Sujeito Origem e Tempo-Espaço Origem da enunciação. Segundo Campos (1997):

Assim, cito Culioli (1992): “uma ocorrência associa necessariamente à Qualidade inicial a delimitação de um Quantum espaço-temporal por um sujeito. Essa delimitação não remete forçosamente para o mundo físico exterior e para os objetos materiais desse mundo! Aqui, trata-se apenas de construir representações”. (CULIOLI, 1992, p.04 apud CAMPOS, 1997, p. 185)

Portanto, Campos (1997) explica que a operação de localização, assim como a noção, é um primitivo teórico constitutivo da atividade de linguagem e serve para construir uma relação binária entre um termo X localizado e um termo Y localizador, ou seja, na cadeia de operações cada termo linguístico ou metalinguístico é termo localizado e termo localizador em diferentes relações. “Os parâmetros enunciativos sujeito e tempo-espaço definem uma situação de enunciação (Sit) ou sistema referencial que constitui o localizador último ou localizador origem.” (CAMPOS, 1997, p. 185)

Culioli (1990) entende a enunciação como a alteridade entre enunciador e coenunciador situados num Sistema de Referenciação (Sit) em que se operam com os termos linguísticos realizando a atividade de linguagem que envolve a atividade de representação mental, a atividade de processos referenciais e a atividade de regulação. A Atividade de representação³³ é a que, segundo Culioli (1990), permite construir um sistema de representação que traga sobre esse sistema de representação o que é uma língua, ou seja, nessa atividade nós (como usuários

³³ As demais atividades (Regulação e Referenciação) já foram abordadas no Capítulo 2, apenas escolhemos detalhar essa da Representação para podermos esclarecer melhor essa questão do Sujeito e Tempo em Culioli.

da língua) ativamos sequências de operações que se desenvolvem em 3 níveis para a construção de um sistema referencial intersubjetivo.

No nível 1, que é o nível da representação, onde a representação remete à representação mental, trata-se para Culioli (1990, p.21), da cognição no seu sentido mais amplo, isto é, “é neste nível de representações que organizamos as experiências [...] que nós construímos a partir das relações de mundo aos objetos da nossa comunidade cultural do interdiscurso naquele que estamos imersos”³⁴. Para Culioli (1990), o linguista só tem acesso a esse nível 1 por meio dos textos que são, somente, uma parte dos traços dessa atividade cognitiva, ou melhor, dessa atividade de representação da língua.

O nível 2 corresponde às representações chamadas de linguísticas que trazem consigo os traços da representação do nível 1, sendo a única forma de termos acesso ao nível das representações mentais e o nível 3 é um sistema de representação necessariamente metalinguístico. Esse nível também mantém relação com o nível 2, pois é deste que o linguista faz uso com a intenção de construir ferramentas metalinguísticas para, assim, representar os fenômenos textuais.

É por meio desses níveis que Culioli (1990) justifica o seu objetivo como linguista, que é examinar se em nossa atividade de linguagem tal como ela aparece, ao nível de representação mental através dos traços que são os textos, se há regularidades que podem ser calculadas, ou melhor, possam ser formalizadas.

Dessa forma, na TOE enunciar é construir determinação, ou seja, para que haja enunciado, deve existir uma relação predicativa localizada em relação a um sistema referencial (Sit) que será validada ou não validada pelo enunciador. Assim, teremos a questão da Alteridade e da Modalidade.

Culioli (1990) explica que o conceito de enunciador está em uma relação de alteridade para com o coenunciador de tal forma que possa haver aproximação ou separação. Por outro lado, o locutor e o interlocutor estão sempre separados e não devemos confundir o campo intersubjetivo (no qual o sujeito se refere ao enunciador) com a mecânica interlocutória, ou seja, a coenunciação para Culioli (1999) é o conjunto de relações complexas que envolvem os interlocutores por meio da linguagem; a referenciação não é polariza, ou seja, não é nem neutra nem objetiva, ela (a referenciação) se instaura “num entre”, isto é, no processo mediado pelos sujeitos de construção e reconstrução de significação. E dessa forma, temos o que Culioli (1999)

³⁴ [...] à ce niveau de représentations qui organisent des expériences que nous construisons à partir de nos relations au monde, aux objets, à autrui, de notre appartenance à une culture, de l'interdiscours dans lequel nous baignons.

chama de “modalizar”, que nada mais é do que se apossar de uma modalidade para produzir e reconhecer enunciados.

Culioli (1999) traz 04 (quatro) tipos de modalidade, embora, ele mesmo explica que a operação de modalização pode pertencer a mais de um tipo, uma vez que, essas operações se imbricam em suas configurações no texto. **A modalidade 1** ocorre com a asserção (afirmativa ou negativa), com a interrogação, com a injunção (pedido, sugestão) e com o hipotético; **a modalidade 2** é conhecida como a modalidade epistêmica, a qual exprime uma crença, uma possibilidade, isto é, há uma ausência de certeza do sujeito enunciador quanto à validação da relação predicativa; **a modalidade 3** ou apreciativa, refere-se a uma apreciação sobre o caráter bom, ruim, feliz, infeliz, etc. do conteúdo da proposição e **a modalidade 4** ou modalidade intersubjetiva refere-se às relações entre sujeito enunciador e sujeito coenunciador, ou seja, ela trata dos valores deônticos como: desejo, pretensão, vontade, ordem, capacidade, etc.

Vejamos alguns exemplos³⁵:

Modalidade 1: Asserção negativa

[...] O grande sonho que eu tenho é entrá para a polícia ou ser desainer de “game” e esses são meus sonhos e **ainda não realizei porque ainda não sou adulto mas pretendo realizar...**

Modalidade 2: Epistêmica

Ivete ficou muito nervosa **eu acredito** porque a primeira vez de Ivete no palco foi com 11 anos, no bairro São João de Senhor do Bonfim, no show de Oswaldinho do Acordeon. [...]

Modalidade 3: Apreciativa

[...] XXX é tocador de uma banda de forró. Ele adora tocar violão e **até porque quando canta não é bom só para ele e sim para todos.**

Modalidade 4: Intersubjetiva

Eu pretendo continuar morando em Teresina (PI) e comprar um apartamento na zona sul e fazer meu escritório e **esta é uma parte da minha vida e pretendo mais coisas...**

Conforme Campos (1997), as operações de modalização têm o parâmetro S (Sujeito Origem) como termo localizador e por isso esses tipos de operações determinam a relação predicativa no que respeita à forma (e grau) em que o sujeito enunciador S assume essa relação predicativa. Logo, das operações de modalização resulta o valor modal da relação predicativa.

³⁵ Exemplos do nosso *corpus*

Assim, Campos (1997) cita Alexandrescu (1976) para explicar que todo enunciado é modalizado:

Diz Alexandrescu (1976:25) que todo o enunciado é modalizado ou por um operador modal de crença (ou opinião) ou por um operador modal de saber, podendo o enunciado ser também modalizado por outros operadores (que serão secundários em relação aos primeiros). Os operadores de opinião e os operadores de saber são portanto, em alternativa, constitutivos de todo o enunciado. Os valores construídos por estas operações modais (de opinião e de saber) correspondem aos diversos pontos de uma escala de valores assertivos, situando-se entre um pólo negativo – os valores do domínio do incerto – e um pólo positivo – os valores do domínio do certo. Entre os dois pólos situa-se o domínio do não-certo. (ALEXANDRESCU, 1976, p. 25 apud CAMPOS, 1997, p. 153)

Dessa forma, concordamos com Barros (2017) ao dizer que Culioli descreve a modalidade em referência à relação intersubjetiva, ou seja, o sujeito enunciador, considerado o centro organizador do enunciado, remete ao interlocutor por meio do seu dizer, e desse modo, determina duas modalidades fundamentais. De um lado, a modalização reflete os modos de dizer, de predicar, onde o sujeito recorre aos índices linguísticos que expressam seus modos de apoio. Por outro lado, a relação intersubjetiva está em jogo, implicando uma distância em relação ao que é visado, isto é, às situações de desejo, de vontade, de desejo, de ordem.

Assim, como explica Neves (2012):

Para Culioli, modalidade, ou valor modal de um enunciado, corresponde ao resultado da localização da relação predicativa em relação ao parâmetro S0, sujeito da enunciação. Essa operação vai caracterizar o ponto de vista do sujeito enunciador sobre aquilo que enuncia, assumindo o conhecimento construído ou se distanciando dele, dependendo do valor modal que lhe vai atribuir. (NEVES, 2012, p. 68)

Como exemplifica Neves (2012, p. 68-69), de uma relação predicativa < João comprar pão > podem derivar, os seguintes enunciados:

- (12) João comprou os pães.
- (13) João deve ter comprado um pão.
- (14) João comprou o pão?
- (15) Felizmente, João comprou o pão.

(16) João tem de comprar o pão para o café.

Para Neves (2012), nesses enunciados o enunciador assume de diferente forma e grau a relação predicativa. Em (12), o enunciador construiu um valor de asserção, já que validou a relação predicativa, assumindo, dessa maneira, que “sabe que João comprou os pães”. Em (13), temos construído um valor de asserção com o verbo “dever”, porém, com o valor do quase certo, assinalando que o enunciador não tem total certeza do conhecimento da compra dos pães. Em (14), o enunciador não valida a relação predicativa subjacente ao enunciado como certa ou não certa. Ele remete essa tarefa ao coenunciador pela construção antecipada do seu espaço enunciativo. Em (15), por meio da forma linguística “Felizmente”, o enunciador constrói uma apreciação sobre a asserção pré-construída “João comprou os pães” e em (16), o sujeito enunciador deôntico age sobre o alvo deôntico “João” impondo-lhe uma obrigação, ou seja, essa relação de agentividade é de natureza enunciativa e é validada na mesma enunciação.

Como explica Rezende (2000):

A questão fundamental é a combinatória entre essas 04 (quatro) modalidades em qualquer enunciação. A compreensão dessa combinatória permite: construir uma certa representação das coisas. Isso nos remete diretamente a relação linguagem e cognição. Essa relação, por sua vez, implica no problema da noção; Estabelecer uma relação intersujeitos levando em consideração discursos anteriores ou projeções de discursos. Essa segunda questão nos introduz diretamente no problema da argumentação e nos remete a todos os problemas de aspecto e modulações enunciativas. (REZENDE, 2000, p. 105)

Voltaremos a falar de Alteridade e Modalidade no Capítulo das análises. Vejamos, a seguir, como o Tempo é abordado em Culioli.

3.3.2. A Temporalidade

Como explica Culioli (1999), ao falarmos de Tempo estamos longe do tempo da Física ou mesmo das representações da temporalidade, tais como encontramos nos mitos, nas cosmogomias ou religiões. Para ele, o objetivo vai ser construir a temporalidade linguística, ou seja, de procurar como representar por um discurso metalinguístico os fenômenos aos quais se atribui essa propriedade de temporalidade e somente a este momento que nós poderemos tomar conta da diversidade das línguas e da universalidade da linguagem.

Para ele, a tradicional separação entre léxico e gramática interfere no entendimento da Categoria³⁶ Gramatical Tempo, pois podemos não ter distinção de tempo no sistema verbal, mas ter uma oposição do tipo antes/agora/depois, ou ontem/agora/amanhã que terá um papel complementar cada vez que for necessário marcar a distinção. Culioli (1999) explica que nossa experiência a mais cotidiana nos mostra que essa separação gramática-léxico não se sustenta. Sousa (2007) complementa:

Assim, uma categoria como o tempo, por exemplo, resulta da correspondência entre um conjunto de marcadores e uma representação a que chamamos noção gramatical. Obtém-se, assim, uma dupla relação não simétrica entre as noções e os marcadores, o que evidencia uma distanciação desta abordagem em relação à tradicional concepção de categoria, entendida no sentido de uma etiquetagem rígida. (SOUSA, 2007, p. 40)

Dessa forma, para Culioli (1999), a temporalidade vai ser fundada sobre a classe ordenada de instantes, sobre a construção de localizadores e sobre a construção de intervalos localizados sobre a classe de instantes. Para Sousa (2007):

Ao preferir a designação **classe de instantes**, Culioli coloca em destaque algumas questões fundamentais no domínio da temporalidade linguística. Em primeiro lugar, estabelece uma distinção entre tempo linguístico e tempo cronológico, pois não há nada que nos autorize a afirmar que os instantes que localizam as situações estejam ordenados num eixo temporal (habitualmente representado em física por um vetor orientado). Em segundo lugar, focaliza a indissociabilidade de tempo e aspecto. (SOUSA, 2007, p. 41)

Culioli (1999) vê a Temporalidade em 2 (duas) bases: A) A temporalidade é fundada sobre 3 ordens de representação e B) A construção do espaço de referência. A primeira base ainda é subdividida. Vejamos.

A) A temporalidade é fundada sobre 3 ordens de representação:

A.1) Sucessão ordenada de instantes: Todos os sistemas temporais são fundados sobre uma relação de ordem, tal que, todo instante tx seja anterior ou posterior em relação a um instante-

³⁶ Assumimos aqui o uso deste termo, pois Culioli trabalha com representação nocional, ou seja, para ele não existe categoria gramatical sem componente lexical. Assim, Categoria “é o produto de uma correspondência de representações de nível 1, de um lado, e de marcadores de nível 2, de outro (esses marcadores são dispostos em rede, próprios a uma língua dada: ter-se-á, então, um jogo específico de marcadores, ao qual se associa uma rede de valores). (CULIOLI, 1999, p. 164) *Une catégorie est le produit d'une mise en correspondance de représentations de niveau I, d'un côté, et de marqueurs de niveau II, de l'autre (ces marqueurs sont disposés en réseaux, propres à une langue donnée: on aura donc un jeu spécifique de marqueurs, auquel on associe un réseau de valeurs).*

localizador ty. Não se verifica nenhuma língua que contravenha a este princípio; não se discute o conceito de instante, nem de saber se é necessário assimilar a sucessão ordenada dos instantes à direita dos reais, nem ainda do tipo de continuidade ao qual lidamos. Trata-se de linguagem, ou seja, de representação intuitiva e não se pode levar a uma construção matemática.

A.2) Recorte: seja a representação linguística de um certo estado de coisas ao qual um sujeito deseja referir. Para construir um tal marcador, nós seremos induzidos a definir sobre a sucessão ordenada dos instantes um conjunto de pontos (cada ponto representa um estado instantâneo) que delimita um intervalo.

Construímos, então, duplas de pontos sucessivos, e pesquisamos se os estados (portanto, os pontos) sucessivos são qualitativamente indiscerníveis (lidamos, nesse caso, com um estado sem alteração, ou seja, sem descontinuidade), ou se existe um recorte, tal como a posição anterior do intervalo, ao qual pertence um dos pontos, seja qualitativamente diferente da posição posterior, a qual pertence o outro ponto da dupla. (CULIOLI, 1999, p. 165)³⁷

A.3) Consecução, concomitância, ajustamento:

[...] acontecimento p precede acontecimento q, ou acontecimento q segue acontecimento p, juntamos a concomitância: p concomitante de q, q concomitante de p. Se chamamos consecução, a relação de precedência em consequência, obtemos assim duas relações (concomitância; consecução), na qual o misto (consecução e concomitância) fornece o esquema elementar da relação de causação (a existência de p leva à passagem de fora-q a q, quer essa existência de p seja pré-estabelecida ou nova: temos realmente consecução; por outro lado, sem q sem causa, a saber aqui , p, o que é uma variedade de concomitância). (CULIOLI, 1999, p. 166)³⁸

³⁷ As traduções são de nossa inteira responsabilidade.

[...] On construit alors des couples de points successifs, et l'on recherche si les états (donc, les points) successifs sont qualitativement indiscernables (on a, dans ce cas, affaire à un état, sans altération, c'est-à-dire sans discontinuités), ou s'il existe une coupure, telle que la position antérieure de l'intervalle à laquelle appartient l'un des points soit qualitativement différente de la position ultérieure, à laquelle appartient l'autre point du couple.

³⁸*[...] événement p precede événement q, ou événement q suit événement p, on joindra la concomitance: p concomitante de q, q concomitante de p. Si l'on appelle consécution, la relation de précédent à consequente, on obtient ainsi deux relations (concomitance; consécution), dont le mixte (consécution et concomitance) fournit le schéma élémentaire de la relation de causation (l'existence de p entraîne le passage de hors-q à q, que cette existence de p soit préétablie ou nouvelle: on a bien consécution; d'un autre côté, pas de q sans cause, à savoir, ici, p ce qui est une variété de concomitance).*

B) A construção do espaço de referência

Como o próprio Culioli (1999) o apresenta, a princípio parece um mecanismo fácil, pois trata-se de um mecanismo sumário pelo qual se situa uma relação predicativa através de um sistema de coordenadas, configurado por S (construção de um sujeito origem e de uma relação intersubjetiva) e por T (localizador espaço-temporal). Mas, na verdade, o sistema de referência instaurado por essa relação predicativa, é bem mais complexo porque é construído por um sujeito que é parte integrante do sistema. Assim, nas palavras de Culioli (1999):

[...] não lidamos com um observador exterior, munido de um referencial objetivável, mas tudo acontece como se o sujeito se constituísse como origem do sistema de referência. Ora, esse sujeito deve construir o sistema em relação a outro sujeito com quem ele quer compartilhar sua representação; situação complexa, porque, fora disso que é apontar (quando lidamos com o visível e o interlocutor está presente), nós não possuímos referencial externo e pré-ajustado que funcionaria de sujeito a sujeito. É preciso construir um sistema de referência estável e ajustável, que permita ao outro reconstruí-lo a partir de enunciados, e o sistema de referência e a operação complexa de referenciação, graças aos quais o texto será interpretado e munido de valores referenciais. (CULIOLI, 1999, p. 167)³⁹

Deste modo, compreendemos que para Culioli (1999) o que se encontra em causa é a especificidade do tempo linguístico, este construído na e pela língua por um enunciador que a partir de uma situação-origem, constrói acontecimentos linguísticos localizados em relação a essa situação-origem ou em relação a outros localizadores construídos como tal pelo enunciador. Então, “a função dos marcadores temporais é estruturar a classe dos instantes, visto que esta determina um instante ou uma subclasse de instantes em relação ao/à qual se definem regiões que localizam ou a situação *p* ou o seu complementar *p'*”. (SOUSA, 2007, p.41)

Culioli (1999) explica que o trabalho do linguista consiste em mostrar que os sistemas específicos de tempos verbais somente são casos possíveis de representações (no sentido de traços) que não invalida a invariância de nossa representação cognitiva da temporalidade. A Temporalidade em termos de categoria pura não existe, pois trata-se de um sistema complexo de representação em que se misturam tempo, aspecto, modalidade e determinação (esta última

³⁹ [...] Ainsi, on n'a pas affaire à un observateur extérieur, muni d'un référentiel objectivable, mais tout se passe comme si le sujet se constituait comme origine du système de référence. Or, ce sujet doit construire le système par rapport à un autre sujet à qui il veut faire partager sa représentation; situation complexe, car en dehors du pointage (lorsqu'on a affaire à du visible et que l'interlocuteur est présent), nous ne possédons pas de référentiel externe et pré-ajusté qui fonctionnerait de sujet à sujet. Il faut donc construire un système de référence stable et ajustable, qui permette à autrui de reconstruire, à partir d'énoncés, et le système de référence et l'opération complexe de référenciation, grâce à quoi le texte sera interprété et muni de valeurs référentielles.

refere-se às operações pelas quais nós construímos “ocorrências” de representações nocionais que situamos no espaço topológico de referência intersubjetiva).

Como já citamos anteriormente, Culioli não separa tempo de aspecto, pois a classe de instantes é definida na ordem aspectual e temporal. Ou seja:

A aspectualidade em particular a distinção estado/transição vai permitir organizar a profusão de eventos, desenvolvendo a apreensão de estabilidades permanentes ou precárias, a representação dos eventos como visados ou fortuitos, realizados ou fracassados, simplesmente mencionados ou avaliados de um ponto de vista qualitativo. **A temporalidade não é uma simples combinação de categorias de modalidade e aspectualidade; ela tem sua especificidade, mas, é necessário repetir, ela não poderia ser construída de maneira independente.** (CULIOLI, 1999, p. 173)⁴⁰ [grifo do autor]

Culioli (1999) questiona: a categoria linguística de tempo está ligada à história de um grupo ou somente ela é uma possível possibilidade variada, derivada ao acaso e necessidade de um conjunto de propriedades e operações invariantes, elas mesmas produzidas por nossa estrutura mental (geometria do cérebro) e nossa experiência sensório-motora do mundo ao redor?

Segundo ele, a resposta para o linguista pode somente ser dupla: de um lado, ele será conduzido a afirmar a relação de equivalência entre as línguas, onde **equivalência** não deve ser interpretada como “intercambiável” ou “substituível” puro e simples, pois há sempre modulação; há sempre transposições necessárias e aproximações mais ou menos mutilantes. Por outro lado, o linguista porque é locutor como todo o mundo, será reconduzido a reconhecer que existe uma **singularidade** de cada sistema, ou seja, nós passamos de uma língua a outra e efetuamos um trabalho de reflexão sobre essas transferências e equivalências. Mas, a temporalidade não tem um papel preponderante nesta maneira de nossas representações. Porque:

Poderíamos dizer tanto da determinação da pessoa, ou da espacialidade. Se tendemos a dar uma atenção especial à temporalidade, é talvez porque associamos tempo e memória, de um lado, tempo e relato de outro, ou seja, duas relações essenciais de nossa vida psicológica e social. Daí uma tomada de consciência mais aguda das diferenças, porque a cultura e a comunicação

⁴⁰[...] *L'aspectualité, em particulier la distinction état/transition, va permettre d'organiser la profusion des événements, em développant l'appréhension de stabilités permanentes ou précaires, la représentation des événements comme visés ou fortuits, réussis ou ratés, simplement mentionnés ou évalués d'un point de vue qualitatif. La temporalité n'est pas une simple combinaison des catégories de la modalité et de l'aspectualité; ele a as spécificité, mais, il faut le répéter, ele ne saurait être construite de façon indépendante.*

interpessoais dependente desses hiatos entre o que esperamos, a partir de nossa experiência não-consciente de uma língua primeira, e que observamos no outro. (CULIOLI, 1999, p. 174-175)⁴¹

Diante do que expusemos, fica claro que, para a TOE, tratando-se do tempo, temos uma multiplicidade de categorizações possíveis, pois alguns sistemas de representação serão essencialmente aspectuais e, de outro, pelo menos “aparentemente” serão temporais, mas o fato é que: não existe sistema de representação estritamente temporal. Porque as categorias linguísticas são construídas em rede, ou seja, é sempre uma categoria relacionando-se com outra(s) categoria(s); assim, é o tempo ligado à modalidade, ao aspecto, à diátese, à determinação, etc. Voltaremos a falar disso no Capítulo das Análises.

Mostramos algumas discussões em relação ao Tempo e Pessoa, em especial, no viés de Benveniste e Culioli. Então, como o foco da pesquisa está baseada nos deslocamentos de pessoa-espaco-tempo no texto Biografia, discutiremos, a seguir, como os planos de enunciação se apresentam para esses autores. Vejamos.

3.4 Planos Enunciativos em Benveniste

Benveniste ([1976], 2005) no seu artigo *As relações de tempo no verbo francês* explica que os tempos de um verbo francês não se empregam como membros de um sistema único; distribuem-se em dois sistemas distintos e complementares, pois cada um deles compreende apenas uma parte dos tempos do verbo (todos dois estão em uso concorrente e permanecem disponíveis para cada locutor). Segundo ele, esses dois sistemas manifestam dois planos de enunciação diferentes, que se distinguem em: **plano da história** e **plano do discurso**.

Conforme Benveniste ([1976], 2005), o plano da história ou enunciação histórica diz respeito à língua escrita e caracteriza a narrativa dos acontecimentos passados. Ele dá ênfase a 03 (três) termos: narrativa, acontecimento e passado. Assim:

⁴¹ [...]On pourrait en dire autant de la détermination de la peronne, ou de la spatialité. Si nous tendons à accorder une attention particulière à la temporalité, c'est peut-être parce que nous associons temps et mémoire d'un côté, temps et récit de l'autre, c'est-à-dire deux relations essentielles de notre vie psychique et sociale. D'où une prise de conscience plus aiguë des différences, car la culture et la communication interpersonnelles dependente de ces hiatos entre ce que l'on attend, à partir de notre expérience non-consciente d'une langue première, et ce que l'on observe chez l'autre.

Trata-se da apresentação dos fatos sobrevividos a um certo momento do tempo, sem nenhuma intervenção do locutor na narrativa. Para que possam ser registrados como se tendo produzido, esses fatos devem pertencer ao passado. [...] desde que são registrados e enunciados numa expressão temporal histórica estão caracterizados como passados. A intenção histórica constitui realmente uma das grandes funções da língua: imprime-lhe a sua temporalidade específica. (BENVENISTE, [1976], 2005, p. 262)

Como já discutimos no Capítulo 1, nesse tipo de plano enunciativo, há uma exclusão de toda forma linguística “autobiográfica”, pois como explica Benveniste ([1976], 2005, p.262), “O historiador não dirá jamais *eu* nem *tu* nem *aqui* nem *agora* [...] só se verificarão formas de ‘terceira pessoa’. Desse modo, conforme Benveniste ([1976], 2005), é necessário que o autor permaneça fiel ao seu propósito de historiador e exclua tudo o que é estranho à narrativa, como: discursos, reflexões, comparações, etc. Ou seja, os acontecimentos narram por si mesmos, o tempo fundamental é o aoristo⁴² que é o tempo do acontecimento fora da pessoa de um narrador.

O Plano do Discurso refere-se à inclusão da pessoa no texto, ou seja, “toda enunciação que suponha um locutor e um ouvinte e, no primeiro, a intenção de influenciar, de algum modo, o outro”. (BENVENISTE [1976], 2005, p.267). Assim, para esse autor, a enunciação histórica é reservada à língua escrita e o plano do discurso inclui a língua escrita e falada. Porém, ele faz uma observação, ao esclarecer que é possível passar do plano histórico para o plano do discurso, alterando as relações de pessoa, espaço e tempo. Isso acontece quando os interlocutores intervêm no texto, julgando os acontecimentos.

Além disso, ainda esclarece que é possível um texto ou parte dele, localizar-se entre os dois planos de enunciação, estabelecendo, desse modo, um terceiro tipo de enunciação, que é o discurso indireto: “[...] o discurso é referido em termos de acontecimento e transposto para o plano histórico...” (BENVENISTE,[1976], 2005, p. 267). Então, ele aborda a diferença desses dois planos principais por meio de traços gramaticais que, segundo Onofre (2003, p.68) são os seguintes:

- 1) A enunciação histórica constrói-se em forma de terceira pessoa, admitindo os tempos verbais aoristo, imperfeito, o mais que perfeito e o prospectivo. Nesse plano de enunciação ficam excluídos os tempos presente, perfeito, e o futuro (simples e composto);
- 2) a enunciação de discurso constrói-se marcando a relação dialógica entre Eu/Tu/Ele, admitindo todos os tempos e formas verbais, com exceção do aoristo (simples e composto) que é considerado o tempo histórico por excelência.

⁴² Queremos deixar claro que não entraremos na discussão do aoristo.

Assim, para Benveniste ([1976], 2005), todo aquele que sabe escrever e empreende a narrativa dos acontecimentos passados utiliza naturalmente o aoristo como tempo fundamental, quer evoque esses acontecimentos como criador, quer os crie como romancista. E acrescenta que, assim como o presente, o perfeito pertence ao sistema linguístico do discurso, pois a marca temporal do perfeito é o momento do discurso, enquanto que, o aoristo é a marca do momento do acontecimento. Dessa forma, Benveniste ([1976], 2005) explica:

[...] seria interessante analisar os efeitos de estilo que nascem desse contraste entre o tom da narrativa, que se quer objetiva, e a expressão empregada, o perfeito na primeira pessoa, forma autobiográfica por excelência. O perfeito estabelece um laço vivo entre o acontecimento passado e o presente no qual a sua evocação se dá. É o tempo daquele que relata os fatos como testemunha, como participante; é, pois, também o tempo que escolherá todo aquele que quiser fazer repercutir até nós o acontecimento referido e ligá-lo ao nosso presente. (BENVENISTE, [1976], 2005, p. 270)

Ainda conforme o autor, as exclusões são tão importantes quanto os tempos admitidos, porque para o historiador, o presente, o perfeito e o futuro são excluídos em virtude da dimensão do presente ser incompatível com a intenção histórica e pela mesma razão o futuro é excluído, pois “não é mais que um presente projetado para o **porvir**, implica prescrição, obrigação, certeza, que são modalidades subjetivas, não categorias históricas.” (sic!) (BENVENISTE, [1976], 2005, p. 271)

Feita essa explanação dos planos enunciativos na perspectiva de Benveniste. Vejamos, a seguir, a perspectiva de planos em Culioli.

3.5. Planos Enunciativos em Culioli

Como apresentamos acima, os planos enunciativos em Benveniste ([1976], 2005) estão relacionados às pessoas e aos tempos verbais. Já em Culioli (1999), como já discutimos, anteriormente, nos itens Sujeito e Tempo, temos os Sistemas de referência (Sits), em que se encontram o Sujeito Origem (S0) e o Tempo Origem (T0), o Sujeito 1 (S1), o Tempo 1 (T1), S2, T2 e assim, sucessivamente, numa relação predicativa, que por conseguinte, encontra-se numa situação de enunciação. Dito de outra forma, o enunciador origem (ou simplesmente enunciador) produz ou constrói significação que o coenunciador reconhece ou reconstrói.

Dessa forma, como explica Campos (1997), o primeiro coenunciador de um enunciado é ele próprio, ou seja:

Pode-se sempre dizer-se que o coenunciador participa na construção dos valores referenciais de um texto, se pensarmos que o enunciador, à medida que vai produzindo o seu texto, vai adequando os valores que constrói à reconstrução que ele antecipa. Daí os fenômenos de remodelização e sobremodalização que se encontram em alguns textos(...). (CAMPOS, 1997, p. 169)

Portanto, os planos enunciativos em Culioli (1990) não se fecha apenas nas marcas linguísticas de pessoa e tempo, mas sim, trata-se da “Hipersintaxe”, ou seja, através dos enunciados temos os Sits e por meio desses sistemas de referências (em que se tem as categorias linguísticas de tempo, pessoa, aspecto, modalidade, determinação, etc.) observamos como se dá a construção da significação nos textos. Culioli (1990) por meio dos Sits amplia a análise do comportamento das categorias linguísticas por meio das formas linguísticas (léxico-gramaticais) nos enunciados, estas formas linguísticas, em conjunto, formam os textos.

Como explica Onofre (2003), De Vogüé (1991) faz reflexões sobre os planos enunciativos de Benveniste ([1976], 2005) e traz 03 (três) tipos de enunciação: a enunciação histórica, de constatação e a do discurso:

Na enunciação histórica, o sujeito assume a função de agente ou causativo, ou objetivo, cujo papel é estabelecer uma relação de causalidade com o objeto afetado. Nessa modalidade há a ocorrência de um processo / acontecimento que se desenrola para um resultado final daí o funcionamento discreto. **Na enunciação de constatação**, o sujeito assume a função de localizador de um processo / acontecimento que é narrado e diz respeito ao funcionamento denso, uma vez que se refere à qualificação de um processo / acontecimento. **Na enunciação do discurso**, o sujeito sintático assume o papel de tema que vai servir de suporte para uma predicação. Vogüé relaciona essa enunciação com o funcionamento compacto, já que esse implica a atribuição de predicação a um dado sujeito. (ONOFRE, 2003, p. 71-72) **[grifo nosso]**

Deste modo, as discussões da TOE são importantes, pois trazem outra visão para o funcionamento das marcas linguísticas nos enunciados, e porventura, nos textos, pois através deles (textos) podemos observar que nem sempre é possível separarmos os planos enunciativos de modo tão pontual. O próprio Benveniste já articulava isso ao dizer que entre o plano da enunciação histórica e do discurso há um terceiro plano que ele chamou de “discurso indireto”, mas não se aprofundou neste, e optou em analisar apenas os planos histórico e do discurso. Mas, mesmo esses dois planos não explicam as operações de deslocamentos de pessoa-espaco-

tempo que os alunos realizam na produção ou interpretação de textos, como exemplo, o texto abaixo:

ELIZETE CALIXTO DE FREITAS

Nascida em Castelo do Piauí no dia 02 de fevereiro de 1978. Elizete era muito feliz e alegre gostava de conviver com sua família. Ela se divertia muito viajando com seus parentes. O lugar preferido era na casa de seu tio José porque tinha uma cachoeira com bastante flores ao redor.

Eu sinto muita falta desse lugar, gostaria muito de voltar. Disse Elizete com os olhos marejados de lágrimas. Afinal, a vida é feita de amigos e família.

Elizete é feliz e sonhava de ter sua própria casa. **Hoje ela é alegre** com os seus filhos porque eles são bons estudantes.

Eu casei em Altos no dia 17 de março de 1996. Eu estudei em três escolas boas. **A minha adolescência** foi bastante legal. **Hoje mim sinto** muito feliz de ter minha própria casa e com os meus filhos.

Quadro 3 – Texto biográfico produzido pela aluna.

Fonte: Elaboração nossa.

< **Ela nasceu**, Ela era feliz, **Ela se divertia** >

< **Eu sinto** muita falta, **Eu casei**, **Eu estudei** >

< **Ela se divertia** muito viajando com seus parentes >

< O lugar preferido era na casa de seu tio José >

< Hoje **ela é alegre** > < Hoje **mim sinto** muito feliz >

O texto acima em relação ao que explana Benveniste ([1976], 2005) não estaria nem no plano da história e tampouco no plano do discurso, pois como vimos, para que estivesse no primeiro plano, deveria ter a ênfase no tempo passado e sem nenhuma intervenção do locutor (produtor do texto) na narrativa; quanto ao segundo plano seria necessário a predominância do tempo presente e a possibilidade de diálogo entre Eu/Tu/Ele na narrativa, mediante aos ajustes de pessoa, espaço e tempo. E nem temos também a localização do texto entre os dois planos, que seria neste caso, o que Benveniste chamou de discurso indireto, pois precisaria vir referido em termos de acontecimentos no tempo presente (plano do discurso) e transposto para o tempo passado (plano histórico) e diante do texto que apresentamos não há esses ajustes e por isso o texto se mostra como problemático.

A TOE, diante do texto acima, apresenta um modelo teórico formal que articula questões de ordem linguística e cognitiva que por meio da atividade epilinguística, o linguista busca

controlar e aprimorar as regras formais de equivalência entre os enunciados, isto é, aplica a atividade metalinguística, ou seja, no nosso caso, através das marcas de pessoa, espaço e tempo que se encontram no texto, o pesquisador busca compreender o caminho cognitivo feito pelo aluno e por isso o analista da língua se lança ao objetivo de justificar/mostrar o porquê de tal texto estar representado em tal formato. Para a TOE esses deslocamentos espaço-temporal que se encontram no texto do aluno, representam a apropriação das variações linguísticas no processo de aprendizagem língua/linguagem que permitem os movimentos de instanciações enunciativas.

Como já mencionamos no Capítulo 1, defendemos que, enunciativamente, há um lugar gerador dos gêneros onde os diferentes tipos se aproximam, antes das reconhecidas estabilizações, pois é um equívoco pensar em estabilidade entre uma forma e sua função, porque temos lugares discursivos que se constroem por uma dada singularidade ou subversidade. Explanaremos melhor sobre esse lugar gerador dos gêneros no próximo capítulo.

3.6. Síntese Conclusiva

Como discutimos neste capítulo, a base de entendimento, no que diz respeito à categoria de pessoa no viés normativo, é que a 1ª pessoa é aquela que fala; a 2ª pessoa é aquela com quem se fala e a 3ª pessoa é aquela de quem se fala. No viés enunciativo, essa visão é tida como simplória, pois como explicam Ilari et. al. (1996), pois essa relação entre as pessoas, trata-se de um processo complexo de interlocução, e não mecânico como se cristalizou durante muitos anos no ensino de língua.

Apresentamos também que Benveniste ([1976], 2006) vê o “eu” na instituição do discurso como aquele locutor que se enuncia como sujeito, ou seja, para Benveniste ([1976], 2006), o Locutor trata-se de uma instância linguística; o Sujeito como instância do discurso; a Subjetividade como a capacidade de se propor como sujeito nos enunciados e Categoria de Pessoa como um fundamento linguístico indispensável às línguas naturais. Já Culioli (1999) não fala de pessoa, e sim, de Sujeito e, defende que, tanto o Sujeito como o Tempo são parâmetros abstratos definidores de uma situação de enunciação também abstrata, ou seja, tudo isso é representado num Sistema de Referência, chamado “Sit” e dessa forma, o Sujeito envolve também o estudo da Alteridade e Modalidade.

Em relação ao Tempo, vimos que na Gramática Normativa, o estudo dessa categoria está vinculado estritamente ao Verbo, que por sua vez, é apresentado nos 03 (três) tempos

“naturais”: Presente, Passado e Futuro. E discutimos também que nem todas as gramáticas normativas abordam o estudo do Aspecto, que se trata de uma categoria indispensável ao entendimento do tempo como abordamos ao trazer as discussões de alguns autores. Já, para Culioli (1999), a temporalidade vai ser fundada sobre a classe ordenada de instantes, sobre a construção de localizadores e sobre a construção de intervalos localizados sobre a classe de instantes. Segundo ele, a Temporalidade em termos de categoria pura não existe, pois trata-se de um sistema de representação complexa em que se misturam tempo, aspecto, modalidade e determinação.

E, por último, trouxemos a discussão dos planos enunciativos em Benveniste e em Culioli. Para o primeiro autor, a divisão dos planos enunciativos se resume em plano da enunciação histórica e plano do discurso. Já a proposta da TOE apresenta um modelo teórico formal que articula questões de ordem linguística e cognitiva que busca pensar nas relações Eu/Eu, Eu/Mundo e Eu/Outro que sustentam a atividade dialógica da linguagem.

CAPÍTULO 4: METODOLOGIA E ANÁLISES DOS DADOS

4.1. Caráter Metodológico da TOE

Como explica Culioli (1990), o objetivo da TOE é o estudo da linguagem apreendida por meio da diversidade das línguas e para que se realize esse estudo, é necessário fazer observações numa língua dada, situando-se num quadro teórico (que trata de um conjunto coerente de hipóteses explicitamente construídas que submetemos à verificação). Essas observações (sistemáticas e minuciosas) são notadas num sistema metalinguístico de representação. Assim, Culioli (1990) enumera alguns problemas, que segundo ele, o linguista deve-se colocar:

- 1) Observáveis e modelos: o problema da relação entre um modelo, objeto do observador não é de forma alguma próprio à linguística; mas, tem para o linguista uma importância capital, pois, vem acrescentar dificuldades suplementares;
- 2) A metalíngua é a língua de uso, ou melhor, seria necessário utilizar a Língua Universal para falar sobre metalíngua ou o sistema formal? A intricação entre a terminologia e a língua de uso está tal como o linguista se encontra preso à armadilha da qual ele deseja explorar o funcionamento;
- 3) A linguagem é uma atividade que supõe, ela mesma, uma perpétua atividade epilinguística (definida como “atividade metalinguística não consciente”), assim como uma relação entre um modelo (a competência, ou seja, a apropriação e o domínio adquirido de um sistema de regras sobre as unidades) e sua realização (a performance) da qual nós temos o traço fônico ou gráfico dos textos;
- 4) A atividade languageira é significativa porque há na comunicação operações nas duas pontas que os enunciados tomam um sentido, ou seja, ao enunciar realiza-se operações complexas, pois todo emissor é ao mesmo tempo um receptor, reciprocamente. Logo, a linguagem não é exterior ao sujeito, mas é concebida numa relação complexa de exterioridade-interioridade. De fato, a linguagem funciona em níveis diferentes: denotativo/conotativo, extrínseco/intrínseco, unívoco/biunívoco, cognitivo/afetivo, etc.

Dessa forma, formalizar para TOE significa reconstruir por um procedimento teórico e formal as noções primitivas, as operações elementares, as regras e esquemas que engendram as

categorias gramaticais e os agenciamentos próprios a cada língua, ou seja, a TOE procura as formas invariantes que fundam e regulamentam a atividade de linguagem, tal como ela aparece por meio das configurações das diferentes línguas.

Como explica Rezende (2000), na atividade de linguagem as variáveis tempo e espaço não se pontualizam e a distinção léxico e gramática se desfaz, pois os interlocutores estão constantemente se posicionando em relação à realidade extralinguística e a referência construída diz respeito ao que os indivíduos acham, pensam, creem, querem, etc. sobre os objetos do mundo físico e mental. Logo, a referência é subjetiva e não objetiva e a presença do outro (coenunciador) é constitutiva da própria enunciação.

Para Rezende (2000), no que se trata ao método de pesquisa, tanto o método experimental quanto o introspectivo não escapam da noção do sujeito ideal e universal e como a diversidade de reações possíveis dos sujeitos a julgamentos linguísticos é um fato indiscutível, ela explica que na perspectiva da TOE, a resposta que podemos dar à questão metodológica pode ser embasada por outros questionamentos, são eles:

Devemos ficar eternamente trancados no dilema da objetividade e subjetividade, todo e parte, universal e particular, variantes e invariantes, estático e dinâmico, etc., ou podemos elaborar uma teoria da subjetividade, do particular? Uma teoria da necessária regulação psicossociológica feita pelos falantes por meio das línguas naturais no seu ato verbal mais singular? (REZENDE, 2000, p. 97)

E dessa forma, conforme Rezende (2000), nunca temos acesso a dados imediatos, e sim, a dados mediados pelos sujeitos que falam, pois, esses dados, em vez de serem fixos e inscritos apenas no objeto (que é a língua), eles são variáveis e inscritos na relação sujeito e objeto. Assim, é a própria variabilidade que constitui o fato linguístico. Por isso, “a maioria dos trabalhos em linguística neutraliza a variabilidade calculando a média. Toda variabilidade é jogada na ‘fala’, cujo relacionamento com o sistema linguístico a ‘língua’ é difícil de ser estabelecido.” (REZENDE, 2000, p.98)

A metodologia da TOE propõe estudar a natureza da variação por meio da atividade reguladora existente em intrafalante (psicológico) e interfalante (sociológico); nomeando essa atividade reguladora de atividade epilinguística, ou seja, é a capacidade metalinguística não consciente. A TOE defende a elaboração de um sistema de representação metalinguístico, cujo instrumento metodológico primordial é a metalinguagem. É esse sistema de representação que permite ao linguista observar propriedades pertinentes da atividade de regulação pertencente à

linguagem e presente nas línguas naturais. E é por meio desse sistema de representação que nossas análises se encaminharão, pois tentaremos mostrar nos textos dos alunos como se engendram as operações de representação, referenciação e regulação e como se dá os deslocamentos de pessoa-espaco-tempo nos textos biográficos e autobiográficos.

4.2. Contexto de pesquisa

A pesquisa foi realizada numa escola pública da rede municipal de Teresina (capital do estado do Piauí) que está localizada na periferia, na região sudeste da cidade. A escola possui em torno de 800 alunos e funciona nos turnos manhã, tarde e noite; nos dois primeiros turnos funcionam o Ensino Fundamental Menor e Maior e à noite o ensino de Educação de Jovens e Adultos – EJA.

A Secretaria de Educação da Prefeitura de Teresina possui uma equipe de professores formadores para cada disciplina. Esses professores formadores têm a incumbência de elaborarem materiais que auxiliarão a prática pedagógica dos demais professores da rede. Dessa forma, todos os anos, a equipe de Língua Portuguesa elabora um quadro de gêneros textuais para serem trabalhados nos 04 (quatro) bimestres. Assim, o gênero Biografia estava selecionado para ser produzido pelos alunos do 7º ano. Então, a nossa pesquisa teve como público-alvo essa série, a qual possui 03 (três) turmas: 7º A, 7º B e 7ºC. Possuindo entre 35 a 40 alunos por turma.

A proposta do Livro Didático⁴³ sugere 02 atividades para a produção da Biografia: 1ª) escolher uma pessoa famosa que o aluno admirasse, que gostaria de conhecer melhor e assim ele deveria fazer uma pesquisa sobre essa pessoa e, em seguida, escreveria a Biografia da mesma; 2ª) Realizar uma Entrevista com um ente querido da família, fazendo perguntas sobre as fases da vida desse entrevistado e depois produzir o texto biográfico. A produção dos textos aconteceu na Escola durante as aulas de Língua Portuguesa e os alunos fizeram 02 (duas) versões do mesmo texto, pois a primeira versão estava muito ruim no que diz respeito à ortografia e organização das informações nos parágrafos e, além disso, muitos textos eram ilegíveis. Mediante a essa situação, a Professora Titular solicitou a segunda versão e foi essa versão que nós utilizamos para as nossas análises.

Como o Livro Didático não forneceu as perguntas para a Entrevista, a Professora Titular da turma elaborou as perguntas juntamente com os alunos. Então, mediante às produções dos textos biográficos dos alunos, observamos que muitos desses textos apresentaram a inserção

⁴³ Proposta no Anexo

das pessoas “eu” e “nós”, do tempo presente em vez do tempo passado, haja vista, que o texto Biografia no modelo proposto pelo livro indica o uso da 3ª pessoa do singular (ele/ela) e a predominância dos verbos no tempo passado numa ordem cronológica dos fatos.

Diante às produções textuais que se distanciavam do modelo proposto, surgiu o nosso interesse em investigar seguindo os parâmetros da TOE, o que estaria influenciando os alunos realizarem essa prática, tendo em vista que não foram 3 ou 5 alunos que cometeram essa “subversão” em relação ao modelo engessado, e sim, uma boa quantidade, quase todos os alunos das 03 (três) turmas de 7º ano.

Na nossa pesquisa observamos a produção textual de alunos cujo exercício fez-se a partir do estudo dos gêneros Biografia e Autobiografia, realizado com base nas diretrizes propostas pelo Livro Didático adotado pela escola onde desenvolvemos nosso trabalho. Segundo tais diretrizes, a Biografia é definida como relato oral, escrito ou visual de fatos relacionados a diferentes fases da vida de uma pessoa e apresenta como marcas gramaticais a 3ª pessoa do singular ou plural e a predominância dos verbos no passado.

Já a Autobiografia é definida como relato da vida de uma pessoa real redigida por ela mesma e apresenta como marcas gramaticais a 1ª pessoa do singular e os verbos, de preferência, também ficam no tempo passado.

Dessa forma, o primeiro ponto que questionamos foi o modelo de reprodução textual a ser seguido pelos alunos em conformidade com as características dos respectivos gêneros em pauta. O segundo ponto, em consonância com o primeiro, tem a ver com as produções textuais desenvolvidas pelos alunos em resposta ao exercício proposto. Tais produções apresentaram as seguintes ocorrências elencadas abaixo:

Sobre as instâncias de pessoa e de tempo:

Deslocamento de 3ª pessoa para 1ª pessoa

Texto 15: [...] Ela trabalha para que **eu e meus irmãos** não tenham a mesma vida que ela teve [...] O sonho dela é ver **eu e meus irmãos** formados na faculdade.

Texto 25: Ela sonhava em trabalhar e estudar [...] Gosta de ouvir música por que **eu gosto** de cantar. **O meu sonho** é trabalhar para ter **a minha casa mais ainda não realizei...**

Deslocamento temporal (do passado para o presente)

Texto 30: [...] a “Rainha dos Baixinhos” vinha para a inauguração da “Casa X” quando estava no seu avião falando com a Sasha “sua filha” o seu avião foi atingido por um raio **mas ela passa bem.**

Texto 51: [...] Eu tenho duas irmãs mais velha, a primeira se chama ... e a outra ... Eu estudei desde pequeno na Escola...

Tais ocorrências selecionadas demonstram que os alunos misturam as marcas características dos gêneros Biografia e Autobiografia e a questão que levantamos é se esse fato constitui em um problema, em um erro.

Segundo quais perspectivas esses rompimentos ou deslocamentos consistiriam em erros?

Apontamos para o fato de que, sob a perspectiva da enunciação bakhtiniana, os referenciais são amplos e não se fecham para uma resposta pontual sobre certo ou errado. Porém, embora o ensino se pautasse nesse referencial teórico, as diretrizes para a avaliação do texto do aluno são estabelecidas com base em marcas enunciativas que caracterizam os respectivos gêneros textuais, a partir dos quais se reconhecem os erros e acertos dos alunos.

A nossa observação consiste em demonstrar que mais relevante do que responder sobre acertos ou erros é reconhecer a existência de um lugar híbrido, um lugar intergêneros, que é explicitado nas produções dos alunos, pelos quais eles deixam ver a sua criatividade. Quando o aluno instala a sua produção entre os gêneros Biografia e Autobiografia, como apontamos, ele está operando no lugar gerador dos textos, onde os gêneros se aproximam. Na perspectiva da TOE, isso não é um problema, pois os alunos estão apropriando-se das variações linguísticas⁴⁴, que permitem esses movimentos de instanciações enunciativas que dizem muito sobre a criatividade do aluno e podem ser empregados como dados a partir dos quais o professor pode explorar os mecanismos enunciativos mais ou menos adequados à significação pretendida. Nessa perspectiva explora-se a variação linguística, as possibilidades mais ou menos adequadas à situação enunciativa em foco, e, nesse sentido, interessa pouco decidir sobre acerto ou erro, à medida que nosso olhar se volta para a criatividade.

4.3. Descrição do *corpus*

O nosso *corpus* foi constituído por 04 (quatro) etapas⁴⁵: A primeira etapa inclui um exercício sobre Biografia (trata-se de um texto elaborado por uma ex-aluna da escola), no qual os alunos responderam a algumas questões sobre esse texto; a segunda é o roteiro “Praticando Entrevista” que se trata de uma sequência de perguntas para a elaboração do texto biográfico,

⁴⁴ Como já mencionamos na Introdução, variação linguística na TOE não tem nada a ver com a variação linguística defendida pela Sociolinguística. Para a TOE trata-se de uma variação que é própria da atividade de linguagem, e é por meio dessa variação que há também uma invariância, a qual permite ter o diálogo entrelíngua e interlíngua.

⁴⁵ Mais detalhes no Apêndice e no Anexo

pois seguindo as instruções do Livro Didático adotado pela escola, antes de se produzir uma Biografia, é necessário fazer uma pesquisa para coletar dados e/ou informações sobre a pessoa a ser biografada, ou ainda, uma Entrevista com essa pessoa para se obter informações mais rápidas. Assim, os alunos realizaram a Entrevista com uma pessoa da família, a qual ela tinha mais afinidade, como mãe, pai, irmão ou irmã, ou a avó ou avô para a produção do texto biográfico. A terceira etapa foi a produção de outro texto biográfico de pessoas famosas dentre a lista de sugestão entregue pela Professora Titular da turma e, como última etapa, foi a produção do texto Autobiografia dos próprios alunos. Dessa forma, a base das nossas análises foi o deslocamento enunciativo de “pessoa-espaço-tempo” nesses textos (Entrevista > Biografia > Autobiografia).

1ª Etapa: Mostrar o texto produzido por uma ex-aluna que mescla partes da Biografia e Autobiografia e pedir que eles respondessem às questões solicitadas;
2ª Etapa: Elaborar as perguntas que norteariam a Entrevista para que eles, em seguida, produzissem a Biografia da pessoa entrevistada;
3ª Etapa: Escolher uma pessoa/personagem famoso, dentre a lista sugerida pela Professora Titular da turma, em seguida, coletar/pesquisar informações sobre essa pessoa escolhida e, depois, produzir a Biografia.
4ª Etapa: Produzir a Autobiografia do próprio aluno.

Quadro 4 – Etapas de atividade textual para a coleta do *corpus*
Fonte: Elaboração nossa.

4.4. Análise do *corpus*

As nossas análises possuem 2 (duas) etapas: 1ª) Análise da Entrevista para a Biografia e a 2ª) Análise da Biografia e da Autobiografia. Procuramos fazer nessa sequência para poder entendermos melhor as operações subjacentes que se encontram na passagem de um texto para outro, pois compreendemos que na produção textual não há a separação total de um texto para outro, ou seja, aquele ensino tradicional da forma engessada não se sustenta, pois na atividade de linguagem não há a separação entre léxico e gramática, por conseguinte, os modelos linguísticos estabilizados não é suficiente para o ensino-aprendizagem da produção textual.

O nosso objetivo através dessas análises não é dizer se texto X ou Y está certo ou errado, mas sim, mostrar que a prática de produção textual vai muito além dos modelos linguísticos

estabilizados, pois entendemos que expor os alunos a esses modelos, induz os mesmos a um tipo de trabalho monológico, como ressalta Onofre (2011):

[...] expor os alunos aos modelos discursivos que circulam socialmente, ressaltando marcas que os caracterizam é um tipo de trabalho monológico, pois o aluno é levado a reproduzir esses lugares discursivos comuns, alinhando-se com *o que se deve dizer* e *como se deve dizer* em determinadas situações discursivas. O professor não tem como responder à produção que o aluno lhe dá em retorno. (ONOFRE, 2011, p. 742)

Compartilhamos da observação de Onofre (2011) e entendemos que aquela produção que não se encontra nos padrões esperado para determinado gênero textual, vai ser corrigida/tachada como um texto que possui graves desvios estruturais e linguísticos e é por isso que defendemos que a TOE traz a possibilidade do professor de língua materna fazer uma melhor análise do texto e procurar responder de modo reflexivo aos acertos e erros que aparecem nas produções dos alunos e que nem sempre são previsíveis pelos modelos adotados.

Na sequência trazemos a produção textual que desencadeou o nosso posicionamento em questionar a forma tradicional de ensinar o modelo textual estabilizado quanto à Biografia; em seguida, apresentamos as questões que nortearam a realização da Entrevista para que depois os alunos produzissem o texto biográfico e, na sequência, iniciamos a análise da primeira etapa.

Vejamos.

ESCOLA MUNICIPAL _____

ALUNO(A): _____

7º ANO _____

1ª) Leia o texto abaixo e responda às questões seguintes.

ELIZETE CALIXTO DE FREITAS

Nascida em Castelo do Piauí no dia 02 de fevereiro de 1978. Elizete era muito feliz e alegre gostava de conviver com sua família. Ela se divertia muito viajando com seus parentes. O lugar preferido era na casa de seu tio José porque tinha uma cachoeira com bastante flores ao redor.

Eu sinto muita falta desse lugar, gostaria muito de voltar. Disse Elizete com os olhos marejados de lágrimas. Afinal, a vida é feita de amigos e família.

Elizete é feliz sonhava de ter sua própria casa. Hoje ela é alegre com os seus filhos porque eles são bons estudantes. Eu casei em Altos no dia 17 de março de 1996. Eu estudei em três escolas boas. A

minha adolescência foi bastante legal. Hoje mim sinto muito feliz de ter minha própria casa e com os meus filhos.

- a) Conforme estudado em sala de aula e após a leitura do texto acima, você considera esse texto como Biografia, Autobiografia ou Entrevista? Por quê? Explique.

- b) O que você percebeu em relação aos verbos e às pessoas do texto? Estão no mesmo tempo ou em tempos diferentes? Explique.

- c) O que você observou em relação ao 3º parágrafo? Reescreva-o conforme o 1º parágrafo.

Analisando o exercício sobre uma Biografia que foi produzida por uma aluna do 7º ano, percebemos que os alunos ao responderem as questões ficaram com bastante dúvida, principalmente, em relação às primeira e terceira questões, pois uma parte respondeu que o texto era Biografia, outros que era Autobiografia e outros ainda que eram as duas coisas. Reproduzimos, algumas respostas. Vejamos.

- a) Conforme estudado em sala de aula e após a leitura do texto acima, você considera esse texto como Biografia, Autobiografia ou Entrevista? Por quê? Explique.

Aluno A: Biografia, porque fala sobre a vida de outra pessoa.

Aluno B: Biografia. Porque a aluna conta a história de outra pessoa.

Aluno C: Autobiografia, pois ela fala de si mesma.

Aluno D: Autobiografia, porque a Elizete está escrevendo a própria história.

Aluno E: Biografia porque é uma História contada sobre Elizete e Autobiografia porque tem partes por que Elizete conta sobre ela.

Aluno F: Biografia. Por falar da vida de outra pessoa nesse caso de Elizete mais numa parte do texto como “Eu casei no dia 17...” parece com uma altobiografia por que ela fala de si mesma.

Chamou também a nossa atenção a dificuldade que muitos alunos tiveram ao responder a terceira questão, justamente, por causa dos deslocamentos de pessoa-espaço-tempo presentes no parágrafo. Vejamos.

b) O que você observou em relação ao 3º parágrafo? Reescreva-o conforme o 1º parágrafo.

Elizete é feliz sonhava de ter sua própria casa. Hoje ele é alegre com os seus filhos porque eles são bons estudantes. Eu casei em Altos no dia 17 de março de 1996. Eu estudei em três escolas boas. A minha adolescência foi bastante legal. Hoje mim sinto muito feliz de ter minha própria casa e com os meus filhos.

O trecho acima refere-se ao 3º parágrafo. O 1º parágrafo é este:

Nascida em Castelo do Piauí no dia 02 de fevereiro de 1978. Elizete era muito feliz e alegre gostava de conviver com sua família. Ela se divertia muito viajando com seus parentes. O lugar preferido era na casa de seu tio José porque tinha uma cachoeira com bastante flores ao redor.

Dessa forma, o que se observou foi que os alunos reescreveram o trecho ainda realizando os deslocamentos de pessoa-espaço-tempo. Para ilustrar melhor o que estamos explicando, reproduzimos algumas respostas. Vejamos.

Aluno C: Ela era feliz e sonhava em ter sua própria casa. Elizete era feliz com os seus filhos pois eles eram bons estudantes. Ela casou em 1996. Estudou em escolas boas. A sua adolescência foi bastante legal. Hoje ela se sente muito feliz de ter a casa própria e meus filhos.

Aluno E: Ela é feliz e sonha ter a própria casa. Hoje ela é alegre com seus filhos porque eles são bons estudantes. Ela casou no dia 17 de março de 1996. Elizete estudou em três escolas boas. Ela teve uma adolescência bastante legal. Hoje ela se sente muito feliz de ter sua própria casa com seus filhos.

Aluno F: Ela era feliz sonhava de ter sua própria casa. Elizete era alegre com os seus filhos por que eles eram bons estudantes. Ela casou em Altos no dia 17 de março de 1996. Elizete estudou em três escolas boas. A sua adolescência foi bastante legal.

Diante dessas respostas, podemos observar que já se trata da atividade epilinguística dos alunos, mesmo que ainda principiante, e concordamos com Franchi (1988) ao afirmar que cabe

à escola levar os alunos desde cedo a diversificar os recursos expressivos com que fala e escreve e a operar sobre sua própria linguagem.

Chamamos de atividade epilingüística a essa prática que opera sobre a própria linguagem, compara as expressões, transforma-as, experimenta novos modos de construção canônicos ou não, brinca com a linguagem, investe as formas linguísticas de novas significações. Não se pode ainda falar de “gramática” no sentido de um sistema de noções descritivas, nem de uma metalinguagem representativa como uma nomenclatura gramatical. (FRANCHI, 1988, p. 36)

Dessa maneira, não se pode ainda falar de uma nomenclatura gramatical, mas sim, de uma regra formal que todo usuário da língua utiliza para realizar a atividade de linguagem, que conforme já explicitamos no Capítulo 2, trata-se da Relação Enunciativa que Culioli (1990) chamou de Sit (Situação de Enunciação). Para ele há sempre um **Sit origem** que ele representou por **Sit0** que por sua vez invoca o Enunciador origem (E0) e o Tempo origem (T0) que se encontram inseridos em um tempo e espaço coincidentes no momento da enunciação. A partir desse Sit origem relacionam-se as demais instâncias de sujeito, tempo e espaço que vai desencadear uma rede enunciativa, em que as instanciações irão estabelecer com as primeiras instâncias uma relação de coincidência ou distanciamento enunciativo.

Culioli (1999) representou essa rede de Sit da seguinte forma:

$\langle \text{Sit 2 (S2, T2)} \varepsilon \text{ Sit 1 (S1, T1)} \varepsilon \text{ Sit 0 (S0, T0)} \rangle$

Vejamos, a seguir, as análises da Entrevista para a Biografia e depois da Biografia e, por último, a Autobiografia. Mas antes, trazemos o Roteiro que norteou a realização da Entrevista pelos alunos.

ESCOLA MUNICIPAL _____
ALUNO(A): _____
7º ANO _____
PRATICANDO

Conforme você estudou na sala de aula sobre as características do texto Entrevista. Agora, chegou a sua vez de praticar. Então, você escolherá uma pessoa da sua família para realizar a Entrevista e depois fará a organização do texto para compartilhar com a turma. Eis aí algumas perguntas que nortearão você nessa atividade.

ENTREVISTA

- 1ª) QUAL O SEU NOME COMPLETO? (caso a pessoa goste de ser chamada pelo apelido, acrescente, por favor, o apelido dela)
- 2ª) ONDE E QUANDO NASCEU? (detalhar: colocar o nome da cidade, estado, dia e ano em que nasceu)
- 3ª) QUAL O NOME DOS SEUS PAIS? (Colocar o nome completo, por favor, nome e sobrenome)
- 4ª) ONDE VOCÊ ESTUDOU O ENSINO FUNDAMENTAL E O ENSINO MÉDIO? (Colocar o nome da escola e também o nome da cidade onde fica essa escola)
- 5ª) VOCÊ SEMPRE MOROU EM TERESINA OU JÁ MOROU EM OUTROS LUGARES? QUAIS FORAM ESSES LUGARES? (Colocar o nome da cidade, estado e/ou povoado onde já morou)
- 6ª) O QUE VOCÊ MAIS GOSTAVA DE FAZER QUANDO ERA CRIANÇA?
- 7ª) QUANDO CRIANÇA QUAL ERA O SEU SONHO? VOCÊ CONSEGUIU REALIZÁ-LO?
- 8ª) HOJE O QUE VOCÊ MAIS GOSTA DE FAZER E POR QUÊ?
- 9ª) HOJE QUAL É O SEU SONHO? PRETENDE REALIZÁ-LO?
- 10ª) VOCÊ SE SENTE FELIZ COM A FAMÍLIA E A VIDA QUE TEM? POR QUÊ?
- 11ª) O QUE VOCÊ DESEJA PARA O SEU FUTURO? (peça por favor que a pessoa detalhe, por, exemplo, se ela responder “Desejo ser feliz”, pergunte “Como?” E peça para que ela diga o que ela está fazendo ou deseja fazer para alcançar essa felicidade)

Esse foi o roteiro de perguntas utilizado pelos alunos para poderem coletar as informações e, em seguida, produzirem o texto biográfico.

Passemos às análises.

ENTREVISTA > BIOGRAFIA

Essa primeira etapa de análise, dividimos em 03 (três) momentos: Narração > Comentário; Narração > Deslocamento de pessoa-espaco-tempo e Narração > Reprodução da Entrevista. Esses textos possuem em comum uma situação anterior de enunciação que é a Entrevista e, por isso, chamamos a resposta dos entrevistados de [Sit 1]; na sequência, tem a situação posterior de enunciação que é a produção da Biografia, a qual denominamos de [Sit 2] e nesse [Sit 2] o aluno introduz o seu comentário, insere a sua pessoa ou a pessoa do entrevistado no texto e reproduz a fala do entrevistado, ou seja, o enunciador na relação de Alteridade com o coenunciador, ora se aproxima do coenunciador, ora se afasta do coenunciador. Vejamos.

1) Narração > Comentário

Texto 14⁴⁶ (Anexo 06)⁴⁷

XXX, a Toinha, nasceu no dia XX de novembro de XXXX, no Maranhão, filha de XXXX e de XXXX.

XXX, quando criança estudou na Unidade Escolar XXXX e no ensino médio estudou na Unidade Escolar XXXX as duas escolas em Altos.

[...]

Ela deseja para o futuro, saúde, e paz, **ela vai conseguir isso se alimentando bem e com boas companhias, e ela vai conseguir isso se esforçando.**

Texto 19 (Anexo 07)

XXX nasceu em Castelo do Piauí em XXX, filho de XXX. XXX quando criança estudou na Escola XXX o ensino fundamental menor e o ensino fundamental maior. Ele já morou em outros lugares.

[...]

XXX é tocador de uma banda de forró. Ele adora tocar violão **e até porque quando canta não é bom só pra ele e sim para todos.** [...] Ele deseja ser feliz construindo uma vida melhor tipo casando, tendo filhos e enfim construindo uma família.

Os Textos 14 e 19 trazem 02 (dois) Sits que são: a Entrevista que nós chamamos de [Sit 1] e o texto biografado redigido pelo aluno que denominamos de [Sit 2] e nesse [Sit 2] o aluno introduz um comentário acerca da vida do biografado. Temos assim, dois Sujeitos: o Sujeito 1 (o entrevistado, ou melhor, o sujeito biografado) e o Sujeito 2 (o aluno produtor do texto, ou seja, o Sujeito Enunciador). Assim, o aluno que é o sujeito enunciador estabelece com o sujeito biografado uma relação de proximidade. Vejamos:

Análise:

Texto 14

Ela deseja para o futuro, saúde e paz, **ela vai conseguir isso se alimentando bem e com boas companhias, e ela vai conseguir isso se esforçando.**

[Sit 1]: < Eu desejo para o meu futuro saúde, paz, ... > – resposta da entrevistada

[Sit 2]: < Ela deseja para o futuro, saúde, paz, ela vai conseguir isso se alimentando bem e com boas companhias e ela vai conseguir isso se esforçando >

(Eu digo que) [Sit1] > [Sit 2] < Eu desejo para o futuro saúde, paz, ...< Ela deseja para o futuro, saúde, paz, > { narração }

⁴⁶ Por orientação do Comitê de Ética, resguardamos os nomes e alguns dados das pessoas biografadas.

⁴⁷ Colocamos em anexo os textos biografados e autobiografados conforme a seqüência de análise.

[Sit 2] < ela vai conseguir isso se alimentando bem e com boas companhias, > e ela vai conseguir isso se esforçando. { comentário } {Apreciação }

S1 ≠ S2

Eu digo que < eu espero que < ela vai conseguir

Através da marca “vai conseguir” temos o Futuro, a expectativa do muito provável “que ela consiga”. Então, temos a Modalidade Epistêmica, pois a partir do conhecimento construído (Ela deseja para o futuro, saúde, paz) temos < posso afirmar que X vai conseguir >

Como?

S2 responde pelo um encadeamento das noções “saúde” e “paz”: < saúde > [se alimentando bem] < paz > [boas companhias]

< se alimentando bem e com boas companhias >

Dessa forma a noção < vai conseguir > gera: com certeza; certamente; vai sim.

Texto 19

XXX é tocador de uma banda de forró. Ele adora tocar violão **e até porque quando canta não é bom só pra ele e sim para todos.**

[Sit 1]: < Eu, XXX, sou tocador de uma banda de forró . Eu adoro tocar violão > - resposta do entrevistado

[Sit 2]: < XXX é tocador de uma banda de forró. Ele adora tocar violão e até porque quando canta não é bom só pra ele e sim para todos >

(Eu digo que) [Sit 1] > [Sit 2] < XXX é tocador de uma banda de forró > { narração }

[Sit 2] < Ele adora tocar violão e até porque quando canta não é bom só pra ele e sim para todos > { comentário } {Apreciação }

[de tocador > para cantor]

Percebemos que há uma ruptura de argumentos entre as lexis: tocador e cantor. Isso é observado pelas expressões “e até porque quando” e pelo trecho “[...] canta não é bom só para ele sim para todos.” Então, preencheria a ideia de adição de habilidades (digamos assim) se em vez de “ e até porque quando...” o aluno tivesse usado “mas também”. Como explica Culioli (1999), há um valor de ruptura entre as lexis, pois a negação insere-se sobre a noção de “cantor” e não de “tocador” como ele vinha argumentando.

2) Narração > Deslocamento de pessoa-espaco-tempo

Texto 15 (Anexo 08)

XXX, ela nasceu em XXXX em Teresina (PI), filha XXX e de XXX. Estudou o ensino fundamental na Escola XXX até o 3º ano e ela desistiu no 5º ano porque ela teve que trabalhar. Ela disse que gostava de brincar, quando era criança o sonho dela era se formar na faculdade para dar dinheiro aos pais [...]

Ela trabalha para **que eu e meus irmãos** não tenham a mesma vida que ela teve [...] O sonho dela é ver **eu e meus irmãos** formados na faculdade.

Texto 25 (Anexo 09)

XXX nasceu na mansão Maranhão no estado do Maranhão, no dia XXX, filha de XXX e de XXX. Estudou na Escola XXX no ensino fundamental maior 6º ao 9º ano e na Escola XXX no ensino fundamental menor (1º ao 5º ano) na cidade de Teresina (PI).

[...]

Ela sonhava em trabalhar e estudar só conseguiu realizar o estudo dela mais, não conseguiu trabalhar. Gosta de ouvir música por que **eu gosto de cantar. O meu sonho** é trabalhar para ter **minha casa** mais ainda não **realizei**, **eu sou feliz com minha família por que eles são tudo que eu tenho ela deseja um mundo melhor e ser feliz com minha família.**

Os **Textos 15** e **25**, assim como os anteriores, trazem também uma situação anterior de enunciação que foi a Entrevista e a resposta dos entrevistados que chamamos de [Sit 1] e a produção da Biografia, a qual denominamos de [Sit 2]; porém, aqui temos 02 (duas) particularidades, porque no texto 15, o sujeito enunciator se insere no texto e já no texto 25, o sujeito enunciator ora traz o “Eu” e ora traz o “Ela”, ambos se referem ao sujeito biografado, ou seja, é a mesma pessoa. Nesses textos, observamos que houve o deslocamento de pessoa-espaco-tempo. Vejamos:

Análise:

Texto 15

Ela disse que gostava de brincar, quando era criança... Ela trabalha para **que eu e meus irmãos** não tenham a mesma vida que ela teve... O sonho dela é ver **eu e meus irmãos** formados na faculdade.

[Sit 1]: < Eu gosto de brincar..., Eu trabalho..., O meu sonho é ver meus filhos... > – resposta da entrevistada

[Sit 2]: < Ela disse que gostava... , Ela trabalha para [**que eu e meus irmãos**], O sonho dela é ver [**eu e meus irmãos**] >

Temos assim: S1 [EU], S2 [ELA] e S3 [Eu e meus irmãos – NÓS]

No trecho acima, observamos que o aluno se insere na construção do texto, pois ele inicia com “Ela” e de repente inclui “eu e meus irmãos”, ou seja, o “Nós”. Observamos que através da inserção desse “nós” temos a modalidade apreciativa, em que o S3 (aqui representado pelo “eu e meus irmãos”) expõe o desejo de S2: < não ter a mesma vida que ela teve > e < ver os filhos formados na faculdade >.

Logo, temos o deslocamento de Ela > Nós

Texto 25

Ela sonhava em trabalhar e estudar só conseguiu realizar o estudo dela mais, não conseguiu trabalhar. **Gosta de ouvir música por que eu gosto de cantar. O meu sonho é trabalhar para ter minha casa mais ainda não realizei , eu sou feliz com minha família por que eles são tudo que eu tenho ela deseja um mundo melhor e ser feliz com minha família.**

[Sit 1]: < Eu sonho em trabalhar e estudar..., Eu gosto de ouvir música por que gosto de cantar..., O meu sonho é trabalhar..., eu sou feliz com minha família... > – resposta da entrevistada

[Sit 2]: < Ela sonhava em trabalhar e estudar... , Ela deseja um mundo melhor e ser feliz [**com minha família**] >

No trecho acima, observamos que o aluno insere um Sit no outro e, por isso, causa a confusão no campo enunciativo, que, por conseguinte, ocasiona também a confusão na construção de sentido do texto biográfico, pois ora ele traz o “Ela” e ora traz o “Eu”. Além disso, há, ainda, a relação enunciativa entre “família” e “eles”, em que fica nítida a operação linguístico- cognitiva que o aluno realiza para representar “família”, ou seja, ao enunciar “eles”, o aluno quis representar o pai, a mãe, o irmão, o tio, etc – “eles” os membros que compõem a família dela.

3) Narração > Reprodução da Entrevista

Texto 20 (Anexo 10)

XXX nasceu em XX de março em XXXX em Teresina (PI), filha de XXX e de XXX. Estudou na Escola XXX até o 7ª série cursou até 8º ano.

[...]

XXX falou que só vive para suas filhas e também para seus pais e também para sua família. **XXX deseja** um país livre de corrupção e o poder de ir a qualquer lugar sem se preocupar com a violência e ser feliz com sua família.

Texto 24 (Anexo 11)

XXX nasceu dia XX de maio de XXXX, em Teresina (PI), filho de XXX e de Katia Cilene Visgueira.

XXX estudou na Escola Municipal XXXX até o 9º ano, já na adolescência, ele estudou na U.E. Pinheiro Machado até o 3º ano do ensino médio. [...]

Na infância **como diz o XXX ele sonhava** ser fisioterapeuta. O que ele está se profissionalizando. **De acordo com XXX ele fala** que sua família é reunida de mais e que ele ama seus irmãos.

Nos **Textos 20 e 24** percebemos que o sujeito enunciador reproduz as respostas dos entrevistados, mantendo desse modo um distanciamento com o sujeito biografado, pois o enunciador não emite comentários, não realiza o deslocamento de pessoa-espaço-tempo, estabelece uma nova configuração para o texto biográfico ao inserir o discurso relatado e, assim, diferentemente dos textos anteriores, esses últimos não apresentaram subversão quanto à construção de sentido, pois relataram a vida dos seus entrevistados. Vejamos:

Análise:

Texto 20

XXX falou que só vive para suas filhas e também para seus pais e também para sua família. **XXX deseja** um país livre de corrupção e o poder de ir a qualquer lugar sem se preocupar com a violência e ser feliz com sua família.

[Sit 1]: < Eu só vivo para as minhas filhas..., Eu desejo um país livre... > – resposta da entrevistada

[Sit 2]: < Ela falou que só vive para as suas filhas..., Ela deseja um país livre... >

Logo, temos: $S1 \neq S2$ $T1 \neq T2$

Texto 24

Na infância **como diz o XXX ele sonhava** ser fisioterapeuta. O que ele está se profissionalizando. **De acordo com XXX ele fala** que sua família é reunida de mais e que ele ama seus irmãos.

[Sit 1]: < Na infância eu sonhava ser fisioterapeuta. É o que estou me profissionalizando, Minha família é reunida de mais e amo meus irmãos > – resposta do entrevistado

[Sit 2]: < Na infância como diz o XXX ele sonhava ser fisioterapeuta... Ele fala que sua família é reunida de mais e que ele ama seus irmãos >

Logo, temos: $S1 \neq S2$ $T1 \neq T2$

Diante dos textos analisados, queremos deixar claro, que o nosso objetivo não é dizer se texto A ou B está certo ou errado conforme o modelo proposto pelo Livro Didático; mas, mostrar, segundo o construto teórico da TOE, que a atividade de linguagem envolve enunciados e esses enunciados encadeados configuram os textos e nos textos temos as pistas/marcas das operações enunciativas que os sujeitos realizam para construir sentido e foi isso que tentamos apresentar por meio dessa primeira etapa de análise. Resumimos no quadro abaixo os pontos que foram comuns na etapa de construção do texto biográfico, ou seja, na passagem do Texto Entrevista para o Texto Biografia:

<p>Grupo 1: Narração > Comentário; Narração > deslocamento de pessoa-espaco-tempo</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Entrecruzamento dos Sits; • Proximidade entre o sujeito enunciativo e o sujeito biografado; • Modalidade Apreciativa
<p>Grupo 2: Narração > reprodução da entrevista</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Separação entre os Sits; • Distanciamento entre o sujeito enunciativo e o sujeito biografado; • Modalidade Assertiva Afirmativa

Quadro 5 – Explicação da primeira etapa de análise
Fonte: Elaboração nossa.

Nessa primeira etapa de análise e considerando que o aluno produziu o texto Biografia a partir do diálogo com o texto Entrevista, observamos que o texto apresentado busca se configurar numa Biografia, mas, há o embate entre a estabilidade e a instabilidade linguística entre a Entrevista e o texto biográfico porque entendemos que as operações de representação, referenciação e regulação não foram ajustadas, em virtude do aluno não ter, ainda, a devida reflexão na atividade de linguagem em saber escolher dentre os elementos linguísticos que a língua disponibiliza, qual ou quais se encaixariam melhor na passagem da Entrevista para a Biografia e isso comprova a recusa da TOE quanto ao ensino de modelos engessados na produção textual, pois esses modelos demonstram ser ineficientes para o ensino-aprendizagem de língua.

Vejam, a seguir, o movimento que o aluno faz na produção da Biografia para a Autobiografia.

BIOGRAFIA > AUTOBIOGRAFIA⁴⁸

Nessa segunda etapa, como já explicamos no início do item **4.3 coleta do corpus**, os alunos diante da lista de pessoas famosas e/ou personagem infantil sugerida pela Professora Titular da turma, realizaram uma pesquisa, anotaram as principais informações dessa pessoa e, em seguida, produziram o texto Biografia.

Passemos às análises.

BIOGRAFIAS

Texto 30 (Anexo 12)

Maria das Graças ou Xuxa como é chamada, nasceu em Santa Rosa, no interior do Rio Grande do Sul. No entanto, seu pai era militar, sua família mudava de cidade com bastante frequência. Maria das Graças tem outros quatro irmãos e foi um deles “Bladimir” **quem inventou, em 1998 a loira adicionou ao seu registro civil.**

[...]

Hoje a Xuxa mora em São Paulo, trabalha na Emissora Record, fez o “Programa Dancing Brasil”, sua filha Sasha Meneghel mora nos Estados Unidos (EUA). **Alguns meses atrás quando a “Rainha dos Baixinhos” vinha para a inauguração da “Casa X” quando estava no seu avião falando com a Sasha “sua filha” o seu avião foi atingido por um raio mas ela passa bem.**

Análise:

Maria das Graças tem outros quatro irmãos e foi um deles “Bladimir” **quem inventou, em 1998 a loira adicionou ao seu registro civil.**

Nesse trecho é possível observarmos que o aluno não completou o seu raciocínio, pois ele realizou de forma “falhada” a predicação de existência de “inventou” que é o apelido Xuxa. Nesse caso, compreendemos essa ausência pelo o que é localizado na sequência: “em 1998 a loira adicionou ao seu registro civil.” Justificamos essa nossa observação com Sousa (2007, p.121): “A construção de objetos linguísticos e a sua sucessiva determinação fazem intervir o conjunto dos parâmetros constitutivos do discurso. A sucessão destes parâmetros manifesta-se na linearidade do discurso, deixando, cada uma das localizações, traços ao nível das marcas linguísticas.”

⁴⁸ Digitamos as redações tal como estão escritas, ou seja, com desvios de ortografia, pontuação e às vezes de concordância verbal e nominal. Avisamos que colocamos os trechos principais. O texto completo está no Anexo.

Alguns meses atrás **quando a** “Rainha dos Baixinhos” **vinha** para a inauguração da “Casa X” (**T1**) / **quando estava** no seu avião (**T2**) / **falando** com a Sasha “sua filha” (**T3**) / o seu avião **foi atingido** por um raio (**T4**) / **mas** ela **passa** bem (**T5**)

Neste caso, temos T1 localizando T2 que por sua vez localiza T3 e este localiza T4 e T4 localiza T5; porém, entre T4 e T5 há uma ruptura (**Ω**) temporal

T1 = T2 = T3 = T4 **Ω (ruptura)** T5

Reconhecemos no trecho acima 02 (duas) informações, ou melhor, 02 (dois) Sits:

Sit1: S1 (Xuxa), T1 (hoje), E1 (São Paulo) < Xuxa ser X (morar/ trabalhar/ apresentar/ ter filha) >

Sit2: S2 (Xuxa), T2 (vir), E2 (a algum lugar) < Xuxa vir para Y (vir inaugurar a Casa X [onde?])

Podemos perceber que há um T1 (hoje) determinado e um T2 (não hoje) indeterminado. No Sit2 exige uma determinação do espaço para que fique clara a informação apresentada pelo aluno. O que acontece é que o aluno ao produzir a Biografia da Xuxa insere uma informação da notícia veiculada pela mídia em dezembro de 2016: “Xuxa ao vir para Teresina no dia 05/12/2016, teve o seu avião atingido por um raio e por isso precisou fazer um pouso de emergência em Brasília e dessa forma a ida a Teresina foi adiada.”

Dessa forma, o aluno introduz uma informação, porém, não prepara “a cena enunciativa” para situar a nova referência e por isso há esse hiato entre o que estava sendo predicado e o que passa a ser predicado e, além disso, traz o seu julgamento. Isso é identificado pela marca “mas” e o tempo presente do verbo “passar” acompanhado de “bem”: **mas** ela **passa** bem.

Entendemos que o presente nesta ocorrência desempenha uma função textual, modulando o grau de relevância do acontecimento na visão do Sujeito Enunciador que é o aluno.

Assim, o aluno teria que ter feito essa passagem:

Sit1: < Xuxa ao vir a Teresina teve o seu avião atingido por um raio > **Sit2** < Xuxa precisou fazer um pouso de emergência em Brasília e < eu acho/penso/julgo > [que nada grave aconteceu e por isso] **Sit3** < Xuxa está/passa/ encontra-se bem >

Texto 68 (Anexo 13)

Ivete nasceu em Juazeiro no norte da Bahia, no dia 27 de maio de 1972. O nome completo da baiana é Ivete Maria Dias de Sangalo. Cady o esposo da cantora já entregou que o prato favorito da amada é bode frito.

[...]

A primeira vez que Veveta subiu em um palco foi quando tinha 11 anos, no São João de Senhor do Bonfim no show do Oswaldinho do Acordeon.

Antes de Daniel Cady, Ivete foi casada com Davi Morais entre 2002 e 2004. E já namorou nomes como Luciano Huck e Fabio Duarte, criador do Fitdanci. **Mas hoje ela é muito feliz com seu esposo e seus filhos.**

Análise:

Antes de Daniel Cady (T1), Ivete foi casada com Davi Morais entre 2002 e 2004 **(T3)**. E já namorou nomes como Luciano Huck e Fabio Duarte, criador do Fitdanci. **(T2) Mas hoje ela é muito feliz com seu esposo e seus filhos. (T4)**

Neste caso, T1 localiza T3, que por sua vez, localiza T2 e este que localiza T4; porém, há rupturas temporais entre T3 e T1 e T2 e T4.

$T3 \text{ } \omega \text{ } T1, T3 = T4, T2 \text{ } \omega \text{ } T4, T1 = T4$

Além da questão temporal, reconhecemos nos enunciados grifados duas possibilidades de leitura:

Ivete ser X < ser casada com Davi Morais > mas < Ivete não foi feliz >

Ivete ser Y < ser casada com Daniel Cady > mas < Ivete ser feliz >

Esses pré-construídos podem ser recuperados no texto do enunciador (aluno), lugar em que essas relações assumem novos contornos e novas referências predicativas e enunciativas, tais como:

1. < Ivete ser casada com Davi Morais > implica < ser não feliz >

2. < Ivete ser casada com Daniel Cady > implica < ser feliz >

Sit 1 < S1, T1, E1 > ser X

Sit 1 Eu afirmo que:

< Ivete foi casada com Davi Morais > ; < Ivete namorou outros rapazes > **mas**

< Ivete foi não feliz >

Logo, temos uma Relação de Concessão:

< ser não feliz ontem > [ser não tão feliz] [ser não totalmente feliz] < ser feliz hoje >

• Sit 2 < S2, T2, E2 > ser Y

• Sit 2 Eu afirmo que:

• < Ivete casada novamente > < casou com Daniel Cady > **mas [hoje]** < ela é feliz >

• Ou seja: < Ivete casou com Daniel Cady > **fez que** < Ivete se tornasse feliz hoje >

Da Relação de Concessão temos a Relação Consecutiva:

< porque ela casou novamente > implica < ser feliz hoje >

Percebemos que o aluno que é o sujeito enunciador, ele julga na questão do tempo: < não ser feliz ontem > / < ser feliz hoje >

Então, nesse caso temos a passagem de P' (ser não feliz) para P (ser feliz)

Texto 31 (Anexo 14)

Ivete é uma mulher que desde criança seu sonho era ser dentista ou jogadora de handebol; mais o destino escolheu para ela ser cantora ela fez xixi na cama até 10 anos foi crescendo foi crescendo e em fim foi criando foi concertando sua carreira de cantora [...]

O que Ivete mais gosta em si mesma? “Suas pernas”. Ela diz “Eu posso estar gordinha magrinha, sem tônus, no verão, no inverno que elas estão sempre lá Lindas”.

Ivete ficou muito nervosa **eu acredito** porque a primeira vez de Ivete no palco foi com 11 anos, no bairro São João de Senhor do Bonfim, no show de Oswaldinho do Acordeon.

[...]

Ivete e seu pai corriam pra porta para cantar seu pai pegava o violão e Ivete cantava.

Agora que Ivete teve seus bebês gêmeos estar sendo feliz em família.

FIM

Texto 43 (Anexo 15)

Cauã Reymond Marques nasceu dia 20 de maio de 1980 (38 anos) a mãe dele engravidou dele com 17 anos foi uma mistura de fonemas, se fosse menina seria Luana, aliás o nome dele seria luan, mas foi Cauã.

Ele começou a carreira trabalhando como modelo, aos dezoitos anos de idade por conta disso chegou a morar em Milão e Paris, começou a trabalhar com estilistas como Gaulier e Ferré.

[...]

O filme preferido dele era Top Gun, mas o primeiro ídolo dele não foi o Tom Cruise, era o personagem do filme dele, o Aviador Peter “Maverick” Mitchel, ele tinha **eu acho** uns 11 anos e assistiu o filme umas 14 vezes...

Análise:

Nesses exemplos dos **textos 31 e 43**, temos a validação da relação predicativa < **Ivete ficar (muito) nervosa** > [eu acredito] < **porque foi sua primeira vez no palco** > e < **ele ter 11 anos** > [eu acho] < **quando assistiu ao filme** >, pois os enunciados possuem valor de asserção estrita positiva ao atribuírem uma significação num sistema referencial, pois há a validação e, além disso, nos permite formular uma pergunta, em que a resposta seja a própria asserção construída: Quem ficou muito nervosa ao subir no palco? Resposta: < [eu acredito que] Ivete ficou muito nervosa ao subir no palco pela primeira vez > Quem tinha 11 anos quando assistiu ao filme? Resposta: < [eu acho que] ele tinha 11 anos e assistiu ao filme umas 14 vezes.

Então, nesses exemplos, conforme a explicação de Culioli (1985), temos as modalidades 1 (asserção afirmativa ou negativa) e a modalidade 2, conhecida como modalidade epistêmica, pois exprime por parte do sujeito enunciador uma avaliação que oscila entre o provável, o improvável, o possível, o incerto.

Como explica Culioli (1985), a categoria da modalidade se constrói inicialmente, a partir da representação do sujeito que age sobre o mundo e sobre os outros, dando origem à representação linguística da asserção, da injunção, da interação, que possuem por base a teleonomia, a validação e a capacidade de agir.

Dessa forma, trata-se da construção de um enunciado numa determinada cena enunciativa em que o sujeito enunciador assume de forma positiva ou negativa uma relação predicativa em termos de grau de conhecimento, em relação ao que está sendo construído na enunciação.

Vejam, a seguir, os textos autobiográficos.

AUTOBIOGRAFIAS

Como os alunos já haviam realizado a Entrevista e depois a pesquisa para elaborarem o texto biográfico, chegamos ao entendimento que seria pertinente pedir aos alunos que escrevessem sobre eles mesmos para observarmos se os deslocamentos de pessoa-espaco-tempo continuariam ou não no texto autobiográfico. Vejam.

Texto 62⁴⁹ (Anexo 16)

Eu sou XXX tenho XX anos sou filha de XXX [...] estudei na creche Municipal do Maranhão, nasci no XXX, na data de XX de novembro de XXXX.

[...]

Eu tenho o sonho de ser enfermeira mas ainda não consegui realizar por que ainda estou estudando, mas pretendo algum dia realizar, pretendo pro meu futuro que meus pais fiquem juntos para nós formar uma família bonita. Eu gosto bastante de mexer nas redes sociais, dormir, comer, **eu sei que isso é vida de preguiçoso mais é o que eu gosto de fazer.**

Análise:

Nesse **Texto 62**, temos a modalidade epistêmica, como já mencionamos, anteriormente, conhecida por exprimir por parte do sujeito enunciador uma avaliação que oscila entre o provável, o improvável, o possível, o incerto. Porque no caso, ao usar “eu sei” é um traço que

⁴⁹ Por orientação do Comitê de Ética, resguardamos os nomes e alguns dados dos alunos.

o sujeito enunciador quer passar para o coenunciador em não assumir o que está dizendo. Então, como explica Culioli (1990), o espaço enunciativo é partilhado pelos enunciadores que negociam entre si para obter um acordo sobre os objetivos comunicativos, os procedimentos e as relações as significações, ou seja, enunciar é próprio da atividade de linguagem.

Texto 51 (Anexo 17)

Eu sou XXXX nasci no dia XXXX hoje tenho XX anos sou filho de XXXX e de XXXX. Eu tenho mais duas irmãs mais velha, a primeira se chama AAAAA e a outra BBBBBB. **Eu estudei desde pequeno** na Escola Municipal CCCCC. Eu já morei no Povoado XXX e na cidade de União, mas depois de um tempo vim para Teresina morar no bairro XXX, num sítio que tem muitas árvores e animais, nele também tem uma piscina. [...]
O meu sonho é ser um grande advogado e **pretendo ser** um dia para eu ter a minha própria casa e meus cachorros.
Eu agradeço a minha família por ter botado na escola **eu adoro, amo a minha família por tudo que eles fizeram por mim.**

Texto 63 (Anexo 18)

Eu sou XXXX , tenho XX anos. Sou filho de XXXX e XXXX. Tenho 2 irmãos, comigo faz 3 irmãos, o nome deles é AAA e BBB.
Nasci no dia XXXX. Já morei em Brasília (DF) mas voltei para Teresina (PI) em XXXX com apenas 4 anos de ônibus com a minha família.
Eu pretendo continuar morando em Teresina (PI) e comprar um apartamento na zona sul e fazer meu escritório e esta é uma parte da minha vida e pretendo mais coisas...

Análise:

Observamos que os trechos destacados nos **Textos 51 e 63** têm em comum as modalidades intersubjetiva e apreciativa. Percebemos que nesses textos os sujeitos enunciadores por meio das escolhas lexicais deixam de forma explícita os seus desejos e reconhecimento: eu pretendo, eu amo, eu adoro. Além disso, destacamos também o fator aspectual em “Eu pretendo ser [advogado] um dia...” (texto 51) e “Eu pretendo continuar morando em Teresina (PI)” (texto 63). Observamos que no Texto 51 o sujeito está no tempo presente, mas a pretensão está no tempo futuro, em virtude da semanticidade do verbo “pretender”, isto é, o objeto pretendido só vai ser alcançado no momento futuro e isso ele deixa claro, ao enunciar a seguinte relação de causa > consequência: < pretendo ser advogado > para < obter minha casa e meus cachorros >. Ou seja, ele precisa realizar essas etapas para poder realizar os seus desejos.

Já no **Texto 63**, o aspecto está determinado por meio da locução verbal “continuar morando” que exprime essa informação de duração, a qual perpassa esse momento presente da

enunciação. Como explica Culioli (1999), não tem como dissociar tempo e aspecto, pois a estruturação de classe de instantes é definida segundo as ordens aspectual e temporal. E no **Texto 51**, há um deslocamento temporal por conta do tempo verbal “estudei” (passado) e a marca “desde pequeno”, a qual determina o aspecto pontual do estudo (presente), ou seja, dessa forma, o sujeito enunciador quis informar que “desde pequeno estuda na Escola...” e não “estudou”, pois ele ainda continua a estudar. Então, pelas marcas, temos pistas do que de fato o enunciador quis informar ao seu coenunciador.

Texto 65 (Anexo 19)

Eu sou XXXX tenho XX anos sou filho de XXX, moro em Teresina estado PI. Mas já morei em Maranhão. Eu já estudei na creche “XXX” Creche Municipal do Ensino Infantil. Nasci em XXX, o dia em que nasci foi XXX.

[...] O grande sonho que eu tenho é entrá para a polícia ou ser desainer de “game” e esses são meus sonhos e **ainda não realizei porque ainda não sou adulto mas pretendo realizar...**

Análise:

[...] O grande sonho que eu tenho é entrá para a polícia ou ser desainer de “game” e esses são meus sonhos e **ainda não realizei porque ainda não sou adulto mas pretendo realizar...**

No **Texto 65**, destacamos a marca “ainda não” que se refere a uma ação e uma propriedade localizada no futuro. O sujeito enunciador assume a asserção estrita negativa tanto na ação como na propriedade, pois temos a não validação da relação predicativa ou seja: < **sonho ainda não realizado** > **porque** < **ainda não sou adulto** > **logo** < **sou criança** > **mas** < **pretendo ser adulto para realizar os sonhos** >. Além disso, a marca **ainda não** corresponde à existência de uma fronteira entre domínios nocionais, ou melhor, o domínio pelo predicado < ainda não sou adulto > é o complementar linguístico do domínio < ser criança >, isto é, < não ser adulto > corresponde a < ser criança >. Além disso, ele ainda não tem a existência de sonho realizado. Conforme Neves (2012, p. 74), “No polo negativo, temos a assunção nula que se refere à ausência de qualquer conhecimento que permita assumir, total ou apenas parcialmente, a validação (ou não validação) da relação predicativa.”

Texto 49 (Anexo 20)

Eu sou XXX tenho XX anos sou filha da XXX e do XXX. Estudo na escola municipal CCCCC. Nasci no dia XX de dezembro de XXXX moro no XXX, bairro XXXX cidade de Teresina Piauí.

Já estudei na Creche Municipal Ensino Infantil. O meu sonho era de conhecer o mar mais já realizei. Mais na verdade falta mais um, mim formar em medicina, estou estudando muito.

Quando eu tinha 09 anos a minha irmãzinha nasceu. Ela nasceu no dia XX de maio de XXX, de lá pra cá minha vida mudou. **Agora** tenho que dividir tudo o que eu tenho.

Mais eu acho muito bom, porque antes eu ficava sozinha, minha mãe tinha que ir trabalhar mais meu pai, então eu ficava com minha avó. **Agora** já estou mocinha, já estou no 7º ano do ensino fundamental. **Agora** ela tem 4 anos já está na mesma creche que eu citei no começo da autobiografia. **Então, aqui é um pouco da minha vida.**

Análise:

Quando eu tinha 09 anos (T1) a minha irmãzinha nasceu **(T2)**. Ela nasceu no dia XX de maio de XXXX, de lá pra cá minha vida mudou. **Agora** tenho que dividir tudo o que eu tenho **(T3)**.

Mais eu acho muito bom, porque antes eu ficava sozinha, minha mãe tinha que ir trabalhar mais meu pai, então eu ficava com minha avó. **Agora** já estou mocinha **(T4)**, já estou no 7º ano do ensino fundamental. **Agora** ela tem 4 anos **(T5)** já está na mesma creche que eu citei no começo da autobiografia. **Então, aqui é um pouco da minha vida.**

Neste caso, T1 localiza T2, T2 rompe com T3, T3 localiza T4 e T4 localiza T5:

T1 = T2, T2 ω T3, T3 = T4, T4 = T5

No **Texto 49**, observamos o uso da marca “agora”, a qual serve para localizar um tempo que perpassa o momento da enunciação, isto é, há um momento anterior e um momento presente; ou seja, um “novo” tempo em que o sujeito enunciador está vivenciando com a chegada da irmãzinha, por isso que ele localiza o “agora” com os verbos no presente. Como explica Sousa (2007):

Agora marca uma relação entre duas classes de elementos. Se for temporal, introduz uma relação de oposição entre um domínio e o seu complementar, ou seja, a partir do interior do domínio pode marcar uma bifurcação (uma alternativa entre p ou não p). Se for discursivo, introduz uma relação de oposição entre fases do mesmo texto. (SOUSA, 2007, p. 51)

Diante dos trechos destacados, entendemos que o “agora” foi usado para localizar os instantes temporais vivenciados pelo enunciador; isto é, o sujeito enunciador marca a oposição entre o passado (o momento anterior) sem irmã e o presente (o momento atual com a irmã) e pontua uma sequência de momentos no texto, como: “Agora já estou mocinha...” “agora” ela tem 4 anos...”. Através da marca **agora** é possível identificar a ênfase estabelecida no

contraponto da sequência temporal, ou seja, momento anterior e o momento presente: “a irmã era bebê ... **agora** já tem 04 anos ..., de lá pra cá minha vida mudou ...”. Além disso, temos também, a modalidade apreciativa nos enunciados **Mais eu acho muito bom** e **Então, aqui é um pouco da minha vida** e entendemos que há também a modalidade intersubjetiva com valor deôntico de dever/obrigação no enunciado **Agora** tenho que dividir tudo o que eu tenho, ou seja, além do uso temporal, como comentamos anteriormente, identificamos também esse aspecto de “obrigação” por meio da relação entre “agora” e “tenho que dividir... tudo que tenho.”

Nesta segunda etapa de análise pudemos observar que em relação à primeira etapa, foi possível também encontrarmos na produção da Biografia e da Autobiografia o cruzamento dos Sits, ou seja, há sempre um **X anterior** que está em relação a um **Y posterior**. Dessa forma, o que foi predominantemente observado nessas passagens entre os textos Entrevista > Biografia > Autobiografia foi a inserção de informações no texto sem ter a devida preparação da cena enunciativa para situar a nova referenciação, gerando um hiato entre os instantes enunciados, provocando, por conseguinte, a confusão na construção de sentidos nos textos produzidos.

Dessa forma, reconhecemos que isso aconteceu porque, segundo o viés da TOE, torna-se ineficaz a produção textual seguindo um modelo textual estabelecido. Os alunos mostraram essa subversão em relação ao modelo sugerido nas produções que apresentamos, ou seja, faz-se necessário trabalhar em sala de aula o ensino da língua de modo mais enunciativo, para que os alunos sejam estimulados a refletirem como se dá os engendramentos dos elementos linguísticos nos enunciados para a construção de sentido.

BIOGRAFIA > AUTOBIOGRAFIA	<ul style="list-style-type: none"> • Entrecruzamento dos Sits; • Proximidade entre o sujeito enunciativo e o sujeito biografado; • Presença das Modalidades Apreciativa, Intersubjetiva e Epistêmica • Permanência da 1ª pessoa do singular na Autobiografia.
---------------------------	---

Quadro 6 – Explicação da segunda etapa de análise.

Fonte: Elaboração nossa

4.5. Síntese Conclusiva das Análises

Diante do que foi exposto nas análises, percebemos que há uma ligação linguístico-cognitiva entre os textos; e, acima de tudo, não existe aquela estabilidade tão certa e acabada ,

ou melhor, aquele formato linguístico-textual perfeito em que se classifica os textos, isto é, que os livros didáticos e os documentos oficiais apresentam e defendem como tão certos de serem ensinados na sala de aula. Presenciamos na produção dos alunos, em vários momentos, por exemplo, muitas passagens que exemplificam esse nosso posicionamento; porque na Biografia há trechos do texto Entrevista: “ela deseja e ela vai conseguir” (Texto 14), bem como na Autobiografia há trechos que se aproximam de outros textos, como Memória ou Relato Pessoal: “eu sei que isso é vida de preguiçoso mais é o que eu gosto de fazer.” (Texto 62), “e esta é uma parte da minha vida e pretendo mais coisas...” (Texto 63).

Além disso, na primeira etapa de análise presenciamos duas particularidades: a primeira foi o deslocamento de pessoa quando o aluno insere o “eu e meus irmãos” (Texto 15), “eu sou feliz com minha família” (Texto 25) na Biografia, mantendo assim uma aproximação do texto e a segunda observação foi no caso da “Narração > Reprodução da Entrevista” em que o discente ao inserir o discurso indireto do entrevistado, faz ainda uma subversão enunciativa em relação ao modelo estabelecido pelo Livro Didático e dessa forma, também compromete o sentido do texto ao que se espera de um texto biográfico.

Na segunda etapa de análise, tivemos a continuação do deslocamento de pessoa ao observarmos a presença do “eu acho”, “eu acredito” nas Biografias 31 e 43 e identificamos o deslocamento temporal nos textos biográficos (Textos 30 e 68) e nos autobiográficos (Textos 49 e 51), comprovando o que Culioli (1999) explana em relação ao Tempo, ao dizer que todos os sistemas temporais são fundados sobre uma sucessão ordenada de instantes, em que um instante X seja anterior ou posterior em relação a um instante-localizador Y, ou seja, a marca temporal que aparece no momento posterior recupera a ação realizada no momento anterior. E, dessa maneira, a ausência de compreender essa sucessão ordenada de instantes, fez com que os alunos realizassem tais deslocamentos temporais.

Em suma, todas essas produções analisadas trouxeram lacunas no que diz respeito à produção de sentido para um texto biográfico e autobiográfico, pois as relações léxico-gramaticais não se configuraram enunciativamente para o sentido final esperado. Defendemos que esses deslocamentos ocorreram em virtude da ausência tanto nos documentos oficiais, como nos materiais didáticos, da sugestão de um trabalho com mecanismos enunciativos e discursivos que subsidiem a compreensão do aluno para as relações léxico-gramaticais que se entrelaçam para a construção de sentido na produção e/ou interpretação textual e, que, por conseguinte, não promove o desenvolvimento da competência discursiva do discente.

CONSIDERAÇÕES

Iniciamos o nosso trabalho apresentando o problema no fato de se priorizarem os modelos idealizados no ensino que diz respeito ao papel que se atribui ao aluno de mero espectador, cujas ações caracterizam-se por serem reprodutivas e a nossa questão se volta para a relevância de se adotar uma metodologia que permita que o aluno realize/reconheça operações linguísticas responsáveis pelos processos de estabilidade e plasticidade linguísticos, característicos da atividade de linguagem. Porque defendemos que o ensino de língua tem como tarefa responder às produções dos alunos, seja nos exercícios de escrita ou de interpretação textual, que devem ser referenciais para o trabalho a ser aplicado com vistas ao desenvolvimento linguístico-cognitivo dos aprendizes.

A nossa pesquisa observou a produção textual dos gêneros Biografia e Autobiografia de alunos do 7º ano do Ensino Fundamental, mediante as diretrizes propostas pelo Livro Didático adotado pela escola onde desenvolvemos nosso trabalho. Os nossos questionamentos pautaram-se, primeiramente, para o modelo de reprodução textual a ser seguido pelos alunos em conformidade com as características dos respectivos gêneros em pauta e, em seguida, para as produções textuais desenvolvidas pelos alunos em resposta ao exercício proposto. Diante das ocorrências de deslocamentos de pessoa-espaço-tempo identificadas nos textos dos alunos, procuramos contrapor a perspectiva dialógica de Bakhtin ([1929] 2010) haja vista que ela norteia todo o ensino de gêneros discursivos, mas, que, nos parâmetros da TOE de Culioli (1990), esse ensino possui lacunas, pois apesar de ser uma perspectiva dialógica, ela não vê de fato o Sujeito como o operador da construção de significação, porque na prática, o ensino de produção/interpretação textual induz o aluno a fixar uma dada estrutura/modelo para um determinado gênero, levando-o a uma mera reprodução textual.

Na nossa perspectiva, a TOE entende que na atividade de linguagem, temos a atividade epilinguística que é concebida como a atividade (meta) linguística não consciente desenvolvida pelos sujeitos no momento de busca pelo seu repertório linguístico-cognitivo para uma possível melhor organização linguística no processo de produção e interpretação de texto. Dessa maneira, o Sujeito, de fato, opera como construtor de significação, porque enunciativamente, estamos a todo momento, ativando operações para poder estabelecer significações; dentre essas operações, como já apresentamos, temos as atividades de representação, referenciação e regulação.

Assim, a Atividade de Representação é dividida em 03 (três) níveis: nível 1 do infra-linguístico, o nível 2 do linguístico e o nível 3 do metalinguístico. No nível 1, que é o nível da representação, onde a representação remete à representação mental, trata-se para Culioli (1990), da cognição no seu sentido mais amplo, em que o linguista só tem acesso a esse nível 1 por meio dos textos que são, somente, uma parte dos traços dessa atividade cognitiva, ou melhor, dessa atividade de representação da língua. O nível 2 corresponde às representações chamadas de linguísticas e que trazem consigo os traços da representação do nível 1, sendo a única forma de termos acesso ao nível das representações mentais. O nível 3 é um sistema de representação necessariamente metalinguístico. Esse nível também mantém relação com o nível 2, pois é deste que o linguista faz uso com a intenção de construir ferramentas metalinguísticas para, assim, representar os fenômenos textuais. E essa atividade de Representação está acoplada às Atividades de Referenciação e Regulação, a primeira diz respeito à construção de um complexo sistema de coordenada intersubjetiva espaço-temporal para instituir a referência e a segunda define-se por ser a relação de ajustamentos entre o sujeito enunciador e o coenunciador tanto no nível da representação quanto no nível da referenciação.

O diferencial Construtivista de Culioli (1999) entende que a Linguagem estabelece uma forma de pensamento e que o sentido é constituído pelo material verbal que lhe dá corpo, ou seja, pelas unidades léxico-gramaticais da língua, que por sua vez, se engendram nos enunciados para construir o valor referencial. Para a TOE, o valor referencial de um enunciado é instituído a partir de ocorrências nocionais que são instanciações das diferentes noções. Logo, o valor referencial é o jogo entre várias noções da mesma forma linguística e que se estabiliza na cena enunciativa. Além disso, a Atividade de Linguagem na visão da TOE, aborda que um enunciado é, portanto, um intertexto resultado de um diálogo (atividade epilinguística) efetuado sobre um paradigma textual criado no processo de produção e reconhecimento de unidades linguísticas. Há no enunciado o ponto comum e as diferenças que, enquanto resultado do trabalho do sujeito entre os elementos de situações enunciativas diferentes, deixam marcas no enunciado, e são justamente, essas marcas que a TOE chama de observáveis e explica que o trabalho do linguista consiste em elaborar uma reflexão sobre a atividade da linguagem diante do dado linguístico se refere aos observáveis presentes/identificados nos textos orais ou escritos.

Ao discutirmos as categorias de pessoa e tempo o nosso propósito foi mostrar que para a TOE quando se trata de atividade de linguagem não se pode falar em categorias, e sim, em noções de pessoa e de tempo, porque para Culioli (1990) tanto Sujeito como o Tempo são vistos

como parâmetros abstratos definidores de uma situação de enunciação (Sit) também abstrata e por meio dos Sits, ampliamos a análise do comportamento das “categorias” linguísticas (como tempo, pessoa, modo, aspecto, etc) por meio das formas linguísticas (léxico-gramaticais) nos enunciados e essas formas linguísticas, em conjunto, formam os textos, que são planos enunciativos. Dessa maneira, dialogando com os planos enunciativos de Benveniste, mostramos que, segundo a TOE, pelo funcionamento das marcas linguísticas nos enunciados (textos), pudemos observar que nem sempre é possível separarmos os planos enunciativos de modo tão pontual, porque, como já expusemos, há um lugar gerador dos gêneros onde os diferentes tipos se aproximam, antes das reconhecidas estabilizações.

Quanto aos deslocamentos de pessoa-espaço-tempo realizados pelos alunos de 7º ano na produção do texto Biografia, observamos que tinham ligação direta com a produção dos textos Entrevista e Autobiografia, pois estes operaram de modo subjacente com o texto Biográfico e, por isso, constatamos que o aluno reconhece os jogos enunciativos instaurados entre os textos Entrevista e Biografia e Biografia e Autobiografia e os reproduz, embora parte desses jogos seja recuperada pela modalidade e/ou pela proximidade ou distanciamento com o texto produzido. Quando o aluno instala a sua produção entre os gêneros Biografia e Autobiografia, como apontamos, ele está operando no lugar gerador dos textos, onde os gêneros se aproximam.

Na perspectiva da TOE, isso não é um problema, pois os alunos estão apropriando-se das variações linguísticas. Assim, mais relevante que responder sobre acertos ou erros é reconhecer a existência de um lugar híbrido, um lugar intergêneros, que é explicitado nas produções dos alunos, pelas quais é possível ver a sua criatividade, justamente, por meio dessas variações linguísticas. Explora-se nessas variações, as possibilidades mais ou menos adequadas à situação enunciativa em foco, e, nesse sentido, interessa pouco decidir sobre acerto ou erro, à medida que nosso olhar se volta para a criatividade dos alunos.

Conforme os pressupostos da TOE, não cabe a nós dizer se o texto A ou B está certo ou errado, mas o que nos interessa é mostrar que o ensino de produção textual tal qual tem sido praticado, seguindo um modelo textual estabelecido, torna-se ineficaz, haja vista, que não permite o aluno refletir quanto ao encadeamento dos elementos léxico-gramaticais para configurar o texto e que este texto produza sentido. Assim, para o que nos propusemos observar, conseguimos atingir os nossos objetivos, mas temos total ciência de que há, ainda, muito a se analisar, pois seguindo os pressupostos da TOE, entendemos que nos enunciados sempre haverá observáveis para se verificar, pois estamos numa contínua atividade de linguagem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2010.

_____. **Estética da Criação Verbal**. Introdução e Tradução do russo Paulo Bezerra. 6ª ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

BARBARA, Hemais; BIASI-RODRIGUES, Bernadete. A proposta sociorretórica de John M. Swales para o estudo de gêneros textuais. In: MEURER, J.L; BONINI, A; MOTTA-ROTH, D. (Orgs.) **Gêneros: teorias, métodos e debates**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

BARROS, Solange Christiane Gonzalez. **Mecanismos Linguísticos e Relações Intersubjetivas na Produção de Textos: Atividades Enunciativas na Prática de Ensino**. Tese de Doutorado. Universidade Federal de São Carlos, 2017.

BECHARA, Evanildo. **Moderna Gramática Portuguesa**. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999.

BENVENISTE, Émile. **Problemas de linguística geral**. Volume I. Campinas: São Paulo: Pontes, 2005.

_____. **Problemas de linguística geral**. Volume II. Campinas: São Paulo: Pontes, 2006.

BRASIL, Secretaria de Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL, Secretaria de Educação. **Base Nacional Curricular Comum**. Brasília: MEC/SEF, 2017.

CAMPOS, Maria Henriqueta Costa. **Tempo, Aspecto e Modalidade: Estudos de Linguística Portuguesa**. Lisboa: Porto Editora, 1997.

CARVALHO, Gisele de. Gênero como ação social em Miller e Bezerman: o conceito, uma sugestão metodológica e um exemplo de aplicação. In: MEURER, J.L; BONINI, A; MOTTA-ROTH, D. (Orgs.) **Gêneros: teorias, métodos e debates**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

CORÔA, Maria Luiza Monteiro Sales. **O tempo nos verbos do português: uma análise à sua interpretação semântica**. São Paulo: Parábola: 2005.

COSTA, Sônia Bastos Borba. **O aspecto em português**. São Paulo: Contexto, 1997.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. **Nova Gramática do Português Contemporâneo**. 5ª edição. Rio de Janeiro: Lexikon, 2008.

CULIOLI, Antoine. **Notes du Seminaire de D.E.A**. Université de Paris 7. Departamente de recherches linguistiques. Paris: Poitiers, 1985.

_____. **Pour une linguistique de l'énonciation**. Opérations et représentations. Tome 1. Paris: Ophrys, 1990.

_____. **Pour une linguistique de l'énonciation.** Formalisation et opération de repérage. Tome 2. Paris: Ophrys, 1999.

DE VOGÜÉ, Sarah. **La transitividade comme question théorique:** querelle entre la Théorie des Positions de J. C. Milner et la Théorie des Opérations prédicatives et Énoncatives d'A. Culioli. In: Linx, n° 24, 1991. p. 37-65

DE VOGÜÉ, Sarah de. **Calcul des valeurs d'un énoncé au présent.** Travaux de linguistique 40. Bruxelles, Duculot, 2000. p.31-54

DE VOGÜÉ, Sarah de. Culioli após Benveniste. In: VOGÜÉ, Sarah de; FRANCKEL, Jean Jacques; PAILLARD, Denis. **Linguagem e enunciação:** representação, referenciação e regulação. São Paulo: Contexto, 2011b, p. 57-85.

DE VOGÜÉ, Sarah de. L'énonciation dans le lexique. Actualité du concept benvenistien d'intégration dans la théorie des formes schématiques de l'école culiolienne. In: BRUNET, E; MAHRER, R. (eds) Relire Benveniste. **Réceptions actuelles des problèmes de linguistique générale.** Louvain-la-Neuve, Collection Sciences du Langage: carrefours et points de vue, Academia-Bruylant, 2011a, p. 169-195.

DELMANTO, Dileta; CARVALHO, Laiz B. de. **Jornadas. Port. Língua Portuguesa. 7º ano.** Manual do Professor. São Paulo: Saraiva, 2013.

DIAS, Luiz Francisco. **Enunciação e Gramática:** o papel das condições de emprego da língua. Revista Letras n° 33 Émile Benveniste: Interfaces, Enunciação e Discurso. 14 de maio de 2007. Indd 67. Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da Universidade Federal de Santa Maria (UFSMA).

DANON-BOILEAU, Laurent. **Enonciation et reference.** Paris: Ophrys, 1987.

FIORIN, José Luiz (Org.) **Introdução à Linguística:** Princípios de análise. Volume II São Paulo: Contexto, 2007.

_____. **As astúcias da enunciação: as categorias de pessoa, espaço e tempo.** São Paulo: Ática, 1999.

FUCHS, Catherine. **As problemáticas enunciativas:** esboço de uma apresentação histórica e crítica. Tradução de Letícia Marcondes Rezende. Revista Alfa. 1985. p.111-129

FLORES, Valdir do Nascimento; TEIXEIRA, Marlene. **Enunciação, dialogismo, intersubjetividade:** um estudo sobre Bakhtin e Benveniste. Bakhtiniana, São Paulo, v.1, n.2, p.143-164, 2º sem. 2009.

_____. **Introdução à teoria enunciativa de Benveniste.** São Paulo: Parábola Editorial, 2013

_____. **Saussure e Benveniste no Brasil:** Quatro aulas na École Normale Supérieure. São Paulo: Parábola Editorial, 2017.

FRANCHI, Carlos. **Criatividade e Gramática.** Secretaria da Educação. São Paulo: SE/CENP, 1988.

_____. Linguagem: atividade constitutiva. In: FRANCHI, Carlos; FRANCHI, Eglê; FIORIN, José Luiz; ILARI, Rodolfo. (Orgs.) **Linguagem: atividade constitutiva: teoria e poesia**. São Paulo: Parábola, 2011.

FRANCKEL, Jean-Jacques. **Situation, contexte et valeur référentielle**. Pratiques, Metz, n.129-130, p.51-70, 2006.

FRANCKEL, Jean-Jacques. Referência, referenciação e valores referenciais. In: : VOGUÉ, Sarah de; FRANCKEL, Jean Jacques; PAILLARD, Denis. **Linguagem e enunciação: representação, referenciação e regulação**. São Paulo: Contexto, 2011. p. 31- 55.

FRANCKEL, Jean-Jacques; PAILLARD, Denis. Aspectos da Teoria de Antoine Culioli..In: : VOGUÉ, Sarah de; FRANCKEL, Jean Jacques; PAILLARD, Denis. **Linguagem e enunciação: representação, referenciação e regulação**. São Paulo: Contexto, 2011. p. 87-101.

FRANCKEL, Jean-Jacques. Da interpretação à glosa: por uma metodologia da reformulação In: VOGUÉ, Sarah de; FRANCKEL, Jean Jacques; PAILLARD, Denis. **Linguagem e enunciação: representação, referenciação e regulação**. São Paulo: Contexto, 2011. p. 103-130.

GERALDI, João Wanderley. **Portos de passagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1995. 3 ed. (Texto e Linguagem)

GOMES, Antônio Carlos. **As operações de linguagem com a marca “quando”**. Tese de Doutorado. Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista. UNESP. Araraquara (SP), 2007.

ILARI, Rodolfo; FRANCHI, Carlos; MOURA NEVES, Maria Helena; POSSENTI, Sírio. Os Pronomes Pessoais do Português Falado: Roteiro para Análise In: CASTILHO, Ataliba; BASÍLO, Margarida. (Orgs.) **Gramática do Português Falado volume IV: Estudos Descritivos**. Campinas (SP): Editora da UNICAMP, 1996, p.79-166.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **Introdução à Linguística Textual: trajetória e grandes temas**. 2 ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.

LIMA, Maria Auxiliadora Ferreira Lima. **O artigo no processo de construção referencial: as operações de determinação e indeterminação**. Tese de Doutorado. Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista. Araraquara (SP), 1997.

MIRA MATEUS, Maria Helena; BRITO, Ana Maria; FARIA, Isabel Hub. **Gramática da Língua Portuguesa**. Lisboa: Editorial Caminho, 1994. Coleção Universitária. Série Linguística.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros Textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, A.P.; MACHADO, A.R.; BEZERRA, M.A. (Orgs.) **Gêneros textuais e ensino**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Linguística de texto: o que é e como se faz?** São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

NEVES, Janete dos Santos Bessa. **Corre voz no jornalismo do início do século XIX.** Estudo semântico-enunciativo do Correio Braziliense e da Gazeta de Lisboa. Jundiaí: Paco Editorial, 2012.

ONOFRE, Marília Blundi. **Operações de Linguagem e Implicações Enunciativas da marca “se”.** Tese de Doutorado. Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista (UNESP). Araraquara (SP), 2003.

ONOFRE, Marília Blundi. **A produção de texto no ensino de língua: processos de leitura.** Anais do SIELP. Vol. 2, nº1 . Uberlândia: EDUFU, 2012.

REZENDE, Letícia Marcondes. **Léxico e Gramática: aproximação de problemas linguísticos com educacionais.** Tese para Concurso de Livre-Docência. Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista (UNESP). Araraquara (SP), 2000.

REZENDE, Letícia Marcondes. **Atividade epilinguística e o ensino de língua portuguesa.** Revista do GEL, São José do Rio Preto, v. 5, n.1, p.95-108, 2008.

_____. **Gramática e Ensino de Língua.** Revista Versão Beta. UFSCar. Ano IV mai-jun 2006, p. 15-30.

_____. Articulação da Linguagem com as línguas naturais: o conceito de noção. In: ONOFRE, Marília; REZENDE, Letícia Marcondes. (Orgs.) **Linguagem e Línguas Naturais: clivagem entre o enunciado e a enunciação.** São Carlos (SP): Pedro & João Editores, 2009.

RODRIGUES, Rosângela, Hammes. Os gêneros do discurso na perspectiva dialógica da linguagem: a abordagem de Bakhtin. In: MEURER, J.L; BONINI, A; MOTTA-ROTH, D. (Orgs.) **Gêneros: teorias, métodos e debates.** São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

ROJO, Roxane. Gêneros do discurso e gêneros textuais: questões teóricas e aplicadas. In: MEURER, J.L; BONINI, A; MOTTA-ROTH, D. (Orgs.) **Gêneros: teorias, métodos e debates.** São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

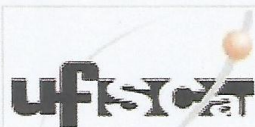
SILVA, Ademar Bastos da. **A Expressão da Futuridade no Português.** Araraquara: São Paulo: UNESP. Cultura Acadêmica Editora, 1997.

SOUSA, Otília da Costa e. **Tempos e Aspecto: O Imperfeito num corpus de aquisição.** Lisboa: Edições Colibri – Instituto Politécnico de Lisboa. 2007.

SUASSUNA, Livia. As práticas de linguagem como objeto de ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa. In: FERRAZ, Telma; SUASSUNA, Livia (Orgs.). **Ensino de Língua Portuguesa na Educação Básica: reflexões sobre o currículo.** Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014. (Coleção Língua Portuguesa na Escola).

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática.** 14 ed. São Paulo: Cortez, 2009.

ANEXO 01



UFSCAR - UNIVERSIDADE
FEDERAL DE SÃO CARLOS



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: OS DESLOCAMENTOS ENUNCIATIVOS DE PESSOA E TEMPO NO TEXTO

Pesquisador: LIDIANY PEREIRA DOS SANTOS

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 84241918.6.0000.5504

Instituição Proponente: CECH - Centro de Educação e Ciências Humanas

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 2.679.436

Apresentação do Projeto:

O presente projeto intitulado "Os deslocamentos enunciativos de pessoa-espaco-tempo no gênero biografia" busca estudar o que motiva os alunos do Ensino Fundamental II diante de um modelo proposto pelo Livro Didático do gênero Biografia promoverem deslocamentos enunciativos de pessoa-espaco-tempo. Acredita-se que a configuração de um gênero se estabeleça através do agenciamento das formas lexicais nos enunciados e não pelo gênero em si. Ou seja, a configuração de um gênero se dá por meio de um encadeamento de operações enunciativas que envolve léxico e gramática, constituindo a atividade significativa da linguagem. Dessa forma, por meio da Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas (TOPE) de Antoine Culioli, busca-se analisar as categorias de operações enunciativas de Pessoa, Tempo, Aspecto e Modalidade, bem como, analisar o jogo da Intersubjetividade e as alterações de sentido que são produzidas por conta do deslocamento de pessoa-espaco-tempo, alterações essas que são muitas vezes tachadas como "erro", mas que, diante da TOPE, se supõe ser a criatividade do aluno ao manipular a língua para produzir significação.

Metodologia de Análise de Dados:

Endereço: WASHINGTON LUIZ KM 235

Bairro: JARDIM GUANABARA

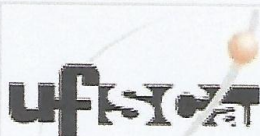
CEP: 13.565-905

UF: SP

Município: SAO CARLOS

Telefone: (16)3351-9683

E-mail: cephumanos@ufscar.br



Continuação do Parecer: 2.679.436

A coleta de dados ocorrerá no 1º e 2º semestre de 2018 durante as aulas de Língua Portuguesa nas turmas de 6º ao 8º anos do Ensino

Fundamental II de uma escola pública da rede municipal de Teresina (PI); em seguida, iniciaremos a seleção dos textos e os distribuiremos em categorias conforme as nossas necessidades de análise e por último faremos a análise final com os dados analisados.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Analisar como se dá, diante do modelo proposto pelo Livro Didático, o processo de construção do gênero Biografia através dos deslocamentos enunciativos de pessoa-espaco-tempo.

Objetivo Secundário:

Analisar se há ou não continuidade dos deslocamentos enunciativos de pessoa-espaco-tempo em produções sem a apresentação do modelo Biografia do Livro Didático e Verificar em que aspecto o sujeito enunciativo se aproxima ou se afasta do que é enunciado.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

A participação no estudo acarretará gasto financeiro quase inexistente, e os riscos são mínimos, pois a individualidade dos participantes será respeitada, haja vista que o anonimato de todas as pessoas que participarão da pesquisa será preservado. A participação nesta pesquisa é voluntária e o afastamento dela não acarretará qualquer risco ou penalidade. A desistência da participação da pesquisa pode ocorrer em qualquer etapa do trabalho.

Benefícios:

Por se tratar de uma pesquisa no trato das questões do ensino aprendizagem será de grande relevância para a prática de professores de Letras. E, também, com a multiplicidade de papéis exercidos pela pesquisadora: atuação como professora/formadora e como pesquisadora sobre os dados gerados, e sobre a observação do cenário de pesquisa (de dentro e de fora), embora simultâneo no momento da formação pelo que o encaminhamento das aulas suscitem, e para o desenvolvimento das atividades relacionadas à

Endereço: WASHINGTON LUIZ KM 235

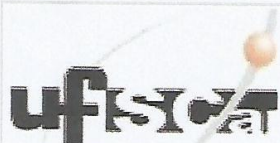
Bairro: JARDIM GUANABARA

CEP: 13.565-905

UF: SP Município: SAO CARLOS

Telefone: (16)3351-9683

E-mail: cephumanos@ufscar.br



Continuação do Parecer: 2.679.436

pesquisa da tese.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Pesquisa pertinente.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Todos os termos foram apresentados de acordo.

Recomendações:

sem recomendação.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

sem pendência.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES BÁSICAS_DO_PROJETO_1078072.pdf	18/04/2018 21:09:25		Aceito
Outros	ESCLARECIMENTO.pdf	18/04/2018 21:05:19	LIDIANY PEREIRA DOS SANTOS	Aceito
Outros	solicitacao.pdf	18/04/2018 21:04:33	LIDIANY PEREIRA DOS SANTOS	Aceito
Outros	Autorizacao.pdf	18/04/2018 21:03:30	LIDIANY PEREIRA DOS SANTOS	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TALE.pdf	18/04/2018 20:54:50	LIDIANY PEREIRA DOS SANTOS	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETO.pdf	19/02/2018 14:44:27	LIDIANY PEREIRA DOS SANTOS	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.doc	19/02/2018 14:42:35	LIDIANY PEREIRA DOS SANTOS	Aceito
Folha de Rosto	100.pdf	19/02/2018 14:40:38	LIDIANY PEREIRA DOS SANTOS	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Endereço: WASHINGTON LUIZ KM 235

Bairro: JARDIM GUANABARA

CEP: 13.565-905

UF: SP

Município: SAO CARLOS

Telefone: (16)3351-9683

E-mail: cephumanos@ufscar.br



UFSCAR - UNIVERSIDADE
FEDERAL DE SÃO CARLOS



Continuação do Parecer: 2.679.436

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

SAO CARLOS, 28 de Maio de 2018

Assinado por:
Priscilla Hortense
(Coordenador)

Endereço: WASHINGTON LUIZ KM 235

Bairro: JARDIM GUANABARA

CEP: 13.565-905

UF: SP

Município: SAO CARLOS

Telefone: (16)3351-9683

E-mail: cephumanos@ufscar.br

Página 04 de 04

LEITURA 2

antes de ler

1. O que significa a palavra **biografia**? Se não souber, pesquise ou converse com os colegas. Texto que relata a vida de uma pessoa ou personagem.
2. Você já leu a biografia de alguém famoso, como um artista, atleta ou político? Se sim, conte aos colegas quem era o biografado e se você gostou da leitura. Resposta pessoal.
3. Para você, que pessoa pública mereceria ter a vida registrada em uma biografia? Por quê? Resposta pessoal.

Professor: Se nenhum aluno responder afirmativamente, diga-lhes que agora vão conhecer um exemplo de biografia.

Você sabe qual o segundo livro mais publicado e traduzido do mundo? (Em número de traduções e edições, esse livro perde apenas para a Bíblia.)

É Dom Quixote, romance escrito há mais de quatrocentos anos pelo espanhol Miguel de Cervantes, que conta a história da amizade entre um cavaleiro e seu fiel escudeiro, que empreendem uma longa andança pela Espanha no final do século XVI. Vamos conhecer um pouco da vida desse escritor?

Professor: Sugermos que você faça a primeira leitura em voz alta.

Quem foi Miguel de Cervantes?

O cavaleiro da triste figura

Ele fugiu da lei, lutou em guerras, foi refém de piratas e escreveu o primeiro romance da história

Miguel de Cervantes teve uma vida ainda mais errática que a de seu personagem mais ilustre. O criador do engenhoso fidalgo Dom Quixote de la Mancha nasceu em Alcalá de Henares, em 1547, em uma família pobre. Ainda cedo, demonstrou interesse pela literatura e pela poesia. Teria uma vida acadêmica, não fosse um duelo no qual o escritor matou um desocupado. Procurado pela Justiça, que, como punição, deveria lhe decepar a mão direita, Cervantes fugiu para Roma, em 1569. Depois de falsificar uma certidão de nobreza, foi trabalhar como camareiro de um cardeal. Em 1570, alistou-se na armada espanhola que ia combater os turcos.



Um dos retratos mais famosos de Cervantes, obra do pintor espanhol Juan de Jáuregui (1583-1641).

EXPLORAÇÃO DO TEXTO

Antes de iniciar o estudo do texto, tente descobrir o sentido das palavras desconhecidas pelo contexto em que elas aparecem. Se for preciso, consulte o dicionário.

1. Leia estas informações.

Biografia – (bio-, “vida”, e -grafia, “escrever”) – Relato oral, escrito ou visual de fatos relacionados a diferentes fases da vida de uma pessoa ou personalidade. Além de contar os eventos que compõem a vida do biografado, a biografia procura levar o leitor a recriar uma imagem dele.

Autobiografia – Relato da vida de uma pessoa real redigido por ela mesma.

Memórias literárias – Gênero em que o memorialista narra suas lembranças do passado, recriando-as conforme elas vão surgindo em sua mente, sem se preocupar com a ordem cronológica dos acontecimentos.

Pelo título, “Quem foi Miguel de Cervantes? O cavaleiro da triste figura”, é possível saber se a *Leitura 2* é um trecho de um texto de memórias, de uma biografia ou de uma autobiografia? Justifique sua resposta.

2. Lendo o texto, você ficou sabendo muitas coisas a respeito da vida de Cervantes.

- Qual o nome completo de Cervantes? *Miguel de Cervantes Saavedra.*
- Onde e quando nasceu o criador de Dom Quixote? E quando morreu? *Nasceu em Alcalá de Henares (na Espanha), em 1547; morreu em 1616.*
- Cervantes passou a vida apenas dedicado aos livros? Explique.

3. Em sua opinião, informações como as que recuperou no exercício 2 são importantes em uma biografia? Por quê?

4. Em um texto biográfico, além de dar informações básicas – como nome, data de nascimento e morte e cidade de origem –, o autor conta fatos que marcaram a vida do biografado.

- Conte algumas aventuras vividas pelo escritor que constam do texto.
- Cervantes recebeu reconhecimento em vida por sua obra? Por que é possível afirmar isso? *Muito pouco: morreu pobre e abandonado.*
- Por que ele recebeu o apelido de “O maneta de Lepanto”?

Porque um tiro durante a batalha de Lepanto deixou a mão esquerda de Cervantes imobilizada para sempre.

A Batalha Naval de Lepanto foi travada na Grécia, em 1571. Lutaram, de um lado, europeus cristãos e, de outro, turcos muçulmanos.



1. Professor: Ajude os alunos a perceberem que o título leva a pensar em uma biografia, pois tanto a autobiografia como as memórias literárias são escritas na primeira pessoa, e o título com o verbo na 3ª pessoa se refere à pessoa cuja vida será contada. Se achar pertinente, explique aos alunos que o biógrafo faz uso de todo o tipo de material que tenha a seu dispor para realizar a biografia de alguém: as obras do biografado (especialmente cartas e diários), documentos oficiais, memórias de contemporâneos, recordações de testemunhas vivas, conhecimento pessoal, outros livros sobre o biografado, fotografias e pinturas.

2. c.) Não, teve uma vida cheia de aventuras e lutou muito pela própria sobrevivência.

3. Habilidade em foco: identificar os possíveis elementos constitutivos da organização interna de um gênero específico.

Professor: Espera-se que os alunos percebam que são importantes para que o leitor possa localizar o biografado no tempo e no espaço e construir uma imagem o mais fiel possível da pessoa biografada.

4. a.) Matou um desocupado em um duelo, foi feito prisioneiro por piratas e escravizado, foi acusado de desviar verbas e condenado à prisão.

PRODUÇÃO ESCRITA

Biografia

PRODUÇÃO PARA O PROJETO

A proposta, aqui, é que você escreva uma pequena biografia para ser lida pelos colegas e, eventualmente, aproveitada no projeto do final do ano.

Para se inspirar, observe a capa de algumas biografias e converse com seus colegas.

- Vocês conhecem todas essas pessoas? Resposta pessoal.
- O que elas têm em comum? Destacaram-se nas respectivas áreas de atuação.

Professor: Converse com os alunos sobre as pessoas que são objeto de biografias: em geral, são pessoas que nos despertam, de alguma forma, o desejo de conhecê-las melhor, porque se destacaram em sua área de atuação, porque são carismáticas, porque modificaram o mundo em alguma medida (positivamente ou não). As biografias podem ser produzidas em duplas.



Antes de começar

1. Escolha uma pessoa que você admira, que gostaria de conhecer melhor e apresentar aos colegas. Pode ser um atleta, um cantor, um ator, um cientista, um político, um líder religioso. E pode também ser a pessoa que você entrevistou para a produção de texto anterior.
2. A forma de pesquisar depende da pessoa que você escolheu.
 - a) Se for uma pessoa pública, consulte, na biblioteca da escola, livros, revistas e sites e reúna todos os dados que conseguir (mais adiante você fará uma seleção do conteúdo).
 - b) Se seu biografado for a pessoa entrevistada na atividade anterior, consulte suas anotações e verifique que informações faltam para completar a biografia. É possível que você precise voltar a conversar com essa pessoa.

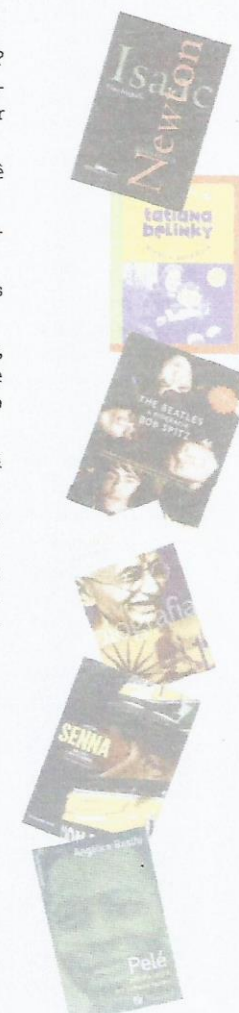
Planejando a produção

1. Terminada a pesquisa, releia suas anotações.
 - Você conseguiu informações sobre todas as fases da vida do biografado?
 - Anotou com atenção datas, nomes de pessoas e de lugares? (Lembre-se de que, em seu texto, o tempo e os lugares serão indicados por locuções adverbiais.)
2. Faça uma lista de adjetivos que caracterizem o biografado, que você poderá usar no texto.
3. Para transformar as informações de que dispõe em um texto biográfico, você precisa:
 - a) primeiro, selecionar o que vale a pena dizer e deixar de lado os dados desinteressantes ou repetidos;
 - b) em seguida, fazer uma breve apresentação do biografado ao leitor, pois é possível que ele não o conheça. Veja que, na biografia de Cervantes, já na segunda frase se esclarece o leitor: Cervantes é o autor do famoso romance *Dom Quixote*;
 - c) depois deve organizar os fatos, apresentando-os ao leitor na ordem em que aconteceram e agrupando os conteúdos em parágrafos.
4. Para definir a linguagem do texto, pense em seus leitores, que serão seus colegas de classe e, talvez, também alunos de outras turmas. Como se trata de um público jovem, você pode empregar algumas expressões mais informais, desde que não comprometam a compreensão do texto. Prefira usar palavras que possam ser entendidas por todos. Atente para o foco narrativo, em terceira pessoa.
5. Redija a biografia.

Avaliação e reescrita

1. Quando o texto estiver pronto, mostre-o a um colega para que ele observe os itens a seguir.
 - O texto foi escrito na terceira pessoa e organizado em parágrafos?
 - Cada parágrafo trata de um aspecto da vida do biografado?
 - Os fatos foram apresentados na ordem cronológica?
 - Nos trechos que relatam acontecimentos passados, predominam verbos no passado?
 - Os advérbios e locuções adverbiais ajudam o leitor a compreender quando e onde se passam os acontecimentos?
2. Reescreva seu texto, levando em conta as observações do colega que você achar pertinentes. Entregue-o ao professor.
3. Guarde uma cópia da biografia para o projeto do final do ano: o programa de rádio.

Professor: O projeto deste ano busca levar os alunos a, colaborativamente, produzir um programa de rádio reunindo produções realizadas por eles durante o ano. Aproveite este momento para apresentar o projeto à classe.



2. Professor: Peça aos alunos que passem os textos corrigidos a limpo e promova uma socialização das produções, organizando a troca das biografias entre os alunos, de maneira que cada um conheça pelo menos duas biografias, além da que escreveu.

ANEXO 06 (Texto 14)

[Redacted]

[Redacted], nasceu no dia [Redacted] de [Redacted] de [Redacted] no [Redacted], filha de [Redacted] e de [Redacted].

[Redacted] quando criança estudou na Unidade Escolar [Redacted] e no ensino médio estudou na Unidade Escolar [Redacted] as duas escolas em [Redacted].

Ela já morou em [Redacted] e agora em [Redacted]. Ela quando criança gostava muito de brincar de Correr.

Ela sonhava em ser enfermeira, mas não conseguiu. O que ela mais gosta de fazer bolo e doces, ela gosta de fazer bolo e doces para seus filhos.

Hoje o sonho dela é que os filhos dela se formem, e ela pretende conseguir. Ela se sente feliz com a família e a vida dela, porque para ela é o bem, mais precisa dela.

Ela deseja para o futuro, saúde e paz, ela vai conseguir isso se alimentando bem e com boas companhias, e ela vai conseguir isso se esforçando.

ANEXO 07 (Texto 19)

Quando nasceu em [redacted] em [redacted] filho de [redacted] e [redacted].
Quando criança estudou na [redacted].
O ensino fundamental menor e o ensino fundamental maior. Ele já morou em outros lugares.
O sonho de [redacted] era jogar futebol e ele também tinha outros sonhos tipo ir para um campeonato e hoje tem [redacted] anos e conseguiu realizar os seus sonhos quando foi adolescente. [redacted] é tocador de uma Banda de Jorjê ele adora tocar violão e até porque quando canta não é bem só pro ele e sim para todos. Ele quer se formar num Curso Superior.
[redacted] deseja realiza-lo e ele se sente feliz com sua família muito feliz e tem a vida que ele tem e também ele não tem o que dizer da sua vida e até porque ele está rodeado de gente que ama ele. [redacted] ele deseja ser feliz construindo uma vida melhor tipo - ganhando, tendo filhos e emzim construindo uma família.

ANEXO 08 (Texto 15)

ela nasceu em [redacted] em [redacted]
filha de [redacted] e de [redacted]
[redacted] Estudou no ensino
fundamental na escola [redacted]
até o 5º ano e ela existiu no 5º ano porque
ela teve que trabalhar e não tinha para estudar
por isso teve que estudar só até o 5º ano.
Ela disse que gostava de brincar quando
era criança e sempre ela era se formou
na faculdade para dar diploma mas não
mais ela não teve como realizar. Ela trabalha
porque que eu e meus irmãos não temos a
mesma vida que ela tem.
O sonho dela é ser eu e meus irmãos
formados na faculdade. Ela se sente feliz
com sua vida e com sua família com
a vida dela foi difícil mas mesmo assim
ela é feliz com sua vida e sua família.
Ela deseja voltar a estudar mas ela con-
tinua sem para estudar. Ela gostava de
estudar para fazer um curso de enfermagem
mas ela não tem tempo nenhum para
estudar.

ANEXO 09 (Texto 25)

[redacted] nasceu no [redacted] no estado do [redacted], no dia [redacted] filha de [redacted] e de [redacted]. Estudou no [redacted] no Ensino fundamental mais 6º ao 9º ano, e no [redacted] no Ensino fundamental mais (1º ao 5º ano) na cidade de [redacted]. Ela nasceu no [redacted] e veio para [redacted] com [redacted] anos de idade. Quando criança gostava de assistir desenhos. Ela gostava em trabalhar e estudar só conseguiu realizar o estudo dela mais, não conseguiu trabalhar. gosto de ouvir música por que eu gosto de cantar.

O meu sonho e trabalhar para ter minha casa mais ainda não realizei, Eu sou feliz com minha família por que eles não tudo que eu tenho eles deseja um mundo melhor e se feliz com minha família.

ANEXO 10 (Texto 20)

... nasceu em ... de ... em ... em ...
... filha de ... e de ...
... Estudou na Es-
cola ... de ... a ... sempre currou de ...
... morou em ... e veio para ...
... Na fase adulta sempre gostou de andar de bicicle-
ta e brincar de basquete. O sonho de ... sempre
foi ser feliz mais ainda não foi realizá-lo.
... hoje meu sonho é ser feliz com minhas filhas pre-
sionas hoje meu sonho é trabalhar e dar um bom
Vida para suas filhas.
... falou que só vive para suas filhas
e também para seus pais e também para sua
família.
... deseja um país livre da Corrupção
e o poder de ir a qualquer lugar sem se preocu-
par com a Violência e ser feliz com sua fami-
lia.

ANEXO 11 (Texto 24)

_____, nasceu dia ____ de ____ de _____, em _____, filho de _____ e de _____.

_____ estudou na Escola Municipal _____ até o 9º ano, já na adolescência ele estudou na U.E. _____ até o 3º ano do Ensino Médio.

_____ já marcou em seu estudo a cidade que foi _____. Ele na infância gostava de brincar no bairro público de _____. Na infância como diz o _____ ele sonhava ser um fisioterapeuta. O que ele está se profissionalizando.

De acordo com _____ ele fala que sua família é reunida de mais e que ele ama seus irmãos. O sonho de _____ é construir sua clínica de fisioterapia em _____ e em _____.

Ele deseja ser muito feliz com a profissão que ele está se profissionalizando que é fisioterapia.

ANEXO 12 (Texto 30)

Um pouco sobre Xuxa Meneghel

Maria da Graça ou Xuxa como é chamada, nasceu em Santa Rosa, no interior de Rio Grande do Sul. De lá tanto, como seu pai era militar, sua família mudava de cidade com bastante frequência. Maria da Graça tem outros quatro irmãos, e foi um deles "Bladimir" quem inventou, em 1998, a lei que adicionou ao seu registro civil.

Antes de apresentar o "Xou da Xuxa" na Rede Globo que ficou no ar de julho de 1986 a 31 de Dezembro de 1992, a leiinha chamada de "Clube da Criança" transmitida pela extinta Rede Manchete. Xuxa cantava com um time de ajudantes de palco chamados "Poquitos" cujo trabalho se tornou o sonho de consumo de milhares de miminhos de todo país.

Hoje a Xuxa mora em São Paulo, trabalha na emissora Record, fez o "Programa Dancing Brasil" sua filha Sasha Meneghel mora nos Estados Unidos (E.U.A). Alguns meses atrás quando a "Rainha dos Baixinhos" vinha para a inauguração da "Casa X" quando estava no seu aniversário, falando com a Sasha "sua filha" o seu aniversário foi atingido por um raio mas ela passou bem.

ANEXO 13 (Texto 68)

Baiana Vevete

Ivete nasceu em Juazeiro no Norte da Bahia, no dia 27 de maio de 1972. O nome completo da baiana é Ivete Maria Dias de Sangalo. Cedeu o espaço da cantora já entregou que o prato favorito da amada é bode frito.

Após seus shows, a cantora Procura se alimentar com alimentos Pastosos como sopas.

Ivete foi indicada 23 vezes ao Grammy Latino, vencendo três, em 2005, 2012 e 2014. Sim, cantora não era o sonho de Vevete ela queria ser dentista ou jogadora de handball, mas seguiu carreira como cantora. A primeira vez que Vevete subiu em um Palco foi quando tinha 11 anos, no São João de Senhor do Bonfim no show do Oswaldinho do Acordeon;

Antes de Daniel Lody, Ivete foi casada com Davi Moraes, entre 2002 e 2004. E já nomeou nomes como Luciane Huck e Fabio Duarte, criador Kitdanieli. Mas hoje ela é muito feliz com seu espaço e seus filhos.

Ivete e Demais!

Ivete é uma mulher que desde criança seu sonho era ser dentista ou jogadora de handebol; mais o destino escolheu pra ela ser cantora. Ela fez xixi na cama até os 10 anos foi crescendo e em fim foi criando foi concertando sua carreira de cantora. Ela sonhava em ser dentista ou jogadora profissional. Mas Ela entendeu que o coração de dizia pra ela ser cantora.

O que a Ivete mais gosta em si mesma? "suas pernas. Ela diz "Eu posso estar gordinha magrinha, sem tanus (definição no verão, no verão que elas estão sempre ~~sem~~ lá lindas".

Ivete ficou muito nervosa eu acredito porque a primeira vez de Ivete no palco foi com 11 anos, no Bairro São João de Senhor do Bonfim, no show de: os sua dinheiro do Acourem.

Qual o maior medo da Ivete? "Ela só dorme no escuro absoluto. Se tiver a luz da TV, Ela não dorme tem que desligar todos os aparelhos da tomada.

Ivete chamada de Ivete adorava quando no seu Bairro paltava luz; na infância sempre qui isso acontecia,

Ivete e seu pai corriam pra porta para cantar seu paz pegava o violão e Ivete cantava.

Agora que Ivete tem seus bebês gemos estará sendo feliz em família. FTM.

Mais sobre Cauã reymund

Cauã reymund marques nasceu dia 30 de maio de 1980 (38 anos) a mãe dele engravidou dele com 17 anos foi uma mistura de penemas, se fosse menina seria Luana, aliás o nome dele seria Luan, mas foi Cauã.

Ele começou a carreira trabalhando como modelo, aos dezesseis anos de idade, por conta disso chegou a morar em milão e Paris, começou a trabalhar como estilista, como Gaultier e Ferré.

Na volta ao Brasil estreou uma campanha para a Zesmpi, ao lado de Giseli Bündchen e Fernanda Tauores, em sequência, viriam as edições da semana da moda de São Paulo, de 1999 e 2000, e um editorial para Karl Lagerfeld, em Paris.

Ele também tinha mania de desmontar os brinquedos, porque ninguém não dava os brinquedos que ele queria, desmontava as peças e fazia um novo brinquedinho e quando não rolava os brinquedos ele pegava um papéizinho, desenhava e colava com um dessec.

O filme preferido dele era Top Gun, mas o primeiro ídolo dele não foi o Top Gun, era o personagem do filme dele, o Avião Peter "Maverick" Mitchell, ele tinha eu acho uns 13 anos e Assistiu o Filme uma 14 vezes.

Ele foi muito bagunceiro foi comuidado a se retirar varias vezes das escolas onde ele ia, ele era um aluno Mediano.

ANEXO 16 (Texto 62)

Algumas Palavras sobre mim

Eu sou a _____ tenho _____ anos
sou filha de _____, moro me _____
mas já morei no Bairro _____
no _____ Estudei na creche _____
_____ do _____, nasci no _____ em
data de _____ de _____ de _____.

Eu tenho o sonho de ser enfermeira mas ainda não consegui realizar por que ainda estou estudando, mas pretendo algum dia realizar, pretendo pro meu futuro que meus pais fiquem juntos para nós forma uma família linda. Eu gosto bastante de mexer nas redes sociais, dormir, comer, Eu sei que isso é vida de preguiçoso mais é o que eu gosto de fazer.

Pretendo terminar os meus estudos para eu começar a ajudar a minha família no que precisar tenho dois irmãos que vão fazer aniversário agora na data _____ de _____ anos muito eles, pretendo que eles se firmem e ajudem os nossos pais, sou evangélica e pretendo ser pro resto da minha vida porque amo demais Deus. Gosto de escutar hinos que agradem a Deus, pretendo conhecer outros lugares diferentes.

ANEXO 17 (Texto 51)

A minha Autobiografia

Eu sou o [nome] nasci no dia [data] hoje tenho [idade] anos sou filho de [nome] e de [nome]. Eu tenho mais duas irmãs mais velha a primeira se chama [nome] e a outra se chama [nome]. Eu estudei desde pequena na escola Municipal. eu já morei no povoado [nome] e na cidade de [nome], mas depois de um tempo vim para [nome] morar no Bairro [nome], num sítio que tem muitas arvores e animais, nele também tem uma piscina.

☺ que eu gosto de brincar pela manhã é com os meus cachorros e de bicicleta e de tarde eu vou para a escola estudar para dar um futuro melhor para os meus pais. ☺ meu sonho é ser um grande advogado e pretendo ser um dia para eu ter a minha própria casa e meus cachorros. Eu agradeço a minha família por me ter ajudado na escola eu adoro, amo a minha família por tudo que eles fizeram por mim.

ANEXO 18 (Texto 63)

Autobiografia de _____

Eu sou o _____, Tenho _____ anos. Sou filho de _____ e _____. Tenho 2 irmãs, comigo faz 3 irmãs, o nome delas é _____ e _____. Moro no bairro _____ na zona sul de _____. Nasci no dia _____ Já morei em _____ mas voltei para _____ em _____ com apenas _____ anos de ônibus com a minha família.

Tenho um sonho de ser engenheiro civil, pretendo estudar bastante para poder realizar. No meu dia-dia eu jogo video game. Já estudei na creche _____ até o 5º ano do ensino fundamental e agora eu estou na _____ no 7º ano do ensino fundamental.

Eu pretendo continuar morando em _____ e comprei um apartamento na Zona sul e fiz o meu escritório e esta é uma parte da minha vida e pretendo mais coisas...

ANEXO 19 (Texto 65)

Um Touco De Mim

Eu sou [redacted] tenho [redacted] sou filha de [redacted] estado, [redacted] mas já morei em [redacted] estudei na creche [redacted] /

Nasci em [redacted], o dia em que eu nasci foi [redacted] e eu nasci em [redacted] o grande sonho que eu tenho é entrar para a polícia ou ser designer de "GAME" e esses são meus sonhos e ainda não.

Realizei porque ainda não sou adulta mas pretendo realizar eu pretendo para o futuro é viajar para São Paulo e ver a minha "MÃE" DINOVA e que eu não gosto de fazer a loja no celular o meu.

Passo tempo preferido é dormir aí as vezes eu gosto de fechar os olhos e lembro que a minha irmã Taqui e eu tenho três irmãos que se chama [redacted], e eu já tive momentos bem ruins tipo brigas.

E separação do meu pai. Tem o gato que se chama, A marlinã e Urubana eu tenho três cachorras que se chama, belinha, figulite, e nenê

ANEXO 20 (Texto 49)

Minha vida

Eu sou a [redacted] tenho [redacted] anos
sou filha da [redacted] e do [redacted]
[redacted], estudei na Escola Municipal
[redacted], nasci no dia [redacted] de [redacted] de [redacted]
[redacted] no [redacted], bairro [redacted] cidade [redacted]

Já estudei na [redacted] ([redacted])
[redacted]. O meu sonho era de conhecer
o mar mais já realizei, mais na verdade falta mais
is um, não formar em medicina, está estudando
muito.

Quando tinha [redacted] anos a minha irmãzinha nasceu
ela nasceu no dia [redacted], de lá pra
lá minha vida mudou. Agora tenho que dividir
tudo o que eu tenho

Mais eu acho muito bom, porque antes eu
ficava sozinha, minha mãe tinha que ir trabalhar
mais meu pai, então eu ficava com minha avó
Agora já estou mocinha, já estou na 7ª Ano do
Ensino fundamental. Agora ela tem [redacted] anos já está
na mesma idade que eu cantei no começo da
Autobiografia. Então aqui é um pouco da minha
vida.

APÊNDICE

ESCOLA MUNICIPAL _____
ALUNO(A): _____
7º ANO _____

1ª) Leia o texto abaixo e responda às questões seguintes.

ELIZETE CALIXTO DE FREITAS

Nascida em Castelo do Piauí no dia 02 de fevereiro de 1978. Elizete era muito feliz e alegre gostava de conviver com sua família. Ela se divertia muito viajando com seus parentes. O lugar preferido era na casa de seu tio José porque tinha uma cachoeira com bastante flores ao redor.

Eu sinto muita falta desse lugar, gostaria muito de voltar. Disse Elizete com os olhos marejados de lágrimas. Afinal, a vida é feita de amigos e família.

Elizete é feliz sonhava de ter sua própria casa. Hoje ela é alegre com os seus filhos porque eles são bons estudantes. Eu casei em Altos no dia 17 de março de 1996. Eu estudei em três escolas boas. A minha adolescência foi bastante legal. Hoje mim sinto muito feliz de ter minha própria casa e com os meus filhos.

- a) Conforme estudado em sala de aula e após a leitura do texto acima, você considera esse texto como Biografia, Autobiografia ou Entrevista? Por quê? Explique.

- b) O que você percebeu em relação aos verbos e às pessoas do texto? Estão no mesmo tempo ou em tempos diferentes? Explique.

- c) O que você observou em relação ao 3º parágrafo? Reescreva-o conforme o 1º parágrafo.

ESCOLA MUNICIPAL _____

ALUNO(A): _____

7º ANO _____

PRATICANDO

Conforme você estudou na sala de aula sobre as características do texto Entrevista. Agora, chegou a sua vez de praticar. Então, você escolherá uma pessoa da sua família para realizar a Entrevista e depois fará a organização do texto para compartilhar com a turma. Eis aí algumas perguntas que nortearão você nessa atividade.

ENTREVISTA

1ª) QUAL O SEU NOME COMPLETO? (caso a pessoa goste de ser chamada pelo apelido, acrescente, por favor, o apelido dela)

2ª) ONDE E QUANDO NASCEU? (detalhar: colocar o nome da cidade, estado, dia e ano em que nasceu)

3ª) QUAL O NOME DOS SEUS PAIS? (Colocar o nome completo, por favor, nome e sobrenome)

4ª) ONDE VOCÊ ESTUDOU O ENSINO FUNDAMENTAL E O ENSINO MÉDIO? (Colocar o nome da escola e também o nome da cidade onde fica essa escola)

5ª) VOCÊ SEMPRE MOROU EM TERESINA OU JÁ MOROU EM OUTROS LUGARES? QUAIS FORAM ESSES LUGARES? (Colocar o nome da cidade, estado e/ou povoado onde já morou)

6ª) O QUE VOCÊ MAIS GOSTAVA DE FAZER QUANDO ERA CRIANÇA?

7ª) QUANDO CRIANÇA QUAL ERA O SEU SONHO? VOCÊ CONSEGUIU REALIZÁ-LO?

8ª) HOJE O QUE VOCÊ MAIS GOSTA DE FAZER E POR QUÊ?

9ª) HOJE QUAL É O SEU SONHO? PRETENDE REALIZÁ-LO?

10ª) VOCÊ SE SENTE FELIZ COM A FAMÍLIA E A VIDA QUE TEM? POR QUÊ?

11ª) O QUE VOCÊ DESEJA PARA O SEU FUTURO? (peça por favor que a pessoa detalhe, por exemplo, se ela responder "Desejo ser feliz", pergunte "Como?" E peça para que ela diga o que ela está fazendo ou deseja fazer para alcançar essa felicidade)

TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO- TALE

Você está sendo convidado(a) como voluntário(a) a participar da pesquisa “OS DESLOCAMENTOS ENUNCIATIVOS DE PESSOA-ESPAÇO-TEMPO NO TEXTO BIOGRAFIA”. Nesta pesquisa, o nosso objetivo é analisar as práticas linguísticas a serem aplicadas no exercício da produção textual de Biografias, observando os deslocamentos de pessoa e tempo produzidos pelo aluno do ensino fundamental maior. O motivo que nos leva a pesquisar esse assunto é buscar nessa investigação, caminhos para uma reflexão sobre a sua atuação (aluno) nas práticas de ensino aprendizagem. Dessa forma, a pesquisadora pretende construir conhecimentos que possam levá-los a traçar uma abordagem de ensino de Língua Materna para a atuação do profissional de Letras.

Para este estudo adotaremos os seguintes procedimentos:

- 1) Após a aprovação de seu responsável, durante três ou quatro aulas de português, a pesquisadora desenvolverá leitura de Biografias e Autobiografias para que os alunos percebam as semelhanças e diferenças na produção desses textos, mas o foco da nossa pesquisa será a produção textual de Biografia para compreendermos o porquê dos deslocamentos enunciativos de pessoa e tempo nesse tipo de texto;
- 2) As atividades didáticas serão ministradas pela própria pesquisadora **Lidiany Pereira dos Santos** com a presença da professora titular da turma;
- 3) Durante o desenvolvimento das atividades, a pesquisadora irá orientar sobre cada uma das etapas didáticas a serem executadas em relação à coleta da pesquisa;
- 4) Para participar deste estudo, o responsável por você deverá autorizar e assinar este termo de consentimento. Você não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Você será esclarecido(a) em qualquer aspecto que desejar e estará livre para participar ou recusar-se. O responsável por você poderá retirar o consentimento ou interromper a sua participação a qualquer momento. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que é atendido(a) pela pesquisadora, esta irá tratar a sua identidade com padrões profissionais de sigilo. Você não será identificado em nenhuma publicação.
- 5) Os dados e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com a pesquisadora responsável por um **período de 5 anos**, e após esse tempo serão destruídos. Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias, sendo que uma cópia será arquivada pelo pesquisador responsável, e a outra será fornecida a você.

Eu, _____, portador(a) do documento de Identidade _____ (caso já tenha documento), fui informado(a) dos objetivos do presente estudo de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações, e o meu responsável poderá modificar a decisão de participar se assim o desejar. Tendo o consentimento do meu responsável já assinado, declaro que concordo em participar desse estudo. Recebi uma cópia deste termo de assentimento e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Teresina (PI), 08 de agosto de 2018.

Assinatura do(a) menor

Lidiany Pereira dos Santos
Assinatura do(a) pesquisador(a)

Em caso de dúvidas com respeito aos aspectos éticos deste estudo, você poderá consultar:

DOUTORANDA: LIDIANY PEREIRA DOS SANTOS (PESQUISADORA RESPONSÁVEL)
TERESINA / PI
TELEFONE (86) 99927-6608
E-MAIL: LIDIANY SANTOS1@HOTMAIL.COM

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

O menor _____, sob sua responsabilidade, está sendo convidado (a) como voluntário (a) a participar da pesquisa “OS DESLOCAMENTOS ENUNCIATIVOS DE PESSOA-ESPAÇO-TEMPO NO TEXTO BIOGRAFIA”. Nesta pesquisa, o nosso objetivo é analisar as práticas linguísticas a serem aplicadas no exercício da produção textual de Biografias, observando os deslocamentos de pessoa, espaço e tempo produzidos pelos alunos do ensino fundamental maior. O motivo que nos leva a pesquisar esse assunto é buscar nessa investigação, caminhos para uma reflexão sobre a sua atuação nas práticas de ensino aprendizagem. Dessa forma, a pesquisadora, pretende construir conhecimentos que possam levá-los a traçar uma abordagem de ensino de língua materna para atuação do profissional de Letras.

Para esta pesquisa adotaremos o(s) seguinte(s) procedimento(s): leitura de Biografias e Autobiografias para que os alunos percebam as semelhanças e diferenças na produção desses textos, mas o foco da nossa pesquisa será a produção textual de Biografias para compreendermos o porquê dos deslocamentos enunciativos de pessoa-espaço-tempo nesse tipo de texto. Para participar desta pesquisa, o menor sob sua responsabilidade não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Apesar disso, caso sejam identificados e comprovados danos provenientes desta pesquisa, ele tem assegurado o direito à indenização. Ele será esclarecido (a) em qualquer aspecto que desejar e estará livre para participar ou recusar-se a participar. O (A) Sr.(a), como responsável pelo menor, poderá retirar seu consentimento ou interromper a participação dele a qualquer momento. A participação dele é voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que é atendido (a). O pesquisador irá tratar a identidade do menor com padrões profissionais de sigilo. O menor não será identificado em nenhuma publicação. Os riscos envolvidos na pesquisa consistem em nenhum risco. A pesquisa contribuirá para formação continuada nos estudos linguísticos de língua materna.

Os resultados estarão à sua disposição quando finalizada. O nome ou o material que indique a participação do menor não será liberado sem a sua permissão. Os dados e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável, por um período de 5(cinco) anos, e após esse tempo serão destruídos. Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias originais, sendo que uma será arquivada pelo pesquisador responsável, e a outra será fornecida ao Sr. (a).

Eu, _____, portador (a) do documento de Identidade _____, responsável pelo menor _____, fui informado (a) dos objetivos do presente estudo de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas.

Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações e modificar a decisão do menor sob minha responsabilidade de participar, se assim o desejar. Recebi uma via original deste termo de consentimento livre e esclarecido e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Teresina (PI), 08 de agosto de 2018.

Assinatura do (a) Responsável

Lidiany Pereira dos Santos
Assinatura do (a) Pesquisador (a)

Em caso de dúvidas com respeito aos aspectos éticos deste estudo, você poderá consultar:

DOUTORANDA: LIDIANY PEREIRA DOS SANTOS (PESQUISADORA RESPONSÁVEL)
TERESINA / PI
TELEFONE (86) 99927-6608
E-MAIL: LIDIANY SANTOS1@HOTMAIL.COM